

História das Idéias e dos Fenômenos Espíritas

(Nas Antigas Culturas e nas Culturas Primitivas)

Volume I



José Carlos Leal

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

*José Carlos Leal,
nasceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de fevereiro de 1940.
Graduou-se em letras na Universidade Gama Filho e pós-graduou-se
em nível de Mestrado em Teoria da Literatura
na U F RJ e em livre docência na UGF em ciência da literatura.
Escritor consagrado, publicou vários ensaios,
livros, em sua maioria dedicados a jovens.*

JOSÉ CARLOS LEAL

HISTÓRIA DAS IDÉIAS E DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS
(NAS ANTIGAS CULTURAS E NAS CULTURAS PRIMITIVAS)
Volume I
Rio de Janeiro
1999

1ª Edição

1ª Tiragem-1988- 1º milheiro

2ª Edição - Revisada e ampliada

1ª - Tiragem - Março de 1999 –1º milheiro

Capa: Jefferson Borges

Coordenação Editorial: Jefferson Borges

Copidesque e Revisão de Originais: Albertina Escudeiro Seco

Digitação: Clara Lúcia da Cunha França

Direitos desta edição reservados a
s Mahatma Gandhi Espaço Cultural

ÍX

Capa: *O Sacrifício de Abraão*

De autoria do pintor italiano Caravaggio (1573 -1610).

Sumário

PARTE I - 7

A RELIGIOSIDADE PRIMITIVA : 7

1.1. O Espaço do Sagrado e o Espaço do Profano 7

1.2. Magia, Religião e Feitiçaria 12

1.3. O Xamanismo 15

1.4. O Animismo 21

PARTE II 26

A NOÇÃO DE ALMA ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS 26

2.1. A Sobrevivência da Alma entre os Povos Primitivos 29

2.2. Minha alma, tenha cuidado 33

2.3. Os Poderes Mediúnicos dos feiticeiros Africanos 40

PARTE III 48

A TERRA DOS FARAÓS 48

3.1. Considerações Preliminares 48

3.1. As Idéias Religiosas do Antigo Egito 49

3.3. Os Livros Funerários e O Livro dos Mortos 50

3.4. Os Outros Livros	54
3.5. A Filha do Príncipe de Baktã e o Espírito Obsessor	54
3.6. O Culto dos Mortos	57
PARTE IV	59
OS POVOS DA MESOPOTÂMIA	59
4.1. As idéias dos Sumérios e Acádios sobre vida espiritual..	60
4.2. O Mundo dos Mortos	61
4.3. Os demônios ou maus espíritos	62
4.3.1. ALU	63
4.3.2. GALLU	64
4.3.3. NANTARULEMNU	64
4.3.4. LAMASTU	64
4.3.5. PAZUZU	65
4.4. Os Espíritos e as Doenças	65
4.5. Os Espíritos da Noite	65
PARTE V :	67
OS PERSAS	67
5.1. O Masdeísmo	67
5.1.1. As Idéias Religiosas do Masdeísmo	68
5.1.2. O Destino do Homem na Outra Vida	69
PARTE VI	72
O HINDUIZMO, O KARMA E A VIDA DEPOIS DA MORTE	72
6.1. A Leido Karma	72
6.2. A idéia de outra vida no Hinduísmo	74
PARTE VII	76
O CULTO DOS MORTOS NO JAPÃO	76
PARTE VIII :	79
O POVO DE ISRAEL	79
8.1. Os Judeus	80
8.1.1. O Velho Testamento, os Fenômenos e as Idéias Espíritas ...	81
8.2. As Aparições Divinas e Angélicas	81
8.1.3. A Comunicação com os Espíritos	84
8.1.4. Esaú e Jacó	98
PARTE IX	102
O NOVO TESTAMENTO	102
9.1. Os Rituais Funerários de Israel no Tempo de Jesus	102
9.2. Jesus e os Espíritos	106
9.2.1. A Visita a Isabel	106
9.3. Os Demônios	108
9.3.1. Satã ou Satanás	108
9.3.2. Diabo	109
9.3.3. Lúcifer	109
9.3.4. Demônio	109
9.4. A Reencarnação nos Evangelhos	121
PARTE X	133
A GRÉCIA	133
10. A Religião Grega no Tempo de Homero	134
10.2. O Culto dos Mortos	146
10.3. O Culto do Fogo	147
10.4. Oráculos e Videntes	149
10.4.1. Os Oráculos	149

10.4.2. Os Videntes	150
AFILOSOFIA	152
10.5.1.0 Pitagorismo	152
10.5.2. Platão e o Platonismo	154
10.5.3. A Filosofia como uma Meditação sobre a Morte	157
10.5.4. A Teoria das Reminiscências	158
10.5.5.0 Conceito de Alma em Platão	159
10.5.6.0 Relato de Her, o Armênio	161
10.6. O Orfismo	163
10.6.1.0 Mito de Orfeu	163
10.6.2. O Mito de Dioniso Zagreu	165
10.6.3.0 Orfismo no contexto religioso	166
PARTE XI	169
ROMA	169
11.1. A Religião Romana	169
11.1.1. Os Numina	169
11.1.2.0 Culto dos Mortos	170
11.2.0 Canto Sexto da Eneida	177

PARTE I

A RELIGIOSIDADE PRIMITIVA

O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não poderia ser fruto da educação, resultado de idéias adquiridas?

Se assim fosse, por que existiria nos vossos selvagens esse sentimento?

(*O Livro dos Espíritos* - Parte I - Questão nº 5)

1.1. O Espaço do Sagrado e o Espaço do Profano

De onde vem o senso religioso do homem? Mircea Eliade, um dos maiores estudiosos do fenômeno religioso em nosso tempo, dá a essa pergunta a seguinte resposta: o homem toma conhecimento do Sagrado porque este se manifesta aos seus olhos como alguma coisa de diferente, de estranho ou insólito que se opõe, frontalmente, ao Profano. Do ponto de vista de Eliade, é desta oposição entre o Sagrado e o Profano que derivam todas as formas da expressão religiosa que conhecemos.

Surge, aqui, porém, uma outra questão: em que o Sagrado é diferente do Profano? O que faz, por exemplo, que uma pedra ou uma árvore se destaquem e se

Escultura Asteca, Coatlicue, deusa da Terra e da morte.

tornem diferentes de outras pedras e de outras árvores? Para se responder esta pergunta, devemos tentar um esforço no sentido de compreender o que M. R. Dorado chama de "fenômeno de relação". Conforme este antropólogo, o homem estabelece, com a realidade exterior, relações duráveis que envolvem certos comportamentos específicos como o respeito, o temor, a reverência, etc. Tais atitudes ajudam o homem a construir esquemas que o auxiliam no seu contato com a realidade.

Esta relação com o mundo é feita por duas vias: a afetiva e a intelectual. A primeira, possivelmente, dá origem à Religião e à Arte, e a segunda, ao conhecimento empírico, inicialmente, e, mais tarde, à Filosofia e à Ciência. Tratando deste assunto, escreveu M. R. Dorado:

"Os arapcsh e os zunis, povos indígenas norte-americanos, são exemplos típicos da dualidade exposta. Nos primeiros, o predomínio afetivo determinou um afastamento de toda cosmologia e uma espécie de introversão sexual obsessiva que domina todas as suas atividades. Nos zunis, o afã cognoscitivo estabelece a classificação dos conhecimentos cósmicos e fortalece a íntima relação entre o homem e tudo que o rodeia."

(Dorado, Miguel Rivera. *An/nz/smo e Totemismo, História das Religiões*. Editorial Marins. Vol. I. p.3.)

De um modo geral, para o homem primitivo, tudo é sacralizável e isto nos leva a perguntar novamente sobre as diferenças entre o Sagrado e o Profano. Eliade (*Tratado de História das Religiões*, p.36) nos diz que, embora todas as coisas possam ser sacralizadas, nem todas são sagradas. Ao falar do culto das pedras, lembra Eliade que não se quer dizer que todas as pedras sejam sagradas, mas que certas pedras, em virtude de determinadas características ou funções, foram sacralizadas. A rigor, tais pedras não podem ser consideradas como pedras comuns porque, de fato, são hierofanias, o que as faz ir além de suas condições naturais. Em verdade, a sacralização se dá em virtude da participação do objeto em determinado simbolismo que tenha sido atribuído durante um ritual de consagração ou adquirido pela inserção voluntária ou involuntária de um determinado objeto em um espaço saturado de sacralidade. Neste segundo caso acontece o que se poderia chamar de sacralidade por contágio. Assim, uma colina pode se tornar sagrada porque nela existe um templo consagrado a um determinado Deus. Pássaros de uma determinada espécie podem ser considerados sagrados porque fazem os seus ninhos em uma árvore sacralizada, e assim por diante. Sacraliza-se também o que não se conhece ou não se controla nem se manipula, como acontece com a maioria dos fenômenos da natureza. O Sagrado produz, naqueles que dele se aproximam, uma forte sensação de respeito e de temor, porque se supõe que o Sagrado possua uma espécie de energia perigosa para o homem despreparado. É por isso que, para os violadores das coisas sagradas, espera-se rigorosa punição. Para que o indivíduo entre

em relação com o Sagrado, é necessário que tome certas precauções. Quando Moisés, no Monte Horebe, se aproxima da sarça ardente, ouve a voz de Deus que o adverte: "Não te aproximes, tira as tuas sandálias porque o lugar em que tu estás é terra santa" (*Êxodo III. 5*). O desconhecimento desta regra é sempre perigoso. Em certas sociedades primitivas em que o chefe é considerado sagrado, o seu corpo, as suas roupas, as suas armas, seu barco, seus enfeites e até mesmo o seu nome são perigosos e devem ser preservados e respeitados. O desrespeito a isso, em muitos casos, pode levar à morte.

O modo como o Profano se sacraliza chama-se consagração. A consagração é uma cerimônia realizada por indivíduos que possuem conhecimentos bastante exatos das coisas divinas. São esses iniciados que reconhecem os sinais propícios ou as ocasiões indicadas para que uma pessoa ou um objeto passe do espaço Profano para o espaço Sagrado. Há também situações políticas e econômicas que determinam a consagração, como acontece quando um membro da comunidade se torna rei ou sacerdote, pois acredita-se que tais pessoas ascendem a essas posições por vontade expressa da divindade.

Pode acontecer também que se dê um processo inverso através do qual o que era Sagrado se torna Profano. Isto acontece quando o objeto sagrado perde, por alguma razão, as notas essenciais que o credenciavam como divino. Tal mudança, entretanto, é feita sempre por meio de um ritual. Ouçamos mais uma vez M. R. Dorado:

"A troca de estado não costuma ser automática. Certos ritos e cerimônias são necessários para assegurar que tal mudança aconteça efetivamente. As cerimônias e o ritual podem ser simples ou complexos de acordo com as diferentes circunstâncias para cada coisa. Os ritos em si e os instrumentos que se empregam neles podem ter, por sua vez, um caráter sagrado. (...) assim, os objetos do culto chegam a ter, para a mentalidade primitiva, uma força independente da que emana de sua própria utilização. Nos ritos sagrados, certos dias, meses, ou até mesmo anos em que têm lugar as cerimônias, são sagrados e impõem aos crentes uma série de atos positivos ou negativos; orar, assistir aos ofícios religiosos, vestir-se de uma determinada maneira, abster-se de trabalhar ou de realizar certas tarefas, jejuar, não ter relações sexuais e muitas outras que formam um código que os membros da comunidade aprendem desde a infância" (Dorado, op. cit., p.4.)

Um conceito estreitamente relacionado com o Sagrado é o de mito, sobre o qual traçaremos algumas rápidas considerações. Chama-se mito uma narrativa que tem por personagens os deuses e outros seres da ordem espiritual. Os mitos são relatos que se passam nos tempos primordiais "*in illo tempore*" quando todas as coisas estavam no início e os deuses vinham à terra participar da vida dos homens. O mito é uma história verdadeira, uma história

viva em que o grupo acredita e, através da qual, modela os seus comportamentos e instituições. Mircea Eliade (*Mito e Realidade*, p. 13) lembra-nos que os pawnee distinguem com clareza o mito das fábulas e de outros relatos de natureza ficcional.

O que narram os mitos? Qual o conteúdo desses relatos?

Narram essas histórias a origem do mundo, do homem e de suas

10

instituições, dos animais e das plantas. Neste sentido o mito é algo semelhante a uma protofilosofia que procura responder perguntas a respeito da realidade exterior. Se, por exemplo, em uma certa comunidade de pescadores, pergunta-se por que fazem as suas canoas de uma determinada maneira, eles nos contam um mito sobre o tempo primordial quando o ancestral mítico da tribo ali esteve e ensinou-os a construir canoas daquele modo.

Os mitos não são de domínio público, antes são narrados aos neófitos durante o processo de iniciação. O conhecimento desses relatos tem profunda importância uma vez que, através desse saber, se adquire um poder mágico sobre os seres componentes da realidade exterior. Um caçador que conheça a origem mítica da caça tem possibilidades bem maiores de sucesso do que um outro que ignore tal aspecto.

Com o que dissemos até aqui, já podemos revelar em que consiste a estrutura do mito e as suas funções. Consoante a lição de Eliade (op. cit., p. 20): 1) Os mitos constituem-se dos atos de seres sobrenaturais e das suas relações com o mundo dos homens. 2) Os mitos são histórias verdadeiras e sagradas. 3) Os mitos se referem sempre à criação de alguma coisa, contando o modo como algo veio à existência ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; por esta razão, os mitos constituem paradigmas dos atos humanos significativos. 4) O conhecimento do mito possibilita o domínio e a manipulação do objeto a que se refere. 5) O mito é revivido quando somos impregnados pelo poder sagrado dos eventos rememorativos ou reatualizados.

Um outro conceito que se encontra relacionado com o Sagrado é o de mana. O Sagrado possui alguma coisa que o torna diferente do Profano e que o marca em definitivo com uma espécie de predestinação. Os melanésios chamam esta energia ativa e misteriosa de mana. Conforme as crenças melanésicas, o mana é uma força que alguns indivíduos possuem, mas que se encontra relacionada, principalmente, com as almas dos mortos e os espíritos em geral. O mana é uma força existente tanto no mundo

11

dos homens como no mundo dos espíritos. O mundo foi criado graças ao mana da divindade. Os chefes e os indivíduos que ocupam posições de liderança são portadores de mana. Nesses casos, entretanto, a dosagem do mana é desigual. Se, por exemplo, um chefe vence outro durante uma guerra tribal, é porque o mana do vencido é inferior ao mana do vencedor.

Os objetos também possuem mana por causa das suas relações com o sagrado ou com os espíritos, fontes naturais desta energia. Um osso possui mana por estar relacionado com o espírito de cujo corpo foi parte. Codrington, citado por Eliade (*Tratado de História das Religiões*, p. 44) diz-nos que um indivíduo pode manter uma relação tão íntima com um espírito ou com a alma de um morto que fica possuidor de mana em si mesmo e pode utilizá-lo como o desejar. O mana não é, pelo menos do ponto de vista qualitativo, uma força física, mas uma força mágica. Um guerreiro valente deve a sua coragem e habilidades não propriamente às suas qualidades pessoais, mas ao mana que o espírito de um guerreiro lhe concede. Este mana se encontra como que concretizado em um pequeno amuleto de pedra que usa pendente ao pescoço, em algumas folhas que traz na cintura ou nas fórmulas mágicas que pronuncia.

Tudo o que é bom e perfeito deve essas excelências às forças do mana. Se uma lavoura cresce viçosa é devido ao mana que possui, se o rebanho não adoce e o gado se mostra forte e saudável é em virtude do mana que a tudo penetra e a tudo dinamiza.

1.2. Magia, Religião e Feitiçaria

O que, em nosso trabalho, chamamos de magia não pode ser confundido com religião, embora com ela esteja relacionada. A magia é um comportamento específico, uma técnica ou instrumento através do qual o homem pretende influir sobre o mundo dos seres sobrenaturais. A magia não é um sistema ordenado de crenças nem uma doutrina que pretende explicar a realidade objetiva, o mundo espiritual ou a existência dos deuses.

12

A magia pressupõe a existência de duas ordens de realidade: a material, na qual vivem os homens, e a sobrenatural, onde vivem os espíritos. Esses deuses, espíritos, demônios, almas de mortos precisam ser apaziguados, se furiosos; honrados, se benéficos; obedecidos, se poderosos. Para que se estabeleçam relações entre essas duas ordens, torna-se necessária a presença de homens com poderes especiais, que são conhecidos como magos, xamãs, feiticeiros, pajés e que funcionam como médiuns entre esses dois espaços. A diferença fundamental entre a magia, a religião e a feitiçaria está no modo como os seus representantes se relacionam com o Sagrado. O mago, no dizer de Frost e Hoebel (*Antropologia Cultural e Social*, p. 368) acredita que pode, através de determinados processos, dominar as forças sobrenaturais, colocando-as a seu serviço. O mago assume uma atitude arrogante ou de autoconfiança. Age como um estudante de ciências que sabe que, se seguir as regras que se encontram no seu manual de experiências, obterá invariavelmente os resultados desejados. O mago tem a certeza de que, caso siga as fórmulas corretas e o ritual adequado, é impossível para os deuses não atendê-lo. O mago, a rigor, não confia nas forças que invoca, mas na eficiência

do método que está usando. Se algo sai errado, após a conclusão do processo mágico, alguma coisa do método deve ser corrigida. O espírito do religioso, ao contrário do espírito do mago, reconhece o poder dos seres sobrenaturais. Para ele, os deuses são seres poderosos que merecem dos homens respeito e reverência. O espírito religioso nada impõe aos deuses, antes suplica as suas graças, submete-se à sua vontade. Diz o espírito religioso: "Pai, tende piedade de mim. Pai, tende piedade de mim. Estou chorando de sede. Estou chorando de sede. Tudo acabou - nada tenho para comer. Tudo acabou - nada tenho para comer.

(G. Catlin. O Kee-pa, in Frost e Hoebel, op. cit., p. 368.)

13

A feitiçaria é o uso negativo da magia ou o uso da magia em proveito próprio. O feiticeiro é aquele que manipula as forças espirituais, mas num sentido individualista. O mago-curandeiro, entre os shoshone, é chamado de pohagant, palavra que significa "aquele que tem o poder". O feiticeiro, por seu lado, é tido como tidjkipohagant, que tem o sentido de "aquele que usa o poder para finalidades negativas" (Frost e Hoebel, p. 369).

Consoante J. G. Prazer, (*O homem, Deus e a Imortalidade*, p. 163), os dois fundamentos sobre os quais repousa a magia são:

- 1) O semelhante produz o semelhante, ou ainda: um efeito assemelha-se a sua causa.
- 2) As coisas que tenham estado alguma vez em contato entre si, continuarão agindo à distância mesmo depois de terem se distanciado.

O caso mais conhecido do primeiro item é o do boneco que o feiticeiro faz, representando o enfeitiçado. Feita a imagem do inimigo, o feiticeiro começa a agir sobre ela na certeza de que os malefícios que está produzindo no boneco sucederão realmente com a pessoa de quem o boneco é uma imitação. Se, por exemplo, coloca-se um alfinete fincado na cabeça do boneco, o enfeitiçado teria uma imensa dor de cabeça. Se jogar o boneco em um poço, por certo o representado morrerá afogado, e assim conseqüentemente. Prazer chama este tipo de magia de homeopática, e acredita que tal magia se baseie na lei da similitude. Ao outro tipo de magia ele chama de contagiosa e, para ele, ela repousa na lei da contigüidade. Estes dois tipos de magia (homeopática e contagiosa) Prazer chama de Magia Simpática.

A magia, como se vê, é de profunda importância para as sociedades primitivas e aqueles que a manipulam são indivíduos respeitadíssimos pela comunidade. As sociedades cristãs não se descartaram por completo do comportamento mágico, mas há consideráveis diferenças entre a magia das sociedades primitivas e a magia nas comunidades cristãs. Nas primeiras, os magos são respeitados por sua condição de intérpretes dos mistérios,

14

agenciadores do Sagrado, pessoas escolhidas, marcadas pelos deuses cuja função é a de manter o equilíbrio ou a intermediação entre o natural e o sobrenatural. Nas sociedades cristãs, entretanto, a situação é completamente diferente, pois a religião substitui a magia e o sacerdote ocupa o lugar do mago. Nessas sociedades, a magia é marcada pela negatividade e tida como uma atividade maldita, relacionada, não raro, com o espaço do demoníaco. A medida que a ciência avança e expõe teorias explicativas da realidade objetiva, a magia se retrai até se converter numa atitude considerada como supersticiosa e colocada à margem do saber oficial. A magia, entretanto, não foi eliminada das modernas sociedades, pois ela achou o seu espaço no seio da própria religião, mas trata-se de um espaço controlado, domesticado, sem a devaneia que possui nas sociedades primitivas.

1.3.0 Xamanismo

O Xamanismo pode ser definido como o conjunto de práticas próprias dos xamãs. Entende-se por xamã um homem ou uma mulher que serve à comunidade com práticas religiosas ocasionais.

Os xamãs são pessoas emocionalmente instáveis, muito sensíveis, sujeitas a ataques epiléticos e facilmente induzidas a estados hipnóticos. Esta instabilidade emocional é característica de alguns médiuns. César Lombroso, em um livro hoje clássico intitulado *Hipnotismo e Espiritismo*, falando de Eusapia Paladino e da sensibilidade mediúnica, anotou:

"Em seus acessos mórbidos, vai à loucura histérica; passa rapidamente da alegria ao pesar; tem manias estranhas, como a de macular as mãos, o temor à escuridão; é sujeita a sonhos que a impressionam, apesar da idade madura. Não raras vezes é tomada de alucinações e vê a sua sombra; quando criança, acreditava ver dois olhos que a fixavam por trás das árvores e das sebes. Encolerizada, principalmente

15

quando ofendem a sua reputação mediúnica, é violenta, impulsiva e capaz de maltratar os adversários."

(Lombroso, César. *Hipnotismo e Espiritismo*, Lac-Sp., 1976.)

Um dos aspectos mais interessantes do xamanismo é o que se refere ao modo como o xamã adquire os seus poderes transcendentais. Na Sibéria e na Ásia norte-oriental, as principais vias de recrutamento dos xamãs são duas: a hereditariedade da profissão e a vocação espontânea. No primeiro caso, o filho do xamã torna-se também xamã e, no segundo caso, o indivíduo que não vem de uma família de xamãs demonstra certos comportamentos que são considerados pelo grupo como xamanísticos. Estes comportamentos são, em linhas gerais, os seguintes: o indivíduo tem, em estado de transe, revelações que o levam a tomar posturas e a realizar certas atitudes que os demais membros da comunidade interpretam como virtudes xamanísticas.

Entre os esquimós polares, o candidato ao xamanismo retira-se para um lugar isolado onde é visitado por espíritos. Nessa ocasião, o jovem xamã deverá procurar um xamã mais velho e mais experiente, que deverá instruí-lo e orientá-lo nas técnicas xamanísticas. Entre os apaches chirecahua, qualquer um dos membros do grupo poderá tornar-se xamã. Isso acontece se o candidato em sonhos ou em estado de vigília tem visões nas quais lhe aparece um espírito, geralmente na forma de um animal, que oferece ao neófito os poderes sobrenaturais. No caso de o candidato aceitar o que lhe é oferecido, a entidade o transporta para o mundo dos espíritos onde, após ser iniciado nas cerimônias, nos ritos e nas técnicas xamanísticas, é devolvido ao lugar onde estava no momento em que teve a visão.

Normalmente, as duas formas (hereditariedade e outorga) podem coexistir. Entre os votyaks, por exemplo, o xamanismo é hereditário, mas é também outorgado pelo deus supremo, que instrui o xamã por meio de sonhos e de visões. Willard Park, um índio paiute do Norte, citado por Frost e Hoebel (op. cit., p. 372) faz

16

um relato minucioso de sua própria iniciação. Embora o texto seja de considerável extensão, vale a pena conhecê-lo.

”Quando eu era jovem, tinha sonhos em que eu curava as pessoas. Não levava muito a sério esses sonhos. Meu tio era médico índio. Ele sabia o que ia me acontecer. Dizia-me que tivesse cuidado ao falar, para não falar impensadamente (para não ofender os espíritos sobrenaturais). Eu não me formei doutor por causa desses sonhos. Finalmente, resolvi ir para a caverna perto de Dayton. Eu tinha então cerca de cinqüenta anos. Meu tio me disse que eu não fosse lá. Resolvi por mim mesmo.

Fui para a caverna à noite. Assim que entrei, fiz oração e pedi o poder de curar doenças. Eu disse: Meu povo está doente. Eu quero salvá-lo. Quando as pessoas morrerem, daime o poder de chamá-las de novo à vida (recuperar a alma perdida). Eu disse isso para o espírito da caverna. Ele não é uma pessoa. Ele vem com a escuridão. E uma oração dirigida à noite. Depois, procurei dormir. Era difícil dormir ali. Eu ouvia toda a sorte de ruídos. Podia ouvir pessoas durante a cerimônia de uma cura. Eles estavam lá embaixo, ao pé da montanha. Podia ouvir suas vozes e os seus cantos. Então, ouvi o gemido dos pacientes. Um doutor estava cantando e curando-os. Uma mulher, com um ramo de artemísia na mão, dançava. Ela circundava o fogo pulando ritmicamente. Cada vez que pulava dizia: he, he, he. Em seguida, o xamã aspergia água sobre o paciente, usando o ramo de artemísia. O cântico, e a dança continuaram por muito tempo. Depois, o cântico parou. O paciente tinha morrido e o povo começou a chorar. Depois de algum tempo, a rocha em que eu estava dormindo começou a fender-se como um gelo que se quebra. Um homem apareceu na fenda. Ele era alto e magro. Trazia na mão uma

pena da cauda de uma águia. Disse-me: Você está aqui. Você disse as palavras certas. Você deve fazer como eu lhe digo. Faça isso para que não venha a ter dificuldades. Quando você curar deve seguir as instruções que os animais lhe dão. Eles lhe dirão como curar as doenças. Eu tenho essa pena em minha mão. Você deve arranjar penas como esta. Você também tem que arranjar coisas que acompanham esta pena. Arranje

17

contas pretas. Coloque-as nas raques das penas e amarre uma correia de pele de gamo nas raques. Arranje um casco de veado e penugens de águia. Com essas coisas você poderá ir curar as pessoas. Estas são as suas armas contra as doenças. Você deve arranjar três rolos de fumo. Pode usá-los para dizer aos seus doentes o que os adoeceu e depois você poderá curá-los. O fumo também poderá ajudá-lo se você ficar sufocado quando sorver a doença. Com isto, está começando a ser doutor. Você comporá os seus cânticos quando curar. Os cânticos estão agora em linhas retas (prontos para serem usados). Banhou-se na água do sopé do rochedo e pintou o corpo com ibi (tinta branca).

Então eu acordei. Era dia claro. Olhei em volta, mas não pude ver ninguém, o homem havia ido embora e não havia sinais de animais ou de pessoas que tivessem cantado ou curado. Então eu fiz como o espírito havia ordenado e esperei ser transformado num doutor. Em aproximadamente seis anos recebi bastantes instruções para curar.”

(*W. Z. Park, Shamanism in Western North America*, in Frost e Hoebel, op. cit., p. 372.)

Um outro relato semelhante a este, e não menos interessante, encontra-se no livro de César Lombroso, *Hipnotismo e Espiritismo*. A narrativa é feita por uma velha adivinha cafre, por nome Paula, que, durante quarenta anos, foi notável pitonisa. Vamos ao relato transcrito por Lombroso:

”Quando eu era jovem - narra ela - depois de haver dado à luz o meu terceiro filho, adoeci de convulsões, tive visões e fiquei magra como um pau. Meus parentes interrogaram um adivinho, e meu pai, que era célebre nessa arte, disse: - Trazei-a a mim, quero fazê-la clari vidente.

Meu marido se opôs, primeiramente, temendo ter de gastar muito dinheiro, mas, afinal, fui levada a uma adivinha que, junto com meu pai, me ensinou a ver claro nos mistérios. Levaram-me as três excelentes medicinas (?) de bondade, de mansuetude, de conformidade com os espíritos dos mortos. Bebia-as por trinta dias, depois lavaram-me e esfregaram-me com elas. Puseram-me nas costas peles de cabra, por distinção

18

dos meus méritos. Os espíritos falavam sempre mais comigo; nos sonhos, via os dos meus antepassados sob a forma

de lagartos pardos e comecei a profetizar. Depois de todas as provas, fui declarada hábil, conduzida a minha terra, onde me foi feita a honraria de grande festa; mataram-se bois, bebeu-se "utschwala" (cerveja dos cafres); os meus mestres tiveram a dádiva de dois bois.

Peguei um galo, ao qual dava de beber umas medicinas, coloquei-o no teto da minha cabana, e ali permaneceu, dia e noite, a fim de que visse, avisando-me com o seu cantar, a chegada dos meus clientes. Quando as convulsões estavam para me assaltar, eu gritava: Depressa, vinde ao meu auxílio: os espíritos me assaltam. O povo acorria, cantava e dançava, pisando-se os pés. Há cerca de 17 anos, o juiz de Maritzburg mandou chamar-me porque fora roubado em dois cavalos.

Eu lhe disse: Ide à cascata de Ungeni, lá encontrareis os cavalos amarrados, mas os ladrões lhes cortaram a cauda e a crina. Muitos policiais foram mandados ao local por mim indicado e encontraram os animais, conforme eu havia dito.

Os ladrões, que estavam prontos para os levar, foram presos." (Lombroso, César, *Hipnotismo e Espiritismo*, p. 101)II

Existe também a possibilidade de um indivíduo se tornar xamã sem visões, mas por investidura realizada, ritualisticamente, por um xamã experiente. Neste caso, pressupõe-se que o aspirante tem a vocação para a profissão e que o espírito-guia do investidor deu a este o sinal necessário para officiar a cerimônia. Um xamã é, de fato, um profissional da ciência xamanística que difere do sacerdote por dedicar-se à sua atividade apenas ocasionalmente. Um xamã pode ser pescador, caçador, oleiro, fabricante de armas sem que isso interfira nas suas atividades espirituais. Nas culturas onde existem xamãs as pessoas vão procurá-los como, em nossa cultura, buscamos o auxílio de um médico ou de um advogado.

Uma das primeiras edições deste, cujo título original em italiano "*Ipnotismo e Spiritismo*" manteve este título. Na 4ª edição aparece o título *Espiritismo e mediunidade*.

19

O xamã é também capaz de entrar em contato com a alma dos mortos. Os espíritos exercem uma profunda influência no xamanismo, principalmente no surgimento da vocação e da iniciação do xamã. Os espíritos dos mortos não auxiliam o xamã apenas com a sua presença ou pelo fato de possuí-lo, mas, principalmente, por levarem o candidato a entrar em contato com outros seres divinos. Auxiliam-no ainda nas viagens fantásticas que faz aos mundos superiores ou inferiores; propiciam, por fim, ao futuro xamã, conseguir se apropriar de realidades transcendentais acessíveis apenas aos mortos.

De que modo o xamã entra em contato com o sobrenatural?

A rigor, eles precisam estar em transe para se contatar com essas forças. No caso de o xamã ser emocionalmente predisposto ao transe, este se dá espontaneamente. Em caso contrário, pode chegar ao transe por meio de drogas, jejuns prolongados ou

penitências. Em estado de transe e, portanto, pronto para agir, que pode fazer um xamã? Entre muitas coisas, pode afastar tempestades ou acalmá-las; mas a sua principal função é a de terapeuta, notadamente nos casos da chamada perda da alma, estado gravíssimo que pode levar inclusive à morte.

O xamã é sempre pago por sua atividade profissional. Se não logra sucesso, isto é, se não consegue curar o seu cliente, não sofre qualquer tipo de punição, exceto a perda de prestígio e as conseqüências disso decorrentes. Se o xamã demonstra eficiência, naturalmente cresce em prestígio e pode se tornar bem sucedido, economicamente, no exercício de sua função.

Por fim, seria interessante traçarmos algumas analogias entre o xamã e o médium espírita. O xamã, como o médium, é elemento de ligação entre o plano espiritual e o mundo dos espíritos encarnados. Ambos possuem características psicológicas semelhantes; os dois devem dominar determinadas técnicas que facilitam a sua relação com o mundo espiritual; tanto o xamã quanto o médium possuem espíritos-guias que os orientam nos caminhos que escolheram e os ajudam em suas dificuldades.

20

1.4.0 Animismo

Antropólogos, etnólogos e historiadores de religião consideram como animismo o conjunto de crenças dos povos primitivos que atribui uma alma a todos os fenômenos naturais, e que procura torná-los propícios por meio de práticas mágicas, um estudo dos mais minuciosos sobre a religião primitiva, intitulado *Lés Formes Elementaires de la Vie Religieuse*, Emile Durkheim afirma que a crença na existência da alma é um fenômeno tão arraigado na mente humana que não existe sociedade, por mais grosseira e primitiva que nos possa parecer, que não possua uma noção de alma, de sua origem e de seu destino. Durkheim nos diz que todas as sociedades primitivas da Austrália adinitem, sem qualquer sombra de dúvida, que em cada corpo humano existe um ser interior que é o princípio da vida e do movimento do corpo: a alma.

Seria a alma material ou espiritual? Inicialmente, a alma não pode ser completamente imaterial já que possui necessidades físicas, pode se alimentar, sentir sede, dores, etc. Acredita-se que os espíritos se reúnem para dançar, comer ou dormir. Podem também, e o fazem com freqüência, organizar festas pelas razões mais diversas, onde se divertem como pessoas vivas. Há também notícias de que as almas de sexo diferente podem exercer atividade sexual entre si. Quando se balançam nos galhos das árvores, provocam suaves murmúrios e estalidos que podem ser ouvidos facilmente mesmo pelos ouvidos profanos. Por outro lado, as almas são invisíveis às pessoas comuns. Apenas os velhos e os feiticeiros têm a faculdade de ver as almas, quer em virtude da idade, quer em razão de certas faculdades desenvolvidas por meio de determinadas técnicas. O homem comum apenas uma vez na vida pode ver os espíritos. Isto acontece no momento em que está para

morrer e é por isso que, para esses nativos, semelhantes visões são consideradas de mau presságio. Para resolver este paradoxo, melhor seria admitir, com o respaldo de Durkheim, que a alma, para os primitivos, é formada por um tipo de matéria rarefeita, sutil, etérea, que se pode comparar com uma sombra ou com um fluido.

21

A alma é independente do corpo e pode ficar momentaneamente separada dele como acontece nos sonhos e nos desmaios. Nessas ausências, a vida torna-se como que suspensa, amortecida. Os nativos australianos, entretanto, distinguem com muita clareza estes estados de afastamento da alma, da morte propriamente dita. Quando se dá a morte, a alma não mais retorna e passa a viver, em um mundo à parte, uma existência autônoma. Entre os kadiweu, remanescentes no Brasil dos índios de língua guaicurú, crenças muito semelhantes podem ser constatadas:

"Assim que saía o féretro, se o falecido era adulto, as casas da aldeia eram queimadas, bem assim todos os pertences do defunto que não tinham sido levados por ele, e quebrados os potes e tudo o mais que pudesse recordá-lo. Em seguida, todo o grupo mudava para outro sítio, a fim de afastar-se da alma que continuaria, embora invisível, rondando as imediações da morada." (Ribeiro, Darcy, *Kadiweu*, Ed. Vozes, RJ, 1979)

Embora a alma e o corpo estejam separados, há entre os dois uma íntima relação. O que atinge o corpo, atinge a alma, e as feridas produzidas no corpo se propagam até a alma. Desta maneira, um homem, à medida que envelhece, fica mais sábio e ganha mais respeito da comunidade; entretanto, à medida que ele se torna senil e incapaz de exercer papel ativo e útil, a sua importância social decai. Tudo acontece como se a alma participasse do envelhecimento do corpo e de sua decadência. Em muitos casos, a psicologia dos nativos se torna bastante confusa quanto às relações entre a alma e o corpo. Assim, certos órgãos ou produtos do organismo possuem uma relação especial com a alma, como acontece com o coração, a placenta, a respiração, o sangue, a sombra, o fígado, os rins, etc. O sangue que algumas vezes é tido como o "habitat" da alma, em outras é encarado como a própria alma. Quando o sangue é derramado, a alma escapa com ele. A alma não está na respiração, é a própria respiração.

22

Em termos gerais, as religiões primitivas, derivadas do unimismo, consideram cinco tipos de espíritos, a saber:

1. As divindades, espíritos poderosos que vivem muito distantes dos homens, mais ou menos alheios aos negócios humanos. O contato desses espíritos com a maioria do povo é um acontecimento esporádico e só poderia se dar em circunstâncias muito especiais.
2. Os espíritos que vivem em certos locais ou objetos como lagos, fontes, rios, montanhas, árvores, machados, flechas, cabanas,

etc. Tais espíritos, às vezes, diluem-se no ar ou em outros fenômenos naturais como o raio e a chuva.

3. Os espíritos invisíveis que existem desde os tempos imemoriais. São seres que estão relacionados com a mitologia do grupo e que possuem uma considerável soma de respeito por parte da comunidade.

4. Os espíritos dos mortos que entram em contato freqüente com os vivos, participando das atividades da comunidade como se delas fossem membros vivos e ativos.

5. Os espíritos tutelares, muito semelhantes aos anjos da guarda da tradição cristã. Tais espíritos, em muitos casos, assumem a forma de animais.

Com a morte do corpo físico, o que acontece com a alma?

Para onde vão as almas após romperem com os liames que as prendem ao corpo de carne? A resposta dada a esta questão é a seguinte: depois da ruptura dos laços que unem a alma ao corpo, esta retorna ao seu lugar de origem. Este lugar é concebido diversamente pelas diferentes comunidades e, não raro, em uma mesma comunidade coexistem concepções diferentes sobre a localização do mundo dos espíritos. Para uns, o mundo das almas fica sobre a terra; para outros, no alto, no céu; para outras ainda, nas margens de um lago distante. A maioria acredita que esse lugar é um espaço paradisíaco, com muita caça, com o sol brilhando constantemente e rios que serpenteiam tranqüilos sem jamais secarem. Tratando desse outro mundo na cultura kadiweu, anota o antropólogo Darcy Ribeiro:

23

"É na mitologia que se encontra a expressão mais completa sobre a vida de além-túmulo. Já comentamos neste trabalho a lenda que relata as experiências sobrenaturais de um kadiweu que visitou os mortos, conviveu longamente com eles e voltou para contar qual a vida que se deve esperar depois da morte (dos. XXII). Vimos, então, que os mortos vivem no mesmo campo que os kadiweu, cavalgando, caçando, pescando e até casando como os vivos, porém, em condições ideais, sem os percalços e as malícias do mundo real"
(op.cit.-,p. 195.)

Nas comunidades totêmicas da Austrália, que foram o objeto dos estudos de Durkheim na obra citada, existem crenças bem desenvolvidas sobre a reencarnação. Conforme Spencer e Gillen (in Durkheim, op. cit., p. 252), as almas que animam o corpo dos recém-nascidos não são criações especiais e originais, mas existem desde antes do nascimento. Todas as tribos australianas admitem a existência de um número definido de almas, ao qual não se pode acrescentar uma única alma. Deste estoque de espíritos é que vêm aqueles que tomam um corpo na terra. Segundo essas concepções, quando o indivíduo morre, sua alma abandona o corpo e volta ao mundo espiritual. Ao fim de um determinado tempo,

porém, a alma torna a nascer. São essas reencarnações que dão origem às concepções e aos nascimentos.

Os leitores que nos seguiram até aqui já podem perceber, e com bastante clareza, a razão de nossa epígrafe. Quando os espíritos dizem a Kardec que a idéia de Deus é imanente aos povos primitivos, sendo uma espécie de patrimônio do espírito, que não foi imposta pela educação, embora por ela possa ser aprimorada, poderiam acrescentar que nem só a idéia de Deus faz parte deste patrimônio, mas outras idéias, como a da reencarnação, da comunicação entre os planos espiritual e material, a necessidade do exercício mediúnico orientado, também são componentes dele. É claro que essas idéias não se encontram codificadas num corpus, como acontece com o Kardecismo. São

24

princípios vagos, imprecisos, lembranças esfarrapadas, intuições; mas nem por isso distantes das verdades espirituais. Assim, as verdades defendidas pelo Espiritismo não são, de modo algum, verdades espíritas, num sentido exclusivista, mas verdades humanas que existem com o homem em todos os tempos e todos os lugares.

25

PARTE II

A NOÇÃO DE ALMA ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS

É muito difícil - diz-nos Durkheim - conceber a existência de uma sociedade, ainda que grosseiramente organizada, que não tenha todo um sistema de representações coletivas procure dar conta da existência da alma e de Quais são, porém, as características da alma

Austrália, ela possui o mesmo aspecto do corpo, mas é tão pequena que pode passar pelos mais exíguos orifícios. Por outro lado, ao mesmo tempo a alma pode ser concebida na forma de animais. Assim, pode-se dizer que a alma, nessas comunidades, não possui uma forma definida podendo apresentar-se dos modos mais diversos conforme as exigências do mito ou do rito.

A substância de que ela é feita também é indefinida entretanto, as informações que possuímos sobre a concepção de alma entre os povos primitivos nos levam a pensar que elas não são totalmente despidas de materialidade. Possuem necessidades físicas e podem comer, beber, sentir cansaço e, quando libertas do corpo, levam uma vida bastante análoga a que levavam quando

nota: Estatueta africana, usada em ritos mágico religiosos contra doenças.

26

encarnadas. Muitas vezes, consoante essas crenças primitivas, as almas costumam esvoaçar entre os galhos das árvores e, nessas ocasiões, produzem um barulho característico que qualquer pessoa

pode ouvir; entretanto, se podem ser ouvidas, não podem ser vistas. Apenas os velhos e os feiticeiros podem ver os espíritos, os primeiros em virtude de sua idade e os segundos através do desenvolvimento de certas faculdades psíquicas que os fazem perceber coisas que escapam aos sentidos da maioria das pessoas.

As pessoas comuns raramente vêem os espíritos. Isto acontece apenas quando estão prestes a morrer prematuramente, assim, para esses povos, a visão dos espíritos é uma espécie de presságio sinistro e não um privilégio. A alma é também, em certo sentido, imaterial, já que não possui as mesmas características do corpo físico. Talvez fosse mais correto afirmar que a maioria desses grupos pensa a alma como formada por uma espécie de matéria sutil, algo etérea, semelhante a uma sombra como acontece no Mundo dos Mortos dos antigos gregos.

Os povos primitivos possuem uma noção bastante clara da independência da alma em relação ao corpo. Esta convicção tem a sua origem na observação que fazem naturalmente dos momentos em que a alma abandona o corpo como acontece nos desmaios ou durante o sono. É, porém, no momento da morte que essa separação se faz de modo mais claro e definitivo. Para eles, contudo, a vida não acaba com esta separação pois, quando a alma deixa o corpo, que não mais lhe serve de habitação, parte para um outro mundo onde passa a ter uma vida autônoma, mas não muito diferente da vida que levava na terra.

Até aqui podemos estar dando a idéia de que a alma e o corpo nestes sistemas, são duas realidades separadas em que o corpo é uma espécie de roupagem da alma; se isso estiver acontecendo, julgo necessário fazer uma correção. Em verdade, os primitivos não entendem a relação alma-corpo como uma dualidade absoluta. O corpo e a alma, do ponto de vista deles, formam uma unidade tão estreita que os ferimentos do corpo podem atingir a alma.

27

A relação da alma com o corpo é tão íntima que, em muitos casos a alma pode ser confundida com certas partes do corpo. Deste modo, alguns órgãos e algumas produções orgânicas, passam a ter um valor especial no sistema religioso desses povos. Estão nesses casos: o coração, a respiração, o fígado, o umbigo, a placenta, o sangue, a saliva, a urina, o sêmen e os cabelos. Estes elementos são, por assim dizer, não habitações da alma, mas a própria alma ou partes dela. Quando, por exemplo, o sangue escorre, a alma pode escapar com ele. Idéias muito próximas a essas encontram-se na Bíblia onde se lê: O Senhor abominará todo aquele que comer sangue pois o sangue é a vida (alma) da carne. (*Deut. XVII: 10-16*).

A alma é também identificada com a respiração já que, ao morrer, não mais se respira. Deste modo, essa idéia de disseminar a alma por diversas partes do corpo, dá origem à multiplicidade de almas, cada qual relacionada com um certo órgão ou com uma determinada função.

Esta noção de psicologia primitiva encontra eco em povos antigos como os egípcios e os gregos. Tratando da questão dos amuletos egípcios, Wallis Budge (*Magia Egípcia*, p. 31), diz que, no antigo Egito, o coração não era apenas a sede da força da vida, mas também a fonte dos pensamentos bons e maus. Depois da morte, era guardado com cuidados especiais, mumificado separadamente e, junto com os pulmões era preservado em um jarro sob a proteção do deus Tuamutef. Os egípcios consideravam o coração um órgão tão importante que, em período muito mais primitivo, se introduziu no *Livro dos Mortos* um texto com o objetivo de que o morto conseguisse um outro coração para ocupar o lugar do que havia sido mumificado.

Em Homero (*Ilíada*. C. I.) lemos:

Tendo falado, assentou-se Chalcas e se ergueu o herói,
filho do Atreu, Agamenon de extensos poderes cuja alma
sombria ardia em furor...

28

No texto em grego, porém, a expressão "alma sombria" corresponde a "Seu diafragma era negro em toda a volta". O diiifrugma era, para Homero, o núcleo da vida emotiva e mesmo intelectual já que é no peito que ele coloca o "Nous" (Espírito). Idéia muito semelhante repete-se no mesmo poema (C. XXI 441).

Exemplos como esses podem ser encontrados na maioria das religiões da Antigüidade.

2.1. A Sobrevivência da Alma entre os Povos Primitivos

De um modo geral, as grandes religiões do mundo pregam que a vida não termina na paz dos cemitérios e que a alma, liberta do corpo físico, continua a viver em um outro mundo. Esta crença na vida depois da morte não é um privilégio dos grandes sistemas religiosos porque dela participa a maioria das chamadas religiões naturais.

Diz James G. Frazer (*The Fear of the Dead in Primitive Kcligions*), que os margi, da Nigéria, acreditam na imortalidade por meio da reencarnação da alma dos mortos nos recém-nascidos; entretanto este é um privilégio das almas das pessoas boas. As almas dos maus estão condenadas a perecerem no fogo.

De um modo geral, os povos primitivos acreditam que, na outra vida, o morto tem as mesmas paixões e sentimentos que mantinha nesta. A maioria das tribos da África Oriental supõe que a vida da alma depois da morte só difere da nossa pelo fato de o mundo espiritual não ser visível. Os batangas, tribo bantu do Sul da África, afirmam que a vida no plano material é muito semelhante a do plano espiritual; os espíritos vivem em uma cidade subterrânea onde cultivam o campo, conseguem grandes colheitas, têm gado em abundância e estabelecem, uns com os outros, relações bastante fraternas.

Bronislaw Malinowsky, que estudou os nativos das Ilhas Trobriand, escreveu a respeito das crenças desses selvagens:

29

Mais algumas palavras devem ser ditas a respeito de

algumas idéias mágico-religiosas dos nativos de Trobriand. De todos os fatos relativos à crença nos espíritos dos mortos, a que mais me impressionou foi a de que esses nativos quase não têm nenhum medo de fantasmas e não apresentam as sensações de apreensão que nos são características ao pensarmos em uma possível volta dos mortos. Os nativos canalizam todos os seus temores e apreensões à magia negra, as bruxas voadoras, aos seres malévolos causadores de doenças; mas acima de tudo isso aos feiticeiros e bruxos. Depois da morte os espíritos emigram para Tuma, ilha situada no Norte de Boyawa, lá permanecendo por um novo período de tempo - segundo uns, debaixo do solo, segundo outros na própria superfície da terra - mas sempre invisíveis. Esses espíritos voltam para visitarem suas aldeias uma vez por ano e participam, então, do Milamala, a grande festa anual em que recebem oferendas. Por vezes, nessas ocasiões, eles aparecem aos vivos, mas esses não se deixam alarmar por isso. De um modo geral, os espíritos não influem muito nos seres humanos, quer para o bem, quer para o mal. Os espíritos são invocados em inúmeras fórmulas mágicas e recebem oferendas em diversas cerimônias rituais, mas, em seu meio, nada existe que lembre a mútua colaboração entre o homem e os espíritos, característica essencial do culto religioso em outras culturas.
(B. Malinowsky, *Argonautas do Pacífico*, p. 69)

Um costume muito antigo - praticado inclusive pelos gregos e romanos - é o de enterrar os mortos no interior das casas. Este costume aparece também na África, na Índia, na América do Sul e em algumas regiões da Micronésia. Não se sabe, contudo, a razão de tal prática. Talvez se quisesse, por meio desses recursos, atrair a proteção e a amizade do morto para o ambiente doméstico; ou, mais simplesmente, indicar que o morto, mesmo em sua nova condição, continuava a fazer parte da família. Uma antiga tradição (hoje desaparecida) da tribo dravídica dos Cond mandava que se enterrasse o morto dentro da habitação para que a sua alma renascesse mais facilmente em uma criança.

30

Este costume encontra eco em outras tribos indianas onde se acredita que, se enterrando as crianças (principalmente as que nascem mortas) na soleira das casas, suas almas nascerão em crianças da mesma família. Lembra Prazer que, em diversas partes da África, o costume de enterrar os mortos no interior das casas e reencarnação encontram-se indissolavelmente ligados. Até aqui o nosso estudo indica claramente que os povos chamados primitivos possuem uma crença bastante sólida na existência da alma e na sobrevivência desta depois da morte do corpo material. Como vimos anteriormente, essas crenças comportam a existência de um Mundo Espiritual para onde segue depois desta vida. Apesar da crença na existência desse plano espiritual, muitos primitivos acreditam que os mortos podem

participar da vida cotidiana dos vivos, quer para auxiliá-los quer para criar-lhes dificuldades. Esta é a razão porque esses povos costumam oferecer presentes aos mortos para que possam gozar de sua proteção e evitar a sua ira.

Assim, é muito necessário cercar-se de cuidados especiais quando se tem que lidar com os mortos. Relata Prazer que, entre os mangar, uma tribo guerreira do Nepal, os parentes que retornam do um funeral devem mandar à frente um dos seus para erguer uma barricada de espinhos sobre a estrada, em meio ao percurso do túmulo e a casa onde o morto viveu. Depois de ter armada a barreira de espinhos, ele coloca ali uma grande pedra e fica a espera dos outros parentes, tendo na mão direita um vaso de incenso e na esquerda alguns fios de lã. Um a um, os parentes vão passando sobre a pedra e são envolvidos na fumaça do incenso.

Cada uma das pessoas toma um fio de lã e o coloca em torno do pescoço. A finalidade desta cerimônia é impedir que a alma do morto possa seguir os parentes e se estabelecer em sua antiga casa. O espírito é imaginado como tendo proporções minúsculas, sendo, portanto, incapaz de saltar sobre a cerca de espinhos. Quanto ao incenso, parece ter a finalidade de espantar o espírito no caso de ele tentar superar o obstáculo dos espinhos.

31

Entre os lakher, uma tribo do Assam, quando morre alguém, os líderes da comunidade, temendo que a alma do falecido possa entrar nas suas casas e provocar algum tipo de dano, apanham um grande malho de bater arroz e o colocam ao lado da soleira da porta. O espírito, ao se aproximar, vê o malho e, tomando-o por uma serpente, foge aterrorizado. Se, entretanto, o espírito for mais atento e reconhecer o mangau, poderá ficar temeroso de que lhe desanquem as costelas e fugirá também voltando para o lugar de onde veio.

Assim, todo cuidado deve existir para que o espírito não volte a coabitar com os vivos. Os gregos e os romanos mantinham o culto dos mortos com o objetivo de fazê-los permanecer no Hades. O morto que não recebe culto, deixa o mundo das sombras e vem para o mundo exterior em busca do sangue reparador, beber água dos charcos imundos e assustar as pessoas nas estradas solitárias. O morto deve, portanto, ter o seu lugar. Os vivos precisam estar certos de que os que morreram ocupam o espaço que lhe é próprio e não lhes venham perturbar a vida. O morto é duplamente perigoso porque comunica a morte ao outro e atesta a efemeridade da vida. As pessoas, em geral, temem os mortos e procuram, como se isso fosse possível, cortar todas as relações que teriam com eles.

O medo que os vivos têm dos mortos pode tomar as mais variadas formas. Conta L. V. Thomas, citado por José Carlos Rodrigues (*O Tabu da Morte*, p. 33). que, em Nova Guiné, os viúvos, atemorizados com as almas de suas esposas falecidas, costumam andar munidos de porretes. Em várias sepulturas pré-históricas havia claros indícios de que o cadáver havia sido amarrado antes de ser colocado na sepultura. Tudo é válido para

que o morto não deixe a sua sepultura. Em Uganda, os polegares do defunto são amarrados aos artelhos; os nossos caiapós amarram os tornozelos do cadáver e ligam as mãos aos joelhos; na região do Tigre (Etiópia) amarram-se os polegares aos pênis e no Canadá (Quebec) enterra-se o morto descalço para que ele não possa caminhar sobre a neve ou sobre o gelo.

32

Nós próprios, a despeito de nossa cultura sofisticada, levamos, consternados, os nossos mortos para o cemitério; choramos, sofremos, cobrimos com flores a sepultura e o cadáver na terra; depois, voltamos para casa com a certeza de que o morto ficou lá; daí expressões mágicas como Deus o guarde, Deus o tenha (preso), descanse em paz, etc. Todas essas práticas parecem confirmar que no espírito humano em todos os tempos e em todas as culturas, há como que em germen rejeição da morte e a idéia de que a vida não cessa na paz da sepultura, que ao terminar a vida do corpo, o espírito liberto prossegue vivo e atuando conforme as suas boas ou más inclinações.

2.2. Minha alma, tenha cuidado

Neste capítulo, continuamos a estudar as crenças primitivas sobre a alma e a sua sobrevivência. Nesta seção, seguiremos muito de perto um capítulo do monumental *Ramo de Ouro*, de J.

I. Prazer, intitulado os *Perigos da Alma*. Conforme tivemos ocasião de ver no início deste trabalho, os povos primitivos explicam os movimento dos seres vivos por meio de uma força invisível que habita os homens (a alma), os animais e até mesmo os vegetais.) que faz o homem caminhar, conversar, caçar, pescar ou amar é .1 alma concebida em muitos casos como um homúnculo semelhante ao seu possuidor. Durante o sono, a alma escapa do corpo temporariamente e no momento da morte ela o abandona definitivamente. Assim, se a vida do corpo depende da alma, é fundamental arranjar modos de prendê-la ou de fazê-la voltar ao corpo quando deste se afasta temporariamente. A esta altura, julgamos interessante trazer ao nosso trabalho duas perguntas do *O Livro dos Espíritos* para que o nosso leitor possa observar melhor as semelhanças entre essas crenças e o ensino dos espíritos.

400. O espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

- É como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere. O espírito encarnado aspira constantemente à sua

33

libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

- Não. O espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos.

(Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos*, p. 221.)

As precauções que os primitivos tomam nos casos em que

a alma se afasta do corpo por algum tempo, manifestam-se na forma de certas interdições (tabus) e recursos mágicos que visam a assegurar a sua presença no corpo físico ou o seu retorno ao invólucro carnal, caso sofra algum tipo de impedimento.

Antes de entrarmos nos casos específicos do afastamento da alma, julgamos oportuno, examinar mais demoradamente a questão da forma que a alma possui entre esses povos. Em muitas comunidades primitivas a alma tem a forma de um ser humano, mas é muito pequena, conforme vimos no exemplo dos mangar. Os hurons acreditam que a alma é uma réplica do corpo físico. Os esquimós defendem a idéia de que a alma é uma cópia do corpo-de-carne, mas feita de matéria sutil e etérea. Entre os nootkas da Colômbia Britânica, a alma é um homúnculo que habita a cabeça. Assim, se a alma se mantém saudável, a pessoa também vive sadia e vigorosa, porém, se algo acontece com a alma e a perturba, ela perde a posição vertical que lhe é própria e o seu portador enlouquece.

Os selvagens que vivem no curso inferior do rio Prazer, pensavam possuir quatro almas, uma na forma de um duplo e as outras na forma de sombra. Na tribo dos molosios, há a crença em que a alma é um homenzinho que repete exatamente a forma do corpo em que habita. Esta idéia da alma como duplo do corpo físico encontra-se ainda nas antigas civilizações, como no Egito faraônico, conforme veremos em outra parte deste trabalho.

34

Nesses sistemas de crenças, os duplos não são apanágios apenas dos seres humanos. Os animais e até mesmo os objetos possuem seus duplos cujas essências são demasiadamente sutis por isso não podem ser vistos pela maioria das pessoas. Apenas iniciados, graças a treinamentos especiais, conseguem ver os duplos das pessoas, dos animais e das coisas. Os duplos humanos, às vezes, abandonam o corpo, deixando-o em uma espécie de êxtase, indo manifestar-se em lugares distantes.

As precauções que os primitivos tomam nos casos em que a alma se afasta do corpo manifesta-se na forma de certas interdições ou tabus que nada mais são do que regras, visando a assegurar a presença do espírito no corpo.

A alma reproduz o corpo material de tal modo que, na concepção de muitos povos primitivos, existem almas baixas, altas, magras ou gordas de acordo com o corpo que animam. Os habitantes de Nias, uma ilha situada a oeste de Sumatra, tinham por certo que, se perguntássemos a cada homem antes de seu nascimento de que tamanho ou peso ele quer sua alma, este a conseguiria tal como a deseja. Este exemplo é de Prazer e nos parece não muito claro, entretanto vemos nele ecos, embora muito distantes, da teoria espírita segundo a qual o espírito antes de encarnar escolhe o corpo (não a alma) em que viverá a experiência na carne. Na pergunta 335, lê-se: Cabe ao espírito escolher o corpo em que encarne ou somente o gênero de vida que lhe sirva de prova? Responde o espírito: Pode também escolher o corpo,

porquanto as imperfeições que este apresente ainda serão, para o espírito, provas que lhe auxiliarão o progresso, se vencer os obstáculos que lhe oponha. Nem sempre, porém, lhe é permitida a escolha do seu invólucro corpóreo; mas simplesmente, *a faculdade de pedir que seja tal ou qual.* (*O Livro dos Espíritos*, p. 196)

A extensão da vida de um homem é proporcional à extensão de sua alma. As crianças que morrem cedo possuem uma alma bastante breve. A concepção que os habitantes das Ilhas Fidjins têm da alma como sendo uma miniatura do corpo, aparece muito claramente nos usos observados quando da morte de um chefe.

35

Logo que um chefe desencarna, certos homens, encarregados hereditários das pompas funerárias, tomam o cadáver, ungem-no e o enfeitam, estendendo, depois, o corpo em uma esteira. Levam-no às margens de um rio onde um barqueiro vem buscar a alma do morto para levá-la para outro lado. Quando esses nativos acompanham o chefe em sua última viagem, trazem consigo grandes leques bem perto do solo. Se alguém lhes pergunta por que levam os leques deste modo, eles explicam que fazem isso porque a alma do chefe nada mais é do que uma criança pequena.

Feitas essas considerações, voltemos ao assunto central desta parte do trabalho: os perigos da alma. Os povos primitivos de diversas regiões da terra acreditam que a alma pode escapar do corpo por meio de aberturas naturais como a boca ou as narinas. Assim, os habitantes das Célebes têm por hábito colocar uma fita do nariz aos pés de um doente para impedir que a alma escape. Em Turik, na região do Rio Baron, em Borneo, os selvagens se recusam a se separar de algumas pedras semelhantes a anzóis porque elas possuem a virtude de prender a alma ao corpo. Quando na comunidade dos Dayaks, em Costa Rica, procede-se à iniciação de um xamã, supõe-se que os dedos dos candidatos são providos de anzóis adequados para capturarem as almas fugitivas.

Quando acontece uma epidemia, os índios goagires, da Colômbia, atribuem-na a um mau espírito que é, sem dúvida, a alma errante de um inimigo. Eles, então, suspendem barbantes providos de anzóis nos tetos de suas cabanas e por todas as árvores da vizinhança na esperança de que o mau espírito caia em uma dessas armadilhas e seja, assim, impedido de prosseguir em sua tarefa nefasta.

Os índios colches, do oeste do Paraguai, têm o costume de enfiar flechas no solo, em torno de um doente, com a finalidade de impedir que a morte chegue até ele. Os xamãs haidos possuem, em seu trabalho, um osso oco no qual eles prendem as almas que escapam de um corpo. Os indus, quando vêem alguém bocejar, estalam o dedo polegar supondo que, deste modo, impedem que a

36

alma, do bocejante escape pela boca aberta. Em nossa sociedade quando alguém espirra dizemos saúde e quando boceja, fazemos em nossa boca aberta o sinal da cruz por

motivo muito semelhante.

Nas Ilhas Marquesas, para impedir que um moribundo faça sua passagem, era costume obstruir-lhe a boca e as narinas para não permitir que a alma escape e suceda a morte.

Os itomanos

da América do Sul usam selar a boca e o nariz por medo de que a alma de um moribundo, ao sair, penetre em um dos presentes.

Entre os walkeburas australianos, terminado o enterro, no momento de abandonar o corpo, coloca-se carvão ardente no ouvido do cadáver para conservar a alma no interior do corpo e se tenha tempo para fugir para bem longe. Durante o período de luto, os esquimós fecham as narinas com feno ou cabelos para que suas almas saudosas de repente não sigam a do morto. As pessoas que cuidam de um cadáver também não devem descuidar-se desta prática.

Em Bomeo, os kalans consideram que a doença resulta da essência da alma. Deste modo, quando um homem cai doente e restabelece, deverá esforçar-se ao máximo para que sua alma não escape de novo. A principal maneira de se impedir a fuga da alma consiste em se amarrar em torno do pulso uma pérola que possui virtudes mágicas. Muitas vezes, com medo de que a pérola se quebre, desenham no pulso uma representação desta.

Os refors, povo das Célebes, quando uma criança está para Nascer, correm e, com medo de que a alma do recém-nascido escape, fecham todos os orifícios, fendas, rachaduras e até buracos de fechadura. Amordaçam-se também, a boca dos cães, gatos e demais animais domésticos para que estes não devorem a alma que ingressa na vida material. Por esta mesma razão, todas as pessoas da casa - inclusive a própria mãe da criança - devem permanecer de boca fechada durante todo o tempo do resguardo. Se interrogados sobre o motivo por que não tapam as narinas, ; respondem que o próprio processo respiratório impediria a penetração da alma.

Muitos povos representam a alma como um pássaro pronto a alçar vôo. Os índios bororós imaginam que a alma humana possui

37

a forma de um pássaro que durante o sono e no momento da morte deixa o corpo. Para o belguios, da Colômbia, a alma é um pássaro que vive na nuca dentro de um ovo. Se a casca do ovo se rompe, a alma escapa e a pessoa morre; se, entretanto, a alma escapa, sem romper a casca, o seu portador enlouquece. Os xamãs que possuem apurada sensibilidade para as coisas do espírito, escutam o som do bater de asas das almas, o que se assemelha à : música; por isso, quando uma alma errante passa voando perto de um xamã, ele a captura e a coloca na nuca de seu proprietário, naturalmente no caso de ele não estar morto.

Se a alma é um pássaro, é bem provável que se alimente de arroz, desta maneira, entre os battas, de Sumatra, quando um homem volta de uma empresa perigosa, colocam-se grãos de arroz em sua cabeça. Estes grãos são chamados de "padiruna tondi" que significa: "meio de fazer prender a alma nele". Em Java também se coloca arroz na cabeça de pessoas que escaparam de um grande perigo.

Ao sul das Célebes existe a crença em que a alma de um noivo é tentada a escapar na hora do casamento, assim, costuma; se espalhar arroz sobre o noivo para não deixar que a sua alma parta, em um momento tão solene. Durante as festas é prática comum atirar-se arroz na cabeça dos convidados para lhes preservar a alma. As pessoas que obtêm sucesso passam por idêntico tratamento para impedir que suas almas deixem seus corpos atraídas por espíritos invejosos.

Entre os povos primitivos supõe-se que as almas das pessoas adormecidas deixam o corpo e vão visitar lugares, ver pessoas amigas ou inimigas e realizar atos que desejam intensamente. Quando um índio bororó acorda de um sono profundo, fica firmemente convencido de que sua alma foi pescar, caçar, derrubar árvores e realizar outras ações com as quais havia sonhado. Certa vez, uma aldeia bororó foi tomada de pânico porque um índio sonhou que o inimigo vinha atacá-los.

Um índio macusi, cuja saúde estava combalida, sonhou que seu patrão o havia feito descer em sua canoa através de uma série de cataratas perigosas. No dia seguinte reprovou severamente

38

o homem por, naquela noite, ter feito sofrer tanto um pobre doente. Os índios do Chaco costumam espantar os que os visitam com histórias fantásticas e por isso são tidos como grandes mentirosos; esses relatos, entretanto, nada mais são do que acontecimentos inverídicos que eles tomam por verdadeiros.

A ausência da alma é perigosa porque, se por algum motivo ela não puder retornar ao corpo, o seu proprietário morrerá. Há uma crença antiga na Alemanha segundo a qual, se uma pessoa dorme de boca aberta, a alma pode escapar na forma de um rato ou de um pássaro e se não puder regressar a pessoa adormecida morrerá. Na Transilvânia não se permite que uma criança durma de boca aberta porque sua alma pode escapar na forma de um rato e a criança não mais acordará. Quando um negro da Guiné acorda pela manhã com o corpo dolorido, tem a certeza de que, durante o sono, esteve lutando com uma outra alma. Nas ilhas Arei, os moradores de uma casa onde alguém morreu não dormem durante um longo período porque a alma do morto continua na casa e poderão encontrar-se com ela durante o sono.

Do mesmo modo, os índios do rio Thompson superior, na Colômbia Britânica, têm o costume de se reunirem na casa onde morreu alguém e ali ficam acordados. Têm medo de que suas almas possam ser levadas durante o sono pela alma do morto. Os longuas, que habitam o Grão-Chaco, pretendem que os espíritos dos mortos podem voltar à vida e tomar posse do corpo de uma pessoa adormecida, enquanto a alma do dorminhoco prosseguia ausente. Quando um dayac sonha que caiu na água acredita que este sonho realmente foi realidade. Chama, então, um mago que Iraz uma bacia cheia de água, e este, utilizando um anzol, tenta pescar a alma do cliente e, conseguindo, devolve-a a seu dono. Entre os santals conta-se a seguinte história: um homem,

estando adormecido, foi presa de um grande desejo de beber água. Sua alma, sob o aspecto de um lagarto, deixou o corpo e entrou em um cântaro para matar a sede. Neste momento, o dono da vasilha, descobrindo o lagarto, tapou o recipiente, impedindo que o animal saísse, o que causou a morte do homem. Enquanto os

39

parentes e amigos se preparavam para queimar o cadáver, alguém descobriu o cântaro e soltou o lagarto que, imediatamente, retornou ao corpo que lhe servia de morada. O morto, no mesmo momento, voltou à vida. Perguntou, então, aos presentes por que choravam. Eles explicaram que o acreditavam morto e iam queimar seu corpo. Ele contou que havia ido ao fundo de um poço para procurar água, mas que tinha sido difícil retornar.

Todos os exemplos dados até aqui parecem-nos suficientes para nos oferecer uma idéia bastante clara das crenças dos povos primitivos sobre a existência da alma, tomada como o elemento que dinamiza o corpo, imprimindo-lhe movimento e a faculdade da inteligência. Sem a alma, o corpo perece, mas esta não tem o seu fim com a morte do corpo. Não há, entretanto, entre os primitivos, uma teologia definida e um culto organizado. Em verdade, a religião desses povos - se é que neste caso se pode falar de religião - estrutura-se a partir das relações entre o homem e a natureza, sendo seus principais elementos a magia, o totem, o tabu, o mana, o mito e a noção de sagrado. Estas crenças primitivas, entretanto, são crenças básicas das grandes religiões reveladas tanto no passado como no presente.

2.3. Os Poderes Mediúnicos dos Feiticeiros Africanos

Nesta seção estudaremos, valendo-nos do excelente livro de César de Vesme intitulado *Histoire du Spiritualisme Experimental*, diversos casos protagonizados por feiticeiros africanos que possuem explicação nos postulados da Doutrina dos Espíritos e que, por isso, decidimos chamar de mediúnicos. Iniciemos pelo seguinte caso: M. David Leslie, um caçador e comerciante da África do Sul, contou ao seu amigo M. Cyril Campbell, um antigo correspondente do jornal *The Times*, um caso notável que Campbell publicou na *Occult Review*, editada em Londres. Vejamos o relato.

Leslie havia enviado ao interior do país alguns de seus caçadores nativos que deveriam encontrar-se com ele dali a alguns

40

dias em um certo lugar. No dia marcado, Leslie compareceu ao local do encontro e verificou que seus caçadores não haviam ingressado. Decidiu, então, procurar um feiticeiro das redondezas para saber o que havia acontecido com seus homens. O feiticeiro, de início, não concordou porque não se sentia muito a vontade em malhar para um branco, mas, por fim, concordou, dizendo que entraria a porta da distância e viajaria por ela, mesmo que isso

custasse a sua própria vida. O feiticeiro perguntou, então, quantos eram os caçadores e os seus respectivos nomes. Leslie hesitou um pouco em ceder ao homem aquelas informações, mas, finalmente, concordou. O adivinho acendeu oito fogos um para cada caçador e colocou nas chamas uma raiz que, ao queimar-se deixou escapar um odor muito ruim.

A seguir, absorveu certas drogas e caiu em transe durante cerca de dez minutos com o corpo agitando-se bastante. Depois, tomou as cinzas do primeiro fogo, descreveu o homem que ele representava e falou: este homem está morto de febre e o seu fuzil perdeu-se. Afirmou ainda que o segundo caçador havia matado quatro elefantes. Descreveu o tamanho e a forma das presas dos animais. O terceiro havia sido morto por um elefante, mas o seu fuzil seria recuperado. Em continuação, descreveu o estado de todos os outros, dizendo que eles retornariam antes de três meses e viriam por um caminho diferente daquele que haviam combinado.

A predição do feiticeiro se realizou em todos os detalhes.

Os homens estavam muito longe dali o que tornava impossível ao feiticeiro conseguir aquelas informações. Elimina-se ainda a hipótese telepática, pois o consulente nada sabia da situação real de seus homens.

Um outro caso não menos interessante é o de um inglês que, estando caçando com um amigo ao norte da Pretória, encontrou um feiticeiro e, por diversão, decidiu consultá-lo. O cafre abriu um saco e colocou no chão o seu conteúdo: pedaços de vidro, fragmentos de ferro, de louça e coisas assim. Depois de examinado atentamente esses objetos, dirigiu a palavra a um dos consulentes dizendo-lhe que há dois ou três anos antes ele

41

havia atravessado as grandes águas para ir a terra dos brancos onde deveria se casar com uma jovem que morreria pouco tempo depois. Agora estava noivo de uma outra jovem pretoriana, mas que, apesar da mútua afeição, o casamento não se realizaria, pois o pai dela não considerava suficiente a condição financeira do noivo. O feiticeiro colocou os objetos no chão para o novo consulente, mas repõe imediatamente os objetos no saco, recusando-se a dar informações sobre as coisas que havia observado. Os presentes insistem e ele joga de novo os cacos no chão e torna a avaliar os resultados. Continua, entretanto, reticencioso. Pressionado, o feiticeiro diz que via coisas muito tristes e não queria magoar o seu consulente. O homem, porém, insiste mais uma vez e pede ao feiticeiro que continue e que não tema fazê-lo sofrer. O mago obedece e lhe diz o lugar exato onde ele mora, seu estado civil e o número de filhos que possui. Afirmar também que a filha mais nova dele, Viollete, está muito doente e os médicos a desenganaram. Sua mãe passa os dias com ela nos braços dizendo: "Ah! Minha filhinha, tenho medo de que seu pai não a veja mais".

Os dois amigos voltaram para o seu país seis semanas mais tarde. O que foi objeto das tristes previsões do cafre, ao chegar a

casa foi recebido pela esposa que lhe disse estar doente a pequena Violette. Ele lembrou-se, então, das palavras do feiticeiro e perguntou à mulher quando a criança havia adoecido. A mulher responde e os dados coincidem perfeitamente. Pergunta à esposa se ela, por ventura, se lembrava de alguma palavra ou expressão que houvesse dito em momento de grande aflição. Ela pensou um pouco e falou: Eu disse, Ah! Minha pequena, temo que teu pai não te veja mais!

Os casos de adivinhos cafres que deixam boquiabertos os homens brancos que vão consultá-los por curiosidade ou para se divertirem, são muito variados. O dr. Schultz, um médico alemão, interrogou longamente um desses adivinhos, encontrado por acaso em uma região da África durante a Guerra dos Boers. As perguntas diziam respeito a particularidades da família do alemão que eram

42

impossíveis de ser conhecidas pelo cafre. Em meio à sessão, o adivinho faz referência a um acontecimento muito desagradável da vida do dr. Schultz e afirma que ele voltaria para a sua terra. Aquilo lhe pareceu um despropósito já que ele pretendia se estabelecerem na Pretória; entretanto, a predição se cumpriu exatamente pouco tempo depois.

M. Ch. Buli (In de Vesne. op. cit., p. 55.) em uma conferência feita em Liverpool, a oito de julho de 1912, cujo tema era "*O Sistema de Crenças Religiosas dos Zulus*", relatou diversas experiências notáveis com adivinhos capazes de localizar à distância objetos perdidos, bastando, para tanto, se concentrarem e nada mais.

Há também na África casos de feiticeiros capazes de apresentar determinados tipos de fenômenos que poderiam ser explicados pela bilocação ou projeção do corpo astral. Um desses casos, narrado pelo reverendo Pere Trilles, tem o seguinte conteúdo: Um feiticeiro chamado Ngema Nzago, que era também chefe de uma tribo, afirmou que iria participar de uma reunião de feiticeiros realizada a muitos quilômetros do local onde ele estava (cerca de quatro dias de marcha); o reverendo achou muito difícil que o feiticeiro pudesse fazer aquela viagem em tempo hábil. O feiticeiro percebeu que Trilles não estava acreditando na possibilidade daquele deslocamento e, então, convidou-o para ir a sua casa na hora em que empreenderia a viagem. O reverendo, querendo certificar-se de que o feiticeiro faria aquela viagem, propôs uma prova que foi imediatamente aceita. A prova consistia, no seguinte: o feiticeiro teria que passar pela casa de um catequista amigo do reverendo, que morava perto do lugar onde haveria a reunião. Estando com ele, deveria dar-lhe um recado e lhe pedir uns cartuchos que haviam sido deixados com ele para guardar. O feiticeiro, a seguir, passou pelo corpo um líquido vermelho de odor muito forte, enquanto uma cobra, que desceu do teto, enroscou-se no corpo do homem que caiu em sono profundo e letárgico. Seu corpo possuía uma rigidez cadavérica. O reverendo fez questão de não arredar pé de onde estava. No dia seguinte, o

43

feiticeiro voltou a si e contou com detalhes o que havia acontecido na reunião. Três dias depois, chegou a casa de Trilles um negro que lhe disse: "Eis o cartucho que tu me pediste pelo feiticeiro."

Os feiticeiros africanos, entretanto, são muito mais conhecidos por sua capacidade de produzir malefícios por meio de bruxarias. Entre os azande, habitantes da África Central, a bruxaria ocupa um lugar de considerável importância. Há um trabalho clássico de E. E. Evans-Pritchard, chamado "*Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*" que é extremamente esclarecedor sobre esta questão.

Os azande acreditam que - diz Evans-Pritchard - (op. cit. p. 38) certas pessoas são capazes de fazer mal através da manipulação de certos poderes que lhes são intrínsecos. Um bruxo não precisa de ritos, de proferir encantamentos ou usar drogas. Em outras palavras, a bruxaria é um ato puramente psíquico. Os azande acreditam firmemente que os feiticeiros lhes podem fazer mal e isto é o suficiente.

De um modo geral, todo azande é uma autoridade em bruxaria; por isso não precisa de especialistas no assunto a quem consultar quando se julga vítima de um bruxedo, já que ele próprio compreende o que se passa consigo e sabe o que deve fazer. Assim, para cada azande a bruxaria não é uma coisa sobrenatural no sentido que damos a esta palavra, mas algo que se incorpora a sua vida cotidiana e que o auxilia a compreender as suas dificuldades perante a vida. A bruxaria ordena, por assim dizer, um sistema de valores que está na base da conduta de cada azande em particular, já que os eventos da bruxaria são praticamente onipresentes: se a caça fracassa, a roça não dá uma boa colheita, os pescadores não pescam o suficiente, ou simplesmente um casal não vive bem; a causa de tudo isso é a bruxaria. Deste modo, não é de se estranhar que na África o feiticeiro ou bruxo, ocupe um lugar de tão grande importância.

Robert Randau, prefaciando o livro de Dim Delobson Lês *Secrets Dês Sorciers Noirs* - fala das relações existentes

44

entre os feiticeiros e o Mundo dos Espíritos. Comenta Randau: "nas culturas africanas não existem barreiras entre este mundo e o outro.". Eles vivem em total familiaridade com os espíritos dos mortos e esta familiaridade toca, às vezes, as raias da obsessão; assim, para eles suas boas ou más ações são sempre devidas a espíritos. A concepção de alma que esses negros possuem é muito semelhante a que emerge da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec. Do ponto de vista dessas crenças, o ser humano possui a seguinte estrutura espiritual:

1. Um Espírito imortal.
2. Um corpo material onde o espírito habita.
3. Um corpo fluídico ou duplo etéreo a que chama de *sigá*.
4. Princípio Vital. Elemento que permite a vida do corpo.

Alguns grupos acreditam que o centro do princípio

vital estaria no fígado.

Todos os objetos, os seres humanos, animais, plantas e pedras possuem suas *sigas*. Os deuses costumam se alimentar das *sigas* das oferendas que lhes são ofertadas. Nos seres humanos há um elo sutil (cordão fluídico?) que liga o duplo ao corpo. M. Labouret (*Lês Tribus de Rameau*, p. 481), citado por Randau, comenta que, à noite, durante o sono, o duplo deixa o seu invólucro carnal. Como uma serpente que deixa a sua pele, o duplo abandona o corpo e leva, durante algumas horas uma existência independente: experimenta aventuras, encontra-se com outras almas com as quais conversa, discute ou trabalha. Não se pode dizer, entretanto, que a vida fora do corpo seja totalmente independente porque o corpo, através dos sonhos, conhece as peripécias da alma. Assim, os sustos da alma, os ferimentos que possa receber, podem causar danos ao corpo físico. Por isso é muito comum que os feiticeiros levem parte de seu tempo caçando os duplos que estão afastados dos corpos; pois, se não voltarem ao seu lugar, poderão causar a morte de seu portador.

Depois da morte, o homem se torna um espírito familiar (gr. *heros*, lat. *manes*) a que chamam de "Kima" e que se encontra

45

ligado aos lugares onde viveu. Ele recebe com muito prazer as homenagens de sua família, torna-se seu conselheiro, recebe as oferendas que lhe são feitas, apossa-se de animais domésticos que se tornam objetos de seu ódio ou de seu afeto, reencarnam-se, às vezes, em seu próprio clã ou em um clã vizinho. Ele voltará à vida (através da reencarnação) se não cumpriu na terra as suas tarefas, ou seja, se morreu na infância ou sem formar família. Ao fim, contudo, de um certo tempo, ele chega ao país de seus ancestrais onde viverá uma nova vida não muito diferente da que viveu na Terra. Um outro detalhe que aproxima bastante a doutrina espírita e as idéias do povo que estamos estudando é o fato de que, para eles, a morte nada acrescenta ao patrimônio moral de um indivíduo. Um homem mau não fica bom depois de sua morte nem o bom se torna mau. Depois da morte somos o que somos nem mais nem menos.

Um feiticeiro pode deixar seu corpo e, em estado de errância, tornar-se um devorador de *sigas* e para isso penetra à noite na casa dos homens. Reúnem-se muitas vezes em conciliábulos onde comunicam uns com os outros seus segredos e constituindo verdadeiras reservas de víveres (*sigas* roubadas) que escondem nos pântanos.

Os negros acreditam ainda que podem entrar em contato com os espíritos, e o método que usam para a comunicação não é muito diferente daquele que se usa nas práticas espíritas tradicionais: o feiticeiro (médium) perde, durante um certo tempo, o controle de sua atividade psíquica; concentra-se e entra em êxtase. Em linguagem espírita, dir-se-ia que se encontra em transe. Nesse estado, ele se comunica com o mundo espiritual e os espíritos falam através dele. A sua voz se altera e ele, neste momento, nada mais é do que instrumento de um Kinkirsi, isto é,

alma de um defunto. Nessas ocasiões, podem também ocorrer fenômenos de efeitos físicos como ligeiros toques nos consulentes, aparições luminosas, aromas especiais, movimentos de objetos e sons melodiosos.

46

A África Negra é o espaço do mistério, das coisas que não podem ser compreendidas pelo racionalismo dos brancos. Uma delas é o fenômeno da luminosidade, testemunhado por muitos exploradores, caçadores e etnólogos. Em seus *Proceedings of the Society for Psychical Research*, Part. XXXV. p. 331, o dr. Shcpley conta que, durante uma caminhada noturna por uma região pantanosa da África Ocidental, o guia perdeu a noção de onde estavam e a que distância ficava a cidade para onde se dirigiam. De repente, a frente do grupo, apareceu uma luz, uma espécie de globo luminoso que parecia com uma lanterna que uma pessoa portasse. Quando eles se aproximavam da luz, ela se esquivava claramente. Ela continuou na frente do grupo durante alguns quilômetros até que nas proximidades da cidade, desapareceu. Os negros explicaram a Shepley que aquela luz que eles haviam visto era um bom espírito enviado para guiá-los até ao seu destino. Há na África, muitas práticas, chamadas pelos parapsicólogos de paranormais e pelos espíritas de mediúnicas, que os feiticeiros usam em seu dia-a-dia. Estão neste caso a possessão, o transe, a telepatia, a xenoglossia, a bilocação, a levitação, etc. Com isto fica claro que os fenômenos espíritas não pertencem aos espíritas e não acontecem apenas em seu meio. Os fenômenos espíritas pertencem ao patrimônio da humanidade e existiram em todas as partes do mundo desde que o homem iniciou sobre a terra a sua longa caminhada.

47

PARTE 3

A TERRA DOS FARAÓS

3.1. Considerações Preliminares

O Egito é uma estreita faixa de terra ao nordeste da África que, como se fosse uma serpente gigantesca e preguiçosa, se contorce nas margens do Nilo, o velho rio, pai dos homens, e dos deuses. Seu clima é seco! como a pele dos rinocerontes, as chuvas são escassas e a vida ali só é possível por causa das boas graças do rio dos rios. O Nilo é o rio sagrado e misterioso que fertiliza o solo e possibilita as comunicações. Nos meses de julho a novembro chove torrencialmente nas suas nascentes e o rio transborda, depositando no vale o lodo fertilizador. Por ele deslizam, silenciosos, os temíveis crocodilos, assustando os cormorões que voam displicentes; íbis vagueiam por entre os lotos e os papiros, pequenos crustáceos correm sobre o lodo verde-escuro. Alguns passos mais à

Nota: Ramsés II (sec. XIV-sec. XIII a.C.). *Faraó do Egito de 1304 a*

1237 a.C. Terceiro representante da XIX dinastia, conhecido por suas campanhas contra os hititas.

48

frente encontram-se as terras férteis, ótimas para o plantio do trigo, algodão, cana-de-açúcar, laranjas e azeitonas.

Nessa faixa de terra vivem os egípcios, povo de origem caucásica que se misturou com elementos líbios e semíticos; povo muito antigo, cuja cultura milenar seduz e apaixona o homem moderno, mas que soube guardar, no fundo das suas pirâmides ou nos olhos aparentemente cegos da Esfinge de Gizhe, os seus segredos; povo bêbado de deuses que, no dizer de Heródoto, era o povo mais religioso do mundo.

Nos tempos primitivos, quando as pirâmides ainda não existiam, tribos nômades, de cultura neolítica, chegaram ao vale do Nilo. Ali, agrupadas em torno de um chefe ou de um totem comum, formaram clãs, que se estabeleceram no local. Estes clãs ocuparam pequenos feudos denominado nomos, que eram divididos por governadores chamados em grego de nomarcas. Por volta do quarto milênio antes do advento de Jesus Cristo, em virtude de maior comodidade, os nomos foram divididos em dois reinos: o do Alto Egito, que ficava ao sul e tinha por capital Neckness, e o do Baixo Egito, no delta, com a capital em Buto.

O tempo passou, vagaroso como o correr suave do Nilo ou como o vôo elegante e silencioso das garças nas tardes de verão. Até que, há cerca de 3200 anos a.C., Menés, um príncipe originário de Tinis, unificou os dois reinos, tornando-se o primeiro faraó que dá origem a uma longa série de reis divinos.

3.1. As Idéias Religiosas do Antigo Egito

Os egípcios acreditavam na alma como um princípio distinto do corpo e na continuidade da vida no mundo dos espíritos. Conforme a metafísica dos egípcios antigos, o homem formava um sistema septenário composto dos seguinte elementos:

- 1) O Chat 4) OHati 7) O Kou
- 2) O Ank 5) O Ba
- 3) O Ka 6) O Cheyby

49

O Chat representa o corpo físico ou corpo material, formado de carne, ossos, músculos e nervos; o Ank é a força vital; o Ka, o duplo etérico ou corpo astral; o Hati, a alma animal; o Ba, a alma racional; o Cheyby, a alma espiritual e o Kou, o espírito divino, que era representado por um íbis.

O Ka é o terceiro elemento em importância neste sistema. Inicialmente é necessário fazer-se uma distinção entre o Ka individual e os pequenos gênios que personificam determinadas qualidades e que também são chamados Kas. Segundo M. R. Dorado (op. cit., p. 44), estes gênios eram sete, aos quais somam-se mais sete abstrações, formando um total de 14 itens, a saber: a força, a potência, a honra, a prosperidade, o alimento, a duração da vida, a faculdade de irradiar, o brilho, a glória, a magia, a vontade

criadora, a vista, o ouvido e o conhecimento.

O *Ka* era o elemento responsável pela vida, porque a morte se dá no momento em que o *Ka* abandona o corpo. Todo homem, ao nascer, recebe o seu *Ka*, que permanece com ele para sempre. O *Ka* não desaparece com o corpo e, assim, o morto poderia chamar o seu *Ka* para que continuasse com ele. Poderia acontecer também que o *Ka* voltasse, por livre e espontânea vontade, à tumba onde estava enterrado o seu dono. Esta é a razão porque o local do sepultamento era chamado de *A Casa do Ka*. A crença no *Ka* foi a principal responsável pelos rituais de mumificação que visavam, por meio de técnicas artificiais, conservar o corpo do morto.

3.3. Os Livros Funerários e O Livro dos Mortos

Quando o homem morria, a sua parte imperecível partia para o mundo dos espíritos. Esta viagem, entretanto, não era isenta de dificuldades e de perigos; assim, era necessário que se orientasse o morto para que ele pudesse passar incólume por todos os obstáculos existentes. *O Livro dos Mortos* entra neste contexto como uma espécie de manual ou de guia que auxiliaria o morto na sua nova situação no mundo dos espíritos.

50

O Livro dos Mortos tinha por verdadeiro nome "*Saída para (a luz de) o Dia*". Foi em 1842 que o egiptólogo Ricardo Lepsius deu à luz a primeira versão deste livro. Esta versão saiu com o título de *O Livro dos Mortos* que, embora não fosse o nome ideal, foi aceito plenamente e sem reservas pela comunidade dos egiptólogos. A descoberta do livro, porém, deve-se a JeanFrançois Champolion. Estando Champolion no museu de Turim, estudando a farta documentação ali existente, encontrou um rolo de papiro de uns vinte metros que se encontrava coberto de caracteres hieroglíficos dispostos em posição vertical. Tendo descoberto também outros fragmentos que tratavam da morte e do culto dos mortos, denominou todo o conjunto de *O Ritual Funerário*. No ano de 1836, Ricardo Lepsius esteve em Turim e tomou conhecimento dos textos que mais tarde publicaria, dividido em capítulos, e na forma de livro. Como notasse que os textos tratavam de falas de mortos, pronunciando fórmulas rituais, achou por bem dar-lhe o título de *O Livro dos Mortos*.

De que trata *O Livro dos Mortos*? Esta é a questão que responderemos a seguir, embora de forma resumida.

O homem morre e, passando os umbrais da morte, encontra-se em plena luz do dia. Esta visão, a um tempo, apavora e deslumbra o morto, que procura retornar ao corpo que descansa em seu ataúde. As divindades (espíritos) encarregados de auxiliar a alma a se desfazer dos laços que a prendem à vida material, levam-na para distante do corpo. Inicia-se uma difícil caminhada rumo ao mundo dos espíritos. O caminho é trevoso e cheio de perigos. O morto sente sede e falta de ar. A segunda etapa da viagem é a chegada ao Amenti (Mansão dos Mortos), onde a alma será julgada por Osíris.

Frente a Osíris, de pé, com os braços erguidos em sinal

de adoração, o morto encontra-se perante seu principal juiz. O deus mantém-se calmo, distante, misterioso, insondável; contempla o morto que está a sua frente sem demonstrar-lhe simpatia ou antipatia. Atrás de Osíris estão duas deusas: Íris e

51

Neftis. Ante essas deusas, o morto pronuncia as palavras sagradas. Após pronunciar as palavras rituais, dá-se a união mística e o morto e Osíris tornam-se um só.

Está pronta a alma para ser julgada por Horus ou por Anúbis no grande tribunal composto pelos quarenta e dois Juizes. Ao julgamento comparece a deusa da Verdadeira Justiça, mas não interfere no processo. Thot, o deus da cultura e da palavra criadora, prepara-se para fazer as anotações. O morto confessa então as coisas feitas na Terra e as que deixou de fazer. Anúbis, o deus dos mortos e protetor dos cemitérios, pesa em uma balança o coração do réu.

Veremos, a seguir, algumas partes do *O Livro dos Mortos* que tratam de preces ou fórmulas mágicas que devem ser pronunciadas pelo morto à medida que adentra o mundo das sombras:

1. Para devolver a um morto os poderes de sua boca:

"Eis que subo ao Céu do Universo misterioso, semelhante ao Ovo Cósmico, rodeado de seus raios. Que me seja restituído o poder da minha boca, que eu possa pronunciar ante o Senhor do Além as Palavras de Potência! Que a súplica dos meus braços estendidos com fervor não seja repelida pelas Hierarquias Divinas, pois, em verdade, eu sou Osíris, Senhor do Re-Staú! Possa pois compartilhar a sorte com os que se encontram acima da Escalada Celeste. Chegando aqui pela vontade do meu coração, atravessei o lago do fogo e minha presença apagou as suas chamas".

(*O Livro dos Mortos*, cap. XXII)

2. Para Restituir a memória do morto:

"Que o meu nome me seja devolvido no Templo do Além. Que eu possa guardar a recordação do meu nome em meio às muralhas abrasadas do Mundo Inferior na noite em que serão contados os anos e enumerados os meses! Pois eu permaneço junto ao grande deus do Oriente Celeste. Eis que

52

todas as divindades se alinham perto de mim; e, à medida que cada uma passe, eu pronuncie o seu nome."

(*O Livro dos Mortos*, cap. XXV)

3. Para impedir a decomposição do corpo no Mundo Inferior:

"Oh! Tu, imóvel e inerte como Osíris, cujos membros estão gelados, sai de tua imobilidade para que teus membros não apodreçam. Para que não se separem do teu corpo e te abandonem! Que meu corpo não apodreça, pois sou Osíris..."

(*O Livro dos Mortos*, cap. XLV)

4. Para servir-se das pernas:

"O que deves cumprir em tua Mansão no Mundo Inferior, que o faças de pé, oh! deus Sokari! Sustentado por tuas pernas. Quanto a mim, irradio por cima da constelação dos quadris. Eis que percorro os Céus e me sento no meio dos espíritos santificados... ah! Que débil sou! Ah! Que débil sou! Minhas pernas me obedecem, mas me sinto desfalecer! Desamparado me sinto em meio à violência das forças brutas desencadeadas que reinam no Mundo Inferior."
(*O Livro dos Mortos*, cap. LXXIII)

5. A saída da alma até a luz do dia:

"Eu sou hoje. Eu sou ontem. Eu sou amanhã. Através dos meus numerosos nascimentos, permaneço jovem e vigoroso. Eu sou a alma divina e misteriosa que, em outros tempos, criou os deuses e cuja essência oculta nutre as divindades do Duat, do Amenti e do Céu. Eu sou o timão do nascente, Senhor das duas caras divinas. Minha irradiação ilumina todo o ser ressuscitado que, não obstante passar no Reino dos Mortos por transformações sucessivas, procura o seu caminho penosamente pela Região das Trevas. Oh! Vós, espíritos com cabeça de gavião, de olhos impassíveis, vós que, como suspensos lá em cima, escutais atentamente as palavras mágicas escritas em versos que acompanham meu ataúde até a sua oculta morada".
(*O Livro dos Mortos*, cap. LXIV)

53

3.4. Os Outros Livros

Há ainda outros livros não menos interessantes, como *O Livro dos Fétretos*, *O Livro dos Caminhos*, *O Livro de Anduat*, *O Livro das Portas*, *O Livro da Noite* e *O Livro dos Quererts*. *O Livro dos Fétretos* tira o seu nome do fato de conter as fórmulas que se escreviam nos ataúdes de madeira que contêm as múmias. *O Livro dos Caminhos* contém uma série de desenhos que podem ser considerados como uma espécie de mapa do Mundo dos Espíritos. *O Livro de Anduat* ou "*Livro do que Existe Mais Além*", descreve o modo como se encontra dividido o mundo dos mortos. Consoante este texto, o Mundo Subterrâneo está dividido em doze regiões, que correspondem às doze horas do dia. Cada uma dessas regiões, é governada por um deus e possui uma capital povoada de espíritos, deuses, gênios e almas de mortos. Estas regiões se encontram interligadas por um rio interior no qual, em uma barca, toda de ouro, navega o sol. *O Livro da Noite* complementa *O Livro de Anuat*, entrando em detalhes sobre as particularidades de cada uma das regiões do mundo transcendental. *O Livro das Portas* trata dos espíritos que guardam as entradas das diferentes cidades do mundo das sombras. *O Livro dos Quererts* ou *Livro das Cavernas* traz instruções para o morto acalmar as divindades que habitam as grutas conhecidas como O

Mundo do Silêncio, por onde deverá passar. Este livro é o texto mais recente desse conjunto. Data do reinado do faraó Merneptah, soberano da XIX dinastia.

3.5. A Filha do Príncipe de Baktã e o Espírito Obsessor

Este relato curiosíssimo encontra-se nos chamados Textos Sagrados das Pirâmides. Foi gravado em uma lápide no templo do deus Khonsu, na cidade de Tebas. Foi traduzido, inicialmente, por Prisse e, mais tarde, pelo famoso orientalista Maspero.

Diz o texto que, uma vez por ano, o faraó costuma ir a Karina, região da Síria. Para ali acorriam príncipes e potentados das diversas partes do império egípcio, a fim de honrar o faraó e

54

lhe trazer oferendas. As fortalezas mandavam, ao monarca divino, tributos em ouro, prata, lápis-lazúli, pedras preciosas e madeiras odoríferas da Arábia. Aconteceu que, naquele tempo, o príncipe de Baktã enviou com as oferendas a sua filha mais velha. A princesa era belíssima e o faraó gostou dela mais do que de qualquer presente; tomou-a como esposa, deu-lhe o nome de Noferuri e, de volta ao Egito, tornou-a esposa real.

No dia 22 do mês de payne do ano 15, o faraó estava em Tebas, no templo de Nakuit-Honetrapéu, orando para seu pai, o grande Amon-Rá. Era um dia de festa em honra ao deus de Tebas do Sul. Enquanto estava no templo, o faraó recebeu a notícia de que estava à sua procura um emissário do príncipe de Baktã. O Faraó mandou que trouxessem o mensageiro a sua presença juntamente com os presentes para a esposa real. Frente ao rei, o mensageiro contou que a filha mais nova do príncipe, a princesa Bientiassiste, fora acometida de um mal súbito e o pai dela pedia que o faraó lhe enviasse um sábio para curar-lhe a filha.

Havia, no Egito, por aquela época, um colégio de hierogramatas, chamado Dupla Casa da Vida. Nesse colégio havia intérpretes de textos religiosos, conhecedores dos escritos sagrados, das doutrinas esotéricas e das artes da magia. Além disso, faziam horóscopos, prediziam o futuro das crianças recém-nascidas, orientavam os pais quanto ao nome mais adequado para dar aos filhos, confeccionavam amuletos e redigiam calendários destacando os dias nefastos e os dias positivos. Foi nesse colégio sacerdotal que o faraó mandou buscar o sábio que poderia resolver o problema da princesa de Baktã. Foi escolhido, então, um sacerdote por nome Totimbaí, considerado pelos seus pares como um homem extremamente versado nos mistérios da magia. Foi ordenado a Totimbaí que seguisse com o mensageiro rumo à Síria. Quando o sábio entrou em contato com a princesa, encontrou-a possuída por um espírito. O hierogramata pôs-se a trabalhar, porém, por mais que insistisse, não conseguiu melhorar a princesa. O príncipe mandou então outro mensageiro ao faraó, rogando-lhe que mandasse o próprio deus para curar a moça. O faraó orou ao deus Khonsu, pedindo-lhe ajuda.

55

Os egípcios acreditavam que a imagem de um deus no seu templo possuía o seu duplo (Ka), sendo esse duplo uma espécie de encarnação do próprio deus. Essa imagem do templo tinha a faculdade de irradiar sua energia com as várias imagens suas. No templo de Karnac, conforme o relato, havia duas imagens do deus Khonsu, cada uma possuindo o seu próprio duplo. A principal dessas imagens era a do deus Khonsu Norferhotpu. Foi esse deus, também conhecido como Senhor do bom Conselho, que mandou a Baktã um outro deus, depois de investi-lo com seus poderes.

Os antigos egípcios acreditavam, também, que os poderes divinos eram transmitidos por meio de fluidos magnéticos. A técnica usada para a passagem de energia era a da imposição de mãos (passe). Tais passes eram aplicados na nuca ou na espinha dorsal da pessoa doente. Nos casos extremos, como era o caso da princesa de Baktã, os passes eram aplicados pelo próprio deus, cujos braços, feitos de madeira, eram móveis, o que facilitava a sua manipulação por partes dos sacerdotes. Numa iconografia egípcia vê-se um faraó recebendo um passe do deus, cujos braços passam em torno do busto do soberano.

A estátua de Khonsu levou cerca de um ano para chegar a Baktã e, assim que chegou, foi recebida com grande alegria pelo príncipe e pelo povo. Os sacerdotes levaram a estátua para os aposentos da princesa e os passes da divindade lograram afastar o espírito que, ao deixar o corpo de sua vítima, disse aos presentes:

”Grande deus, expulsor de seres estranhos, vem a Baktã com a tua paz. Esta cidade pertence-te. Os habitantes são teus escravos, eu sou teu escravo! Volto para o lugar de onde vim. Assim, ficarás satisfeito. Mas ordena a teu faraó que me dedique um dia de festa e outro para a cerimônia em honra ao príncipe de Baktã”.

(Textos Sagrados das Pirâmides, p. 90.)

As condições impostas pelo espírito foram aceitas e ele, satisfeito, abandonou a princesa e voltou ao seu lugar de origem. O príncipe ficou tão contente com a atuação do deus que não mais o quis devolver ao Egito, por isso a estátua permaneceu na Síria por três anos e nove meses, no fim dos quais o príncipe teve

56

um sonho. Neste sonho viu o deus, na forma de um gavião, abandonando o seu nicho e voando na direção do Egito. O príncipe ficou de tal modo impressionado que mandou de volta ao faraó a estátua do deus acompanhada de muitos e maravilhosos presentes.

3.6. O Culto dos Mortos

Os egípcios acreditavam ser necessário amar os mortos, honrá-los e respeitá-los porque na outra vida sentem-se felizes com a atenção que os vivos têm para com eles. Como já tivemos oportunidade de ver, os egípcios não tinham a morte como uma aniquilação total do ser, mas como uma espécie de mudança ou de passagem de um tipo de vida para outro. No outro mundo, o morto continuava com uma forma de existência bastante próxima da que levava quando na Terra. Por isso, no momento em que o espírito se

prepara para a grande partida, é necessário abastecê-lo com coisas úteis em sua nova existência, como bebida, comida, vestes, lâmpadas, óleos, perfumes, etc. O cuidado que se tem de prover o morto com todas essas coisas, além de preces e outros comportamentos rituais, que fazem a pessoa que deixa a vida sempre lembrada, é que, em linhas gerais, chama-se de O Culto dos Mortos.

O Túmulo Egípcio não é apenas o local onde se deposita o corpo do morto. Ele é também o local onde se oficiará o culto por aquele que partiu. Uma sepultura na forma de pirâmide possui sempre um templo adjacente ou separado para as práticas rituais. Os cuidados em ocultar o corpo morto eram notáveis. Os arquitetos das pirâmides procuravam sempre vedar o acesso à múmia de todos os modos possíveis; por isso, para a oferta de alimento ritual era necessário um templo à parte. A. (Mallon *Religião dos Egípcios*, in Chritvs, vol. In, p.718) nos diz que no antigo Egito o templo era adjacente à face oriental da pirâmide e se comunicava com ela por meio de um corredor alto e largo por onde entravam os sacerdotes destinados ao serviço da pirâmide. Cada pirâmide tinha o seu corpo de sacerdotes e auxiliares fixos. Nos mausoléus das pessoas ricas ou influentes, separavam também a múmia da capela funerária. Ao morto era preciso

57

garantir o mais completo isolamento, por isso os arquitetos das mastabas construam compartimentos profundos e ornamentados nos quais ocultavam o cadáver. Por cima dessas fossas erguia-se a capela, cujas paredes eram artisticamente trabalhadas.

No Novo Império, em Tebas, os faraós trocaram as pirâmides pelos túmulos cavados nas montanhas. Esses túmulos formavam verdadeiros palácios subterrâneos com largos corredores, vastas quadras que possuem decorações de muito bom gosto. Nessas tumbas existem também pequenas salas dedicadas ao culto.

Uma outra idéia existente no complexo culto dos mortos do Antigo Egito e que nos parece estranha é a dos respondentes, chamados em egípcio Ushabtes. Eram, esses respondentes, estatuetas esmaltadas que se colocavam no túmulo com as múmias. Era crença geral entre os egípcios que, no outro mundo, os mortos poderiam ser chamados a prestar serviços como lavrar, arar, etc. Essas estatuetas teriam a função de responder pelos mortos (daí o seu nome) no caso de serem solicitados a trabalhar e executar as tarefas a eles impostas pelos espíritos superiores.

Do que vimos até aqui sobre as crenças egípcias, já podemos destacar alguns aspectos que nos parecem importantes para o nosso trabalho. São eles:

1. Os egípcios possuíam uma crença sólida na existência da alma como um elemento distinto do corpo.
2. A alma não perece com a morte do corpo físico.
3. Consciência de um mundo espiritual, diferente tanto do

céu quanto do inferno, defendido pelas religiões tradicionais.

4. Crença na continuidade da consciência depois da morte.

5. Noção de um corpo astral ou duplo fluídico, diferente do espírito.

6. Os espíritos podem se comunicar com os vivos quer para fins positivos, quer para fins negativos.

7. Transmissão de energias por meio de passes.

8. Noção reencarnatória.

58

PARTE 4

OS POVOS DA MESOPOTÂMIA

A Mesopotâmia é uma região da Ásia Ocidental encravada entre as mesetas do Irã, as terras da Armênia, os desertos da Síria e da Arábia e o Golfo Pérsico. O nome Mesopotâmia (do grego *mesos* = meio *epotamos* = rio) significa

região entre rios. Nessa faixa de terra,

o clima é terrível: no verão, um sol escaldante tosta a pele dos homens. No ar abafado rugem tempestades de areia.

No inverno, sopra um vento gelado, cortante

como açoite. Pouco depois do término do

deserto, os rios transbordam, dando origem a

uma impenetrável floresta de caniços onde existe toda espécie de animais nocivos como os mosquitos que[^] às tardes, em nuvens compactas, infestam o ar e invadem as casas.

A., fertilidade da terra se deve, principalmente, aos rios Tigre e Eufrates

(rios que formam a Mesopotâmia); esses

rios nascem na Armênia, correm de norte a sul e

vão desaguar no Golfo Pérsico. Os mais antigos

habitantes dessa região eram chamados

” sumérios e acádios.

Nota: Pazuzu, demônio Assírio da febre. Estátua de bronze do século VII A.C. dessas figuras assírio-babilônicas provêm as representações judaico-cristão do diabo.

59

4.1. As idéias dos Sumérios e Acádios sobre vida espiritual

Como todos os povos da Antigüidade, os sumérios e os acádios acreditavam na continuidade da vida depois da morte.

Em 1922, o arqueólogo, Sir Leonard Wooley (1880-1960),

explorando as ruínas da cidade de Ur, situada cerca de 350 km ao

Sul de Bagdad, encontrou um cemitério pertencente a uma família

real. Foi encontrado um total de 1850 tumbas das quais, graças ao mobiliário existente, 1099 puderam ser datadas com grande exatidão.

Dessas tumbas, dezesseis chamaram a atenção dos

arqueólogos, pois guardavam, além dos defuntos, os restos das

vítimas que foram imoladas durante os funerais. Uma das

sepulturas pertencia à rainha Chub-Ad. Ela estava estendida em

uma espécie de padiola de madeira. Ao seu lado, mais ou menos perto da cabeça, estava acocorada uma de suas criadas. Aos pés do cadáver, estavam os restos de uma outra serviçal da rainha. Os arqueólogos concluíram que elas haviam sido imoladas antes que as tumbas fossem fechadas.

Como se realizava na Suméria uma inumação real? Ivar Lesner, (*Assim Viviam Nossos Antepassados*, vol. I. p. 26) descreve-nos o processo:

No corredor sombrio que conduzia ao sepulcro, um cortejo formado de cortesãos, soldados, servidores e criados se desdobrava. Trajando vestidos de variadas cores, mulheres levavam diademas de ouro, brincos de orelhas do mesmo metal, coroas ornadas com lápis-lazúli, folhas de ouro e cornalina, grampos de prata para cabelos, pentes, colares, fivelas. Os processionários penetravam na tumba. Conduzidas por excelentes cocheiros, carroças puxadas por bois entravam no hipogeu. Homens e mulheres carregavam - estas um vaso de barro, aqueles uma taça de pedra ou de metal - e se aproximavam de uma cratera de cobre contendo veneno, depositada no centro do jazigo: enchiam as taças e bebiam o conteúdo. Criados abatiam os encerrados na tumba e depois se retiravam.

60

Lendo-se a descrição que nos faz Lissner desse funeral, um fato nos impressiona vivamente: o suicídio coletivo. Wooley nos diz que essas pessoas não se matavam compelidas pelo poder dos reis ou dos príncipes que ali eram enterrados, nem por qualquer forma de coação; matavam-se por acreditarem que iam participar com seus senhores de uma outra vida, por certo mais rica e melhor do que a que abandonavam voluntariamente.

O Mundo dos Mortos dos sumérios chamava-se Kur, palavra que significa País Estrangeiro. No País de Kur, a existência é, em tudo, semelhante à vida que se leva na Terra: o lavrador tem seu campo para lavrar e o caçador continua a perseguir os javalis de brancos colmilhos pelos campos sem fim. Poderia acontecer também que os espíritos dos mortos ou sombras, como eram chamados, aparecessem e se intrometessem na vida dos vivos. Se eram bondosos, poderiam auxiliar aqueles com quem tinham afinidade, se maléficos, provocavam doenças dolorosas. Os assassinados eram vistos no meio da noite em busca de vingança. Qualquer pessoa poderia ser vítima desses espíritos, bastando, para tanto, que tivesse um comportamento moral inadequado; numa palavra: o pecado acarreta a enfermidade. O modo das pessoas se livrarem desses obsessores era o exorcismo, praticado por pessoas especiais versadas nessas questões.

4.2. O Mundo dos Mortos

O Mundo dos Mortos dos Babilônios poderia ser considerado uma contrapartida trágica do Mundo Superior onde brilha o sol e o vento corre suave entre as folhas. O Reino dos Mortos é triste,

escuro e sombrio. Governa-o o terrível Nergal, venerado na cidade de Khuto e sua esposa a pavorosa Ereskigal. Para ali vão as almas dos mortos viver na condição de sombras. Os babilônios chamavam esse lugar de o País-do-sem-retorno, porque os que para ali iam jamais retornavam. Deste modo, nostálgicos, saudosos da vida na terra e dos entes queridos que por aqui deixaram, deslizam os mortos pelos bosques umbrosos e úmidos. Nem todos, entretanto, tinham uma vida tão insípida e despida de prazer. A

61

situação melhor ou pior de um morto do outro lado da vida dependia de três condições: a causa de sua morte, o tipo de sepultura e o número de filhos que se reúnem para fazer sacrifícios em honra ao morto. Assim, aquele que viveu na Terra conforme a vontade dos deuses, teve uma prole bem formada e morte digna, terá, no Mundo dos Espíritos, uma vida agradável em companhia dos seres a quem mais ama; ao contrário, o cadáver do malvado, do réprobo era atirado ao campo onde o espírito, sem rituais necessários, se vê forçado a devorar os restos de comida ali deixados.

4.3. Os demônios ou maus espíritos

A demonologia, de um modo geral, está relacionada com os espíritos dos mortos. Na Mesopotâmia, nos textos cuneiformes, a noção de demônio é representada pelos ideogramas Gidin e Uduq que significam espíritos dos mortos. Os dois ideogramas não são da mesma época, Uduq já aparece nos primeiros tempos da Babilônia enquanto que Gidin é muito mais recente. É importante lembrar ainda que, na Mesopotâmia, o conceito de demônio está relacionado também com a palavra sopro, em grego pneuma (ar). Assim, a alma se torna o sopro, da vida, aquilo que possibilita o movimento e as paixões. Os espíritos maus são os ventos negativos que possuem poder maléfico. Quando o grande deus Marduc, no Poema Babilônico da Criação, decide enfrentar Tiamat, o poderoso monstro das águas, convoca os sete ventos formidáveis para ajudá-lo no combate. Por isso, os demônios são como os ventos que sopram nas janelas, forçam as portas das casas dos homens e assoviam lá fora nas noites de tempestade.

Nos textos da Biblioteca de Assurbanípal, os maus espíritos formam um grupo de sete cuja forma e nome variam bastante. Os maus espíritos são invisíveis e como os deuses, são cercados por um halo chamado Melammu que impede que sejam vistos. Embora sejam assexuados, atacam os homens, tirando-lhes a potência viril ou causando outros tipos de males relacionados com a sexualidade. Segundo Mareei Leibovici (*Genies et Demons*) os espíritos trevosos na Babilônia possuem as seguintes características:

62

1. Afastam as esposas do lado de seus maridos e os filhos de seus pais; causam perturbações nos lares, espalhando a discórdia, as briguinhas internas, estimulando o lado negativo das pessoas; alimentam-se de sangue e como o demônio Lamastu, cujas mãos

estão sempre sangrando, costumam devorar carne humana.

2. Nas suas andanças pelo mundo material, esses espíritos deixam pegadas e o homem que pisar em uma dessas pegadas, corre o risco de adoecer, pois os pés desses espíritos são cobertos de equimoses e, por isso, venenosos. Esses seres possuem ainda a baba peçonhenta e a espuma produzida pela boca desses espíritos é tão perigosa quanto o veneno das cobras e dos escorpiões. Não é de todo ocioso lembrar que no filme *O Exorcista*, o demônio que se apossou do corpo da personagem ataca o padre cuspidando sobre ele a sua baba pútrida.

3. Os espíritos do mal são por natureza sujos, impuros e obscenos (o filme *O Exorcista* ainda é um bom exemplo desta característica); seus corpos fedem e o odor que deles se desprende é maléfico e causa doenças aos homens.

4. Por fim, os demônios são sutis. Eles deslizam silenciosos como serpentes. Entram sorrateiros pelas fechaduras e gonzos das portas. Por isso o homem deve estar sempre atento contra esses espíritos invisíveis que, no silêncio da noite, penetram nas casas para perturbar o sono de seus moradores ou causar males muito mais graves. As janelas e portas não podem impedir que entrem. Apenas as preces, os amuletos e os exorcismos possuem sobre eles algum poder. Veremos, a seguir, os principais demônios da Babilônia.

4.3.1. ALU

Alu é pavoroso e cruel. Como um muro em ruínas ele desaba sobre os homens causando-lhes grandes desgraças; como a noite, ele passa sem ser visto; como um raio nos dias de tempestade é capaz de fulminar. Apossa-se também do corpo dos homens para realizar seus desígnios perversos. Habita lugares desertos: túmulos,
63

sepulcros abandonados, descampados, charnecas onde uivam os lobos e caminham raivosos os chacais. O principal sintoma de que uma pessoa está possuída por Alu é uma grande sonolência e um zumbido nos ouvidos.

4.3.2. GALLU

O nome deste demônio é de origem suméria e deriva de Gal - 1 a. Este espírito anda pelas cidades espalhando a morte sem piedade. Contra ele são usadas figurinhas protetoras e amuletos mágicos que se acreditava terem a virtude de manter afastados os espíritos negativos.

4.3.3. NANTARU LEMNU

Este espírito é o vizir do Mundo dos Mortos. É tido como o mensageiro da deusa Ereskigal e filho desta com o deus Enlil. Sua imagem, arrastando pelos cabelos a alma de um homem que acaba de morrer, lembra bastante o Anjo da Morte da tradição judaica. Como os outros espíritos perversos, Nantaru torna a vida dos homens um verdadeiro martírio, torturando-os durante o sono e prejudicando-lhes a saúde. Contra ele havia também figuras

mágicas que poderiam impedir a sua presença.

4.3.4. LAMASTU

Lamastu é um demônio feminino, insaciável, que ataca as mulheres grávidas e rouba seus filhos. Eis uma descrição deste demônio: sua face é semelhante a de um leão, suas orelhas as de um asno, os seios são descobertos, seus cabelos em desordem, suas mãos são contaminadas, seus dedos e unhas são longos, seus pés são como os de Anzu, seu veneno é o das serpentes e dos escorpiões (In. Leibovici. op. cit. p. 92.)

Do ponto de vista moral, Lamastu apresenta alguma ambigüidade. Filha de Anu, um deus urânico na mitologia babilônica, ela foi expulsa do céu por seu pai e precipitada sobre a Terra como o anjo caído da tradição judaico-cristã. Na Terra

64

ela urde, trama, seduzindo os homens para as tarefas mais nefastas. Sua ação perversa, entretanto, parece estar voltada para as crianças pequenas. Se a criança está irritada, não pára de chorar ou de gritar, por certo, está sob a influência deste espírito. A morte dos neonatos também, em muitos casos, é atribuída a ele, pois, na antiga Babilônia, acreditava-se que Lamastu deslizava pelas fechaduras das casas das parturientes e matava seus filhos. Lamastu era também conhecida como a Virgem Estéril. Por esta razão, Lamastu tinha inveja das mulheres férteis que podiam aconchegar em seus braços os frutos de seu amor. Cheia de ódio, ela ataca as mulheres grávidas que eram protegidas contra abortamentos e outros prejuízos ao feto através de amuletos - pedras-mágicas que eram colocadas em diversas partes de seu corpo.

4.3.5. PAZUZU

É um demônio alado, soberano de todos os espíritos do ar. Habita as montanhas as quais faz tremer com incrível furor.

4.4. Os Espíritos e as Doenças

Na antigüidade, de um modo geral, as doenças eram atribuídas aos espíritos dos mortos ou aos deuses. Na Ilíada (4. 0.), a epidemia que cai sobre as tropas gregas que sitiavam Tróia, foi tida como uma vingança do deus Apoio contra Agamenon. Na Mesopotâmia, a crença na origem das doenças eram muito semelhantes. Ahhãzu é o espírito que causa a icterícia, uma doença do fígado que torna a pele das pessoas amarelada; por este motivo, este espírito é tido como possuindo a epiderme, o fundo dos olhos e a raiz de sua língua negra completamente amarelos. Benu é o causador da epilepsia. Há ainda espíritos que provocam dor de dente, de cabeça e assim por diante.

4.5. Os Espíritos da Noite

Os espíritos noturnos são Lilü, Andat-Lili e Lilitum. Estes espíritos da noite, mais tarde, receberão dos demonólogos cristãos

65

o nome de Incubos ou Súcubos, conforme sejam masculinos ou femininos. Lilitum e Andat-Lili são descritos como espíritos femininos que, repletos de luxúria, atacam os homens não casados, copulando com eles durante o sono destes e exaurindo-lhes as forças. Andat-Lili, às vezes, é representada como uma virgem muito bela que simboliza a voluptuosidade. Sendo um espírito que não conhece o amor nem a juventude sofre uma espécie de frustração que a faz vingativa contra as mulheres e costuma, como Lamastu, raptar crianças recém nascidas. Em algumas iconografias mesopotâmicas é vista também como uma loba com cauda de escorpião, devorando uma criança.

Assim, em virtude de todas essas crenças, torna-se natural na Babilônia a presença de um grande número de magos e exorcistas que funcionavam como médiuns ou mediadores entre a ordem material e a espiritual. Aos videntes, competia sondar a vontade dos deuses e predizer o futuro. Os processos mais comuns de adivinhação eram: a hepatoscopia mântica, baseada no exame do fígado das vítimas, e a lecomancia, arte adivinhatória que procura interpretar a forma que uma gota de azeite toma em contacto com a água.

Os exorcistas atuavam como auxiliares dos médicos. A sua função era a de, por meio de rituais mágicos, "limpar" o doente de suas mazelas espirituais, facilitando assim o trabalho dos médicos. Ao que parece, os médicos e os exorcistas eram pessoas diferentes, cada um possuindo a sua esfera própria de atuação e métodos característicos, o que não impedia que alguns deles acumulassem as duas funções.

Assim como no Antigo Egito encontramos na Mesopotâmia a idéia firme de que a vida continua. Entre esses povos também se acredita que além do corpo físico existe o espírito que, após a morte continua em sua caminhada em busca da luz. Acreditavam ainda na existência de bons e maus espíritos, que atuam na vida dos homens ajudando-os em suas dificuldades ou lhes oferecendo dificuldades das mais variadas.

66

PARTE 5

OS PERSAS

A Pérsia se encontra na Ásia Central, entre a Mesopotâmia e o Golfo Pérsico. O clima é seco, com precipitações pluviométricas bastante baixas. A terra não chega a ser estéril pois, de quando em quando, o viajante que por ali passa encontra oásis de grande beleza. Nessa região viviam os Medos e os Persas, povos de origem indo-européia que denominavam a si mesmos ários, palavra que significa "nobre". Os Medos foram os primeiros a chegar, ao Golfo Pérsico.

5.1. O Masdeísmo

Masdeísmo é a religião dos Persas. O seu fundador chamou-se Zaratustra, em grego, Zoroastro. Zaratustra é um desses personagens que

habitam a região

Nota: Este relevo em pedra representa Dano J, o Grande, governou o Império Persa de 52 a 486 a.C. É provável que foi o primeiro rei Persa a reconhecer o Zoroastrismo ou Masdeísmo

67

limítrofe entre o mito e a história, entre a realidade e a lenda. Possivelmente nasceu na Pérsia entre 570 e 500 a.C., sendo, portanto, contemporâneo dos grandes reis Ciro, Cambises e Dario. Era um homem persistente, que procurou pregar as suas crenças por toda a Pérsia, mesmo contando com a forte oposição da religião anterior. Com o tempo, conseguiu alguns discípulos, mas a sua maior vitória foi a conversão do rei Kavi Vishtapa e de alguns de seus ministros, o que, por certo, favoreceu-lhe os objetivos. Sobre o seu tipo físico, sua família, nada sabemos. O seu nome, Zaratustra, significa "o homem dos camelos velhos".

5.1.1. As Idéias Religiosas do Masdeísmo

Os mais velhos Gathas, hinos dos Avesta, contam as glórias do ser supremo. Este ser de que nos falam os galhas é chamado Ahura-Mazda, termo composto que se pode traduzir por "Sábio Senhor". Os gregos que o conheceram chamaram-no de Oromazes e, mais tarde, Ormusd. Da palavra Mazda é que se tirou o nome Masdeísmo, com que ficou conhecida a religião de Zaratustra. Não se sabe com clareza qual a natureza de AhuraMazda.

Há um hino do Avesta que nos dá a idéia deste deus como um ser criador por excelência:

"Quem foi o incriado, o Pai da Ordem do mundo, o primeiro princípio? Quem fixou o caminho do sol e das estrelas? Quem fez com que a lua cresça e diminua? Quem sustenta lá em cima o firmamento e cá embaixo a terra, para que não caiam? Quem criou a água e as plantas? Quem uniu os ventos uns aos outros e as nuvens domadas? Quem é, ó Sábio, o criador do reto sentir? Que artífice criou a luz e as trevas? Que artífice criou o sono e a vigília? Quem é aquele por quem existe o amanhã, o meio dia e a noite, quem recorda os seus deveres ao homem prudente?... Sou eu, ó Sábio, que com esta pergunta quero dar-te a conhecer como o criador de todas as coisas, por meio de teu espírito benéfico"
(in Cid Carlos, *Historia de Lãs Religiones*, p. 262)

68

Havia, entretanto, uma questão de natureza metafísica que o revelador do Masdeísmo deveria responder: se Ahura-Mazda é o deus da criação, um deus poderoso, mas benéfico, de onde vem o mal que acomete o homem neste mundo? Neste mesmo hino Zaratustra procura dar uma resposta a esta questão:

"E estes são os espíritos que existem desde o princípio, conhecidos como gêmeos, são o bem e o mal segundo os

seus pensamentos, trabalhos e obras e, quando, no princípio, os dois se encontraram, determinaram a vida e a morte que, ao fim, será para o mentiroso a morada infeliz e a ditosa para os bons. Desses dois espíritos, o mau escolhe o mau e o bom escolhe o bom.
(op. cit. p. 262)

Deste modo, o Universo seria dirigido por esse antagonismo: Ahura-Mazda, representando o bem, e Angra-Maniu, mais tarde Ahriman, simbolizando o mal. Cada uma dessas forças possui seus colaboradores, que atuam como soldados de exércitos em permanente luta; mas não eterna, porque, um dia, Ahura-Mazda vencerá o seu oponente, e o mal, com seu cortejo de misérias, desaparecerá da Terra.

5.1.2. O Destino do Homem na Outra Vida

No sistema de Zaratustra, o homem possui um corpo de carne (tanu), animado e vivificado pelo fluido vital, que desaparece com a morte. Após o desencarne, com a separação da força vital, dá-se a decomposição do corpo. Depois do corpo físico vem a alma (urvan), distinta do corpo e que sobrevive a ele, guardando, porém, a sua individualidade. Em terceiro lugar, está o daena, modo de pensar da personalidade humana, formada pela consciência. O elemento seguinte chama-se baodah, um equivalente das faculdades perceptivas. O baodah também não desaparece com a morte. Em último lugar está o kehrrp, que pode ser entendido como forma, figura. O kehrrp não se encontra ligado ao corpo físico. É em virtude deste elemento que se pode atribuir aos fravashes, espíritos dos mortos, uma forma.

69

Um dos aspectos mais importantes do Masdeísmo é a preocupação com a outra vida. O homem que viveu na Terra de acordo com o reto pensar, que não se desviou jamais do caminho traçado pelo revelador, terá no outro mundo uma vida feliz e sem cuidados. Ao contrário, o mau, o pérfido, o mentiroso terá no mundo dos espíritos castigos pavorosos.

Outro aspecto do Masdeísmo é o esforço que esta doutrina faz no sentido de eliminar o medo da morte. Nos gathas não se encontra, uma única vez, a idéia de morte. A certeza de que a vida continua e que a experiência do corpo é uma passagem rápida, como o clarão de um relâmpago ou como a vida das rosas de Malherbe, parece ter colocado a morte como um acidente de segunda categoria, que o homem bom e justo deveria encarar com tranqüilidade.

O que acontece, porém, segundo o Masdeísmo, quando uma pessoa morre? Quando o homem sucumbe, vê-se frente a uma ponte chamada Cinvat ou ponte de separação que une o mundo dos vivos ao mundo dos mortos. De acordo com o testemunho de König (*La Religion de Zaratustra, m Cristo y las Religiones de la Tierra*, p. 609) esta ponte se encontra citada em três passagens

dos gathas. No momento em que o morto se prepara para atravessar a ponte Cinvat é tomado de medo e inquietação, principalmente se, na Terra, foi um homem mau que viveu na mentira e na desonestidade. Perante a ponte, o homem mau sente-se como que desmascarado e se vê face a face com a sua iniquidade. A travessia da ponte, portanto, causa ao espírito uma terrível apreensão, e por isso ele procura retardá-la. Os awesta mais recentes intercalam três dias entre a morte e a passagem da ponte. Konig dá-nos uma descrição bastante interessante desses três dias de angústia: "Quando os homens morrem, a alma senta-se, durante três noites, perto do lugar onde se encontra a cabeça do morto. Naquela noite, o demônio Vizarsh olha com seus companheiros na direção do cadáver, enquanto aquece a sua espada no fogo que ali se encontra aceso... Durante três noites a destruição e a decomposição tomam conta do corpo.

70

À alma, esta visão parece uma desgraça semelhante a de um homem que vê sua casa ruir à sua frente. Durante três dias a alma fica perto do corpo, para ver se ocorre sangue quente e que a respiração retome ao corpo e ele possa voltar como justo" (op. cit, p. 610)

Passados os três dias, o que acontece com a alma? Caso se trate da alma de um justo, a alma sai de perto do cadáver, acompanhada de sua daena, que assume a forma de uma jovem formosíssima, e atravessa um magnífico jardim. Ao final da terceira noite, quando começa a raiar o dia, a alma sente um maravilhoso perfume vindo do Sul (tudo o que vem do Sul é bom e positivo); sente-se embriagada de prazer e goza de extrema felicidade. Exatamente o oposto se dá quando se trata da alma de um homem mau. No alvorecer do terceiro dia, o mentiroso deixa seu corpo e encontra-se com a sua daena. Esta, entretanto, acha-se metamorfoseada em pavorosa bruxa, que o toma pela mão e o leva a um descampado solitário e triste. Toma conta do ar um odor nauseabundo Vindo do norte (tudo o que vem do norte é negativo). O mau cheiro a tudo impregna. A alma, a partir de então, nada mais pode esperar de bom e compreende o erro que praticou obrando o mal e servindo, assim, às forças trevas de AngraManiu. Estas idéias reveladas e desenvolvidas por Zaratustra trouxeram para a sociedade persa conseqüências positivas. O homem é livre para escolher entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira, entre o vício e a virtude, entre as trevas e a luz. Só o homem pode decidir entre alistar-se nas hordas de Angra-Maniu ou nos exércitos de Ahura-Mazda. Mas sabe também que esta escolha traz sérias conseqüências espirituais, porque reconhece que é um ser inscrito na eternidade, que cada um de seus atos na vida terrena reflete na sua condição de espírito.

71

PARTE 6

O HINDUISMO, O KARMA E A VIDA DEPOIS DA MORTE

6.1. A Lei do Karma

A base em que se assenta, o Hinduísmo é a doutrina do Karma. Na Índia, a doutrina do Karma parece ser a mais adequada para explicar as profundas diferenças sociais imposta pelo sistema de castas. No seu aspecto mais popular, o Karma é~

uma espécie de Moira da tragédia grega, uma lei que determina de modo inflexível o papel de cada um no drama da existência.

Na Europa, muitos críticos do Hinduísmo procuram apresentar a Lei do Karma como justificação para

a atitude acomodada e conformista de muitos indus que acreditam que nada do que está determinado pode ser modificado. Esta crítica, além de apressada, é totalmente equivocada. A Reencarnação, muito pelo contrário, torna o indivíduo

Avatar Matsya.

72

responsável pelo tipo de vida que leva em cada parcela de sua existência integral. O homem sofre na presente vida o resultado de suas faltas passadas e constrói, ainda nesta vida, o modelo da próxima existência. Não há imposição de forças externas. O homem é o autor e ator da peça que vive no teatro da vida. Nos Upanishads estão os principais fundamentos da Lei Kármica que podem ser resumidos em uma frase bastante simples: o que semearmos, isso colheremos.

A Lei do Karma corresponde, exatamente, no campo da moral, ao papel que a Lei da Conservação exerce no campo da física. Nossas ações boas ou más, não se perdem, por isso, cada pessoa recebe segundo as suas obras, nem mais nem menos. Tudo isso torna a doutrina cármica a mais prática de todas; pois um homem se torna bom à proporção que pratica o bem como um exercício cotidiano e se converte em mau ao fazer uma opção clara e voluntária pelas ações perversas.

A doutrina do Karma não prescinde, por certo, de um determinado grau de determinismo. O Sansara, Ciclo dos Nascimentos e Mortes, exige isto; mas não de modo absoluto. O homem possui relativa dose de liberdade para escapar ao destino cármico. O doutor S. Radhakrishnan, citado por Juan R. Riviere (*Historia de las Religiones*. Biblioteca Marin), esclarece este ponto: Quando nos dão as cartas do jogo da vida, não as escolhemos. Estão dispostas conforme o nosso Karma passado, entretanto, podemos jogá-las do modo que desejarmos e, assim, ganhar ou perder. Nisto consiste a nossa liberdade.

Os estudiosos que se ocuparam do Hinduísmo e da teoria das vidas sucessivas, costumam dividir o Karma em três tipos ou aspectos:

O Sãncita, o Parabdha e o Agami.

1. Sãncita

73

Todo Karma acumulado no passado que, em parte, se reflete na personalidade atual do indivíduo e pode ser observado em suas tendências, inclinações, desejos, atitudes e gostos.

2. Parabdha

É a parte do passado que corresponde mais de perto à situação presente.

3. Agami

É o Karma futuro que se acumula nas experiências do presente.

Desses três modos de ser do Karma, o homem tem controle sobre os dois extremos, o Sãncita e o Agami, mas o Parabdha escapa-lhe completamente. Pode lutar para se transformar, modificar sua vida, aperfeiçoar o caráter, mas não pode escapar do passado imediato, do mal praticado que manchou sua túnica e que, por isso, deve ser depurada. Como se vê, a doutrina do Karma possui um corolário: a Reencarnação. A palavra Reencarnação formada de *Re + In + Carne + Ação*, designa a ação de retomar um corpo físico, nascer de novo. A idéia da reencarnação altera o ciclo vital do seguinte modo: *nascer = crescer = reproduzir = envelhecer = morrer = renascer*.

No Bajavad Gita, lemos: Como alguém veste roupa nova, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis, (cap. II, 22)

Assim, do ponto de vista reencarnatório, a vida não acaba com a morte; ao contrário, a morte é o ponto de partida para uma nova experiência na carne e, retomando as etapas anteriores, forma um ciclo que continuará até que o espírito tenha queimado todo o seu Karma e, ultrapassando o Bhava - Chakra, possa se unir à divindade.

6.2. A idéia de outra vida no Hinduísmo

Vimos no capítulo anterior a importância que o Hinduísmo dá à noção da pluralidade das existências. Isto faz com que as idéias de ultratumba na Índia sejam diferentes das que existem em outras religiões do mundo. O Plano Espiritual na concepção

74

do Hinduísmo possui regiões tenebrosas, lugares de expiação onde as almas dos malvados são torturadas no fogo, no gelo ou fervidas em azeite. Tais lugares, entretanto, não são eternos como acontece na religião católica, mas lugares de trânsito e de relativa importância. Para restaurar o equilíbrio rompido pelas ações negativas, só há um caminho: voltar a viver na Terra em uma nova experiência carnal. Leiamos sobre esta questão o *Mahabharata*:

Como as flores e os frutos dão a sua colheita durante o ano embora não sejam cultivados, igualmente as ações passadas têm as suas conseqüências: os amores e desprezos, ganhos e perdas, enganos e desenganos, tais são os frutos colhidos quando o destino chega ao fim. Dores e alegrias são

preparadas pelo próprio Eu; depois da permanência em um corpo humano, recolhe-se o produto da encarnação anterior. (Carlos Cid. *Historia de las Religiones*)

Para evoluir e reencarnar em melhores condições, é necessário praticar o amor, alcançar a sabedoria e conviver com a justiça. O segundo passo consiste no desapego às coisas materiais que desviam o homem do seu fim essencial; por fim, é fundamental matar o desejo para romper com as cadeias do Karma e mergulhar para sempre na grande luz.

Ao lado dessa teologia de altas conseqüências morais, havia práticas populares provavelmente muito antigas que estavam enraizadas na mente do povo. Assim, quando alguém morria, queimava-se o corpo e se atiravam as cinzas nas águas do Ganges. Os servos, concubinas e mesmo esposas legítimas costumavam morrer junto com seus senhores, amantes ou maridos. Tão forte era este costume que os ingleses tiveram grande dificuldade para erradicá-lo da Índia. Ainda no século XX, essas práticas, embora proibidas, ainda continuaram e viúvas atiravam-se em êxtase nas piras onde ardiam os corpos de seus maridos.

75

PARTE 7

O CULTO DOS MORTOS NO JAPÃO

Os ritos particulares do Xintoísmo não são muito diferentes dos ritos e cultos existentes em outras religiões. No Ocidente, como no Oriente, há uma grande necessidade em se honrar os mortos e cuidar deles com grande respeito e consiafastados das residências como se os mortos fossem perigosos

ou possuíssem uma espécie de mana negativo prejudicial aos vivos.

No Shintoísmo, os mortos são enterrados em jardins como se eles ainda pudessem gozar da fragrância das flores ou dos raios mornos do sol de outono. A alma permanece nas proximidades de seu

Nota: Dança tradicional Xintoísta.

76

túmulo. Daí a necessidade de se fazer culto a eles nos cemitérios. Ali se oferece arroz, vinho de arroz, flores, frutos, ramos de sakaki e azeite às almas dos parentes e amigos que vivem nesses lugares. No Xintoísmo não basta, todavia, que se dê ao morto alimentação. É importante ainda que se mantenha o morto informado sobre o que acontece na família a qual ele ainda continua ligado. Leiamos um artigo de J. Dahlmann sobre este aspecto do Shintoísmo:

O Xintoísmo acentuou, mais do que o culto romano, a dependência misteriosa a respeito dos mortos. Estes são informados de todas as notícias que concernem à família. Quando um rapaz vai para a Europa estudar, quando um funcionário vai servir à pátria no estrangeiro, quando um comerciante

empreende longa viagem por causa de seus negócios, começam por fazer uma visita ao túmulo dos antepassados para se despedirem deles. Se a sua morada é fixada longe desses túmulos, fará muitas vezes, uma longa viagem para os visitar e levar ofertas. Por seu turno, os mortos se mostram agradecidos por esses sinais de lembranças persistentes. Como entre os romanos, eles se tornam espíritos tutelares que se comprazem em ajudar e dirigir os descendentes. Esta concepção da presença tutelar dos mitamas tomou na família uma forma que provocou a fusão do culto dos mortos e do culto dos deuses num só e único culto dos Kami.

(Dahlmann. *As Religiões do Japão*, In. *Christvs História das Religiões*)

O culto dos mortos no Xintoísmo desenvolve-se em torno do Mitamaya, uma espécie de pequeno cofre de madeira branca, com duas aberturas, em que a família guarda os seus santuários. No interior da Casa Augusta das Almas (assim é chamado o pequeno cofre) está o Tamashiro ou Tábua dos Antepassados. No Tamashiro se escreve o nome do defunto com sua idade e ano em que morreu. O nome do morto vem precedido da palavra Mikoto que significa personagem ilustre. Conforme a descrição do professor Dahlmann (op. cit. p. 305.) os ritos fúnebres próprios do Shinto realizam-se do seguinte

77

modo: quando alguém morre no meio de uma família japonesa, celebram-se diversas cerimônias que se iniciam diante do caixão do defunto, feito com madeira branca de honoki ou de pinheiro. Nesse caixão se coloca o cadáver junto com objetos de uso pessoal do morto como leques, sabres, espelhos, peças de pano, etc. Frente ao caixão, faz-se uma oferenda muito simples que consiste de um vaso com água, sal, grãos de arroz não descascados. Marca-se, então, um dia para conduzir a alma para o Tamashiro o que se faz através de uma cerimônia chamada mitama-utsuschi. Para realizá-la são convidados sacerdotes shintoístas.

O principal oficiante faz uma prece diante do caixão e outra diante da Casa das Almas cujas portas são abertas para que o espírito possa entrar. Uma vez no interior da caixa, ela comunica misteriosamente a sua presença. Trazem, então, frente à casa das almas, as oferendas próprias: arroz, vinho, frutas, galhos de sakaki e flores.

A partir desse momento, a casa das almas se torna altar dos antepassados. Todas as famílias têm o seu altar próprio onde se realiza o culto doméstico, muito semelhante ao que acontece na Grécia e em Roma. O culto é realizado porque o espírito do morto tornou-se Kami (heros em grego) ou seja, sagrado.

(...) A casa das almas é um templo em miniatura; o mitama ou espírito do morto une-se nela; a tabuinha dos antepassados, do mesmo modo que o mitama ou espírito do kami, se une no templo shintoísta aoshintai, convertendo-se

um e outro num mitamaya. Há concordância perfeita entre os dois cultos - das almas e dos kamis - as mesmas homenagens divinas são prestadas a uns e outros.
(Dahlmann. op. cit. 306)

Assim, o Xintoísmo parece ser uma religião onde a morte não se constitui em problema muito sério em razão do modo de perceber este fenômeno. A morte não parece ser, para eles, o fim de tudo, um mergulho no nada; mas a passagem de um modo de vida para outro sem que se rompam os laços de amizade e de respeito que existiam na vida material entre os parentes e os amigos.

78

PARTE 8 O POVO DE ISRAEL

A terra em que viveu o "povo de Deus" é substancialmente aquela parte da costa do Mediterrâneo que liga a Síria Meridional com o Egito. Esta região já possuiu várias denominações, prevalecendo hoje a de Palestina, que já era conhecida de Heródoto. Os limites da Palestina são em parte artificiais e em parte naturais. Sobre esta questão escreve Guiseppe Ricciotti: "De dois lados a Palestina tem limites naturais: a ocidente é limitada pelo Mediterrâneo e a oriente pelo deserto sírio-arábico. Ao norte e ao sul os limites naturais não são tão precisos. No entanto, a norte a Cadeia do Líbano 1 marca uma separação bastante nítida, descendo paralelamente ao Mediterrâneo. Para o interior, é flanqueada pelo Antilíbano, que faz vanguarda ao Hermon. O desfiladeiro entre o Hermon e o Líbano pode considerar-se como o limite setentrional da Palestina. Ao sul, o limite geográfico está, de um modo geral, representado pela Iduméia e pelas regiões desérticas que se estendem imediatamente abaixo da *Candelabro de Sete Braços, ou Menorah, um dos símbolos da religião Judaica e Brasão do Estado de Israel.*

79

Bersabéia e do Mar Morto. São os dois limites setentrional e meridional que o Antigo Testamento freqüentemente designa pela expressão de Dam a Bersabéia, para designar a Palestina habitada pelos hebreus.
(Ricciotti, Guiseppe. *Vida de Cristo*. Casa do Castelo, Coimbra, 1963)

A Palestina possui clima subtropical e apenas duas estações: a estação das chuvas, que corresponde ao inverno e vai de novembro a abril, e a estação seca ou verão, entre os meses de maio a outubro. As chuvas estivais são raríssimas, mas as de verão caem abundantemente, ultrapassando, quase sempre, a média de 600 mm.

A neve em Israel não é comum. Sua incidência é sobretudo no mês de janeiro. As geadas são, como a neve, muito escassas.

Durante a primavera e o outono sopra um vento quente, vindo do leste, chamado Sherqijje ou Siroco e o Khansin ou Simum. Estes ventos, por causarem danos à saúde e à agricultura, eram representados pelos assírios sob a forma de demônios. Esta era a terra prometida pelo Senhor, terra onde manava leite e mel, terra em que, pela primeira vez, Deus falou ao homem, terra em que reencarnou Jesus, o Cristo, para a missão redentora da humanidade.

8.1. Os Judeus

O povo de Israel tem as suas origens mais remotas nas planícies formadas pelos rios Tigre e Eufrates. Conforme a Bíblia, os hebreus, liderados por Abraão, um grande senhor, natural da cidade de Ur, na Caldéia, teriam se deslocado de onde viviam em direção a Canaã. Ali se fixaram depois de terem enfrentado e expulso os cananitas, habitantes primitivos da região. A história dos hebreus pode ser conhecida através da leitura da Bíblia, livro sagrado deste povo. Em verdade, a Bíblia não é um livro, mas um conjunto de livros dividido em duas séries desiguais chamadas tradicionalmente de *O Antigo* e *O Novo Testamento*. O primeiro trata da História de Israel antes do advento de Jesus, o Cristo, e o segundo enfoca a pessoa de Jesus, sua doutrina e os primórdios do Cristianismo.

80

8.1.1. O Velho Testamento, os Fenômenos e as Idéias Espíritas

Se considerarmos como mediúnicos os contatos existentes entre o plano espiritual desencarnado e o plano espiritual encarnado, por meio de um agente chamado médium, a Bíblia é um dos maiores repositórios (senão o maior) de fenômenos mediúnicos. Assim, vimo-nos obrigados a escolher, entre a grande variedade de exemplos que o Antigo Testamento nos oferece, aqueles que nos parecem mais evidentes e significativos.

8.2. As Aparições Divinas e Angélicas

Começemos por Abraão, patriarca do povo judeu. Abraão era filho de Tare e irmão de Nacor e Aran. Tare e seus filhos moravam em uma das cidades mais importantes da Caldéia, a cidade de Ur. Em certa época de sua vida, Tare reuniu toda a sua família e seguiu para o país de Canaã, mas, chegando a um lugar chamado Aran, ali fixou residência. Foi em Aran que Tare desencarnou. Com a morte do velho Tare, a liderança da família passou a Abraão. Certo dia, Deus esteve com Abraão e lhe disse que tomasse os seus familiares e continuasse a viagem rumo a Canaã. De que modo, porém, Deus falou com Abraão? Por certo não foi uma aparição objetiva, uma vez que não há a menor descrição da figura divina e, em nenhum momento, Abraão se maravilha por estar falando com Deus. Neste caso (isto é, se Abraão não falou face a face com Deus), restam-nos duas hipóteses: ou se trata de um fenômeno de clariaudiência (Abraão ouviu, mas não viu Deus), ou se trata de uma simples intuição, uma espécie de voz interior, como se ele recebesse a orientação divina por um processo semelhante ao telepático.

Uma outra hipótese que queremos levantar aqui, com respeito ao encontro de Deus com Abraão, é a seguinte: não nos

parece racional que a Inteligência Universal, Causa Primeira de Todas as Coisas possa entrar em contato direto e por meio da palavra com um homem comum. Imaginar um contato direto,
81

pessoal, quase banal entre Deus e Abraão seria antropomorfizar a divindade, a pequenar-la, atrelando-a aos padrões humanos. Assim, nos parece mais provável que o patriarca dos judeus tenha entrado em contato não com Deus, mas com um espírito de alta hierarquia, interessado no processo evolutivo do planeta. A segunda manifestação que se dá com Abraão é a dos anjos que vêm avisá-lo sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. Neste caso, o fenômeno foi objetivo: era dia claro e fazia muito calor. Abraão estava sentado na porta de sua tenda e apareceram-lhe três homens. Nada possuem de sobrenatural e nem mesmo de especial. Abraão os recebe e, conforme os princípios da hospitalidade, adianta-se para cuidar de os alimentar. Vai até onde se encontra Sara, sua esposa, e pede que ela lhe faça três medidas de flor de farinha, enquanto ele próprio apressa-se em tomar um novilho. Os anjos que visitam Abraão podem ser vistos e ouvidos por qualquer pessoa e sem nenhuma dificuldade. Quando, por exemplo, predizem a Abraão que ele será pai, Sara, escondida por trás da porta, sorri, por acreditar que, na sua idade (cerca de 75 anos), a maternidade lhe seria impossível. O texto apresenta-se estranho, pois, ao mesmo tempo que Abraão fala com os anjos, fala também com o Senhor. Por esta razão, Philon, um filósofo judeu de Alexandria, sustentava a tese de que um dos anjos era o próprio Deus. Os anjos, quando deixam a tenda de Abraão, seguem para cumprir a sua missão nas cidades condenadas. Em Sodoma, são tomados por pessoas absolutamente normais, a ponto de os habitantes da cidade desejarem ter com eles relações carnavais. Quem são esses anjos? Eles não possuem a forma clássica dos anjos e se comportam muito mais como os deuses de Homero do que como os seres puros da ordem espiritual que tradicionalmente chamamos de anjos. Em regra geral, os anjos do *Velho Testamento* nada possuem de sobrenatural. O anjo que aparece para Abraão em Moriá, quando do sacrifício de Isaac (*Gênese*, XII: 11), o que luta com Jacó (*Gênese*, XXXII: 1-32), o que aparece a Josué (*Josué*, 13-16) são em tudo semelhantes a seres humanos. Ficando,
82

então, duas possibilidades: ou as narrativas sobre anjos que lemos *no Antigo Testamento* são alegorias, ou seja, uma narrativa metafórica que aponta para algo além dela, ou se trata de espíritos materializados vindos à Terra para levar a cabo as missões que Deus lhes confiara.

Vejam, agora, as aparições de Deus a Moisés. Neste caso, surge um elemento que não se encontra nas manifestações anteriores: o fogo. Segundo o relato bíblico, Moisés apascentava as ovelhas de Jetro, seu sogro, quando viu, no Monte Horebe, a moita de sarça que pegava fogo sem se consumir. Do meio deste

fogo saía a voz do Senhor. Este fogo que arde sem consumir pode ser interpretado como forte luminosidade, o que reforça a tese da presença de um espírito superior no Monte Horebe. Na aparição do Monte Sinai, os fenômenos são mais evidentes. Fala-se em trovões, relâmpagos, em uma nuvem muito espessa sobre o monte e no som de uma trombeta:

”18. E todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e o fumo subiu como o fumo de um forno, e todo o monte tremia grandemente.

19. E o som da buzina ia em grande maneira; Moisés falava e Deus lhe respondia em voz alta.”

Gênesis, XIX, 18-19)

Por que esta mudança? Por que se passa de uma comunicação quase discreta para um tipo de comunicação espetacular? A resposta a estas questões está, nos parece, na evolução da idéia de Deus. O deus anterior a Moisés é um deus tribal, particular, é, como ele próprio diz, ”O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó”. A partir de Moisés, ele se torna o deus de um povo e de toda a humanidade. O povo que ele escolheu é ainda um conjunto de espíritos rudes, grosseiros, irreligiosos, acostumados a maravilhar-se com a magia dos sacerdotes egípcios e que necessitavam de demonstrações incisivas que mostrassem a eles que a magia do deus de Moisés era mais forte que a dos deuses do Egito. Assim, o plano espiritual decide impressionar aquelas almas

83

pelos olhos para, com o tempo, atingir-lhes o coração. Este deus tem que se impor pelo terror a um povo que ainda não havia aprendido a amar:

”21. E disse o Senhor a Moisés: desce e protesta ao povo que não trespasse o termo para ver o Senhor, a fim de que muitos deles não pereçam.”

(Êxodo, XIX, 21)

É preciso que o povo tema a Deus para aprender a respeitá-lo.

Com o tempo e as encarnações bem aproveitadas, o respeito torna-se amor e, quando se ama a Deus, torna-se um com ele e pode-se repetir as palavras de Cristo: ”Eu e meu pai somos um”

8.1.3. A Comunicação com os Espíritos

No *Deuteronômio*, lê-se o seguinte:

”9. Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações.

10. Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro nem feiticeiro.

11. Nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos.

12. Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fora de diante dele”

(Dewí.XVIII,9-12)

Esse texto diz respeito à repressão da magia, tomada como uma abominação aos olhos do Senhor. O motivo para o tom repressivo é o fato de que a atitude mágica se encontra associada ao orgulho e à arrogância. O mago tem muito da atitude de desafio que na tragédia grega chama-se *hybris* e que é responsável pela perda do herói. O mago, como vimos alhures, é aquele que acredita que pode dominar os deuses e colocá-los sob a sua vontade. O

84

Deus de Moisés quer exatamente o contrário. Ele quer que os Hebreus se convertam em seu povo, que o aceitem como Senhor absoluto, que a ele se submetam sem qualquer restrição. Há, porém, nesses versículos, uma referência particularmente interessante: é a que diz respeito à consulta aos espíritos dos mortos. Os detratores do Espiritismo dela têm se valido para mostrar aos seus seguidores que a invocação de espíritos desagradava a Deus e, com isso, condenavam toda a atividade mediúnica. Nossa opinião é diferente. Antes de qualquer coisa, essas palavras mostram de modo concreto que tais práticas eram comuns aos judeus, a ponto de merecerem a atenção especial do legislador no *Deuteronômio*.

Essa citação é das mais interessantes e significativas e, portanto, merece, de nossa parte, maior cuidado e melhor exame. No *Livro de Números* há um momento em que Deus chama Moisés e ordena-lhe que se reúnam setenta anciãos, que os leve à porta do Tabernáculo e ali esperem para que o Senhor lhes fale. Consoante o trecho em questão, Deus se mostra interessado em criar um grupo de médiuns que possa dividir com Moisés as tarefas de receber as mensagens divinas:

"24. E saiu Moisés e falou as palavras do Senhor ao povo, e juntou setenta homens dos anciãos do povo e os pôs em roda da tenda.

1 25. Então, o Senhor desceu na nuvem e lhe falou; e, tirando do espírito que havia sobre Moisés, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram e não cessaram mais de o fazer, mas depois nunca mais"

(*Num.*, 11.24-26)

No campo estavam dois homens, Eldad e Medad que, embora escolhidos por Moisés, não estavam entre os reunidos no Tabernáculo. Sobre eles pousou também o espírito do Senhor e eles profetizaram. Um jovem que os viu apressou-se em contar para Moisés que os dois homens profetizavam no campo. Josué, filho de Num, um dos mancebos escolhidos, falou a Moisés que proibisse aquelas manifestações. Moisés, entretanto, nem mesmo

85

os repreendeu, antes falou com alegria: "eu gostaria que toda

Israel profetizasse". (*Num.*, 1.29)

Com esta reunião e sob a orientação divina, fundou-se, naquele dia, um colégio profético (ou mediúnico) que teria por incumbência entrar em contato com os espíritos superiores sempre que fosse necessário. Com este colégio passaram a existir em Israel dois tipos de mediunidade: a dos profetas (mediunidade oficial, consagrada pelo próprio Deus) e a dos necromantes (mediunidade particular, reconhecida, mas não consagrada). Que diferenças se pode estabelecer entre os profetas e os necromantes? As diferenças não são poucas; resumindo-se, entretanto, pode-se dizer que:

a) Os profetas não invocam espíritos, já que estes se manifestavam segundo os interesses da espiritualidade; os necromantes, invocavam espíritos para atender interesses dos seus consulentes.

b) Os profetas, naturalmente, não cobram por seu trabalho; os necromantes costumam receber pela atividade que exercem.

c) Os profetas tinham interesse no social, no coletivo, em outras palavras: no destino do povo de Israel; os necromantes, atendiam a casos particulares e visando interesses próprios.

d) Os profetas entravam em contato com espíritos de alta envergadura, que se identificavam pelo nome genérico de Espíritos do Senhor; os necromantes, como o próprio nome indica (*nekros* = morto, cadáver; *mantéia* = adivinhação), consultavam os espíritos de pouca elevação.

Deste modo, os profetas formavam uma corporação de médiuns oficiais, amparados e esclarecidos pelo plano espiritual superior, e tinham por principal tarefa orientar o povo e os seus líderes no sentido de não se desviarem dos caminhos traçados por Deus. Os necromantes, ao contrário, eram médiuns que viviam na comunidade, exercendo funções comuns e usando as suas faculdades mediúnicas em proveito pessoal. Assim, acreditamos que a proibição que se encontra *no Deuteronômio* tem por objetivo

86

a mediunidade dos necromantes e não a mediunidade como um todo. A mediunidade não esclarecida é sempre perigosa e, não raro, pode ser motivo de processos obsessivos dos mais terríveis. Aquele que pratica a mediunidade sem o conhecimento necessário e o respaldo moral indispensável assume responsabilidades espirituais cuja extensão e gravidade nem mesmo pode imaginar. Assim, Moisés andou certo em proibir que essas práticas fossem disseminadas entre o povo e a mediunidade se abastardasse em mãos inescrupulosas. Moisés não desconhecia também que os consulentes deste tipo de mediunidade são espíritos inseguros, preguiçosos, angustiados, frágeis, que procuram resolver, através deste recurso, os problemas que eles próprios deveriam enfrentar e resolver. Por outro lado, os espíritos que se dedicam a "auxiliar" esse tipo de pessoa são ignorantes, pseudo-sábios, vaidosos, materializados, que buscam nos encarnados a possibilidade de dar vazão às suas inferioridades.

Aprofundando-nos um pouco mais na questão, examinaremos dois casos de mediunidade profética. Começamos por Samuel. Samuel era filho de Elcana e de Ana, a qual era estéril. Um dia, cansada de sua esterilidade, Ana foi ao templo e pediu ao Senhor um filho, garantindo que, se a criança nascesse e fosse um menino, seria ofertado ao serviço do templo. Não demorou muito e o Senhor, ouvindo as preces de Ana, enviou-lhe um filho, que se chamou Samuel. Como a mãe prometera, o menino foi entregue ao sacerdote Eli para que fosse iniciado nos afazeres do templo. Estava, um dia, o menino Samuel deitado em seus aposentos. As luzes se haviam apagado e a noite era silenciosa Samuel ainda não havia adormecido. Então ouviu distintamente alguém chamá-lo: "Samuel! Samuel!" O menino correu até onde dormia o velho sacerdote e lhe perguntou se ele o havia chamado. Eli acordou e acalmou Samuel, dizendo que fosse dormir. Tudo aquilo fora, certamente, uma impressão sua. Samuel, obediente, voltou para o seu quarto e tentou dormir, mas o fenômeno se repetiu por mais duas vezes, até que Eli, compreendendo a origem da voz, disse a

87

Samuel que, se tornasse a ser chamado, dissesse sem medo: "Eisme aqui. Fala, Senhor."

Temos aqui um caso típico de mediunidade auditiva, a que os judeus chamavam de Hôzêh. As relações mediúnicas entre Samuel e os espíritos do Senhor serão permanentes e o Senhor governará o seu povo por meio de seu médium. Um dia, entretanto, o povo pede a Samuel um rei. Samuel ora a Deus e os espíritos vêm em sua ajuda; o profeta expõe a vontade do povo. Os espíritos do Senhor se entristecem, porque vêem que o povo, inconseqüentemente, desprezava o governo espiritual para aceitar um governo material de funestas conseqüências para eles. Mesmo assim, o plano espiritual diz a Samuel que dará ao povo um rei quando o momento for chegado.

Um outro exemplo que merecerá a nossa atenção é o de Jeremias, o profeta das lamentações. Logo no início de seu livro ele nos conta:

"4. Assim, veio a mim a palavra do Senhor, dizendo;

5. Antes que te formasses no ventre de tua mãe te conheci e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta.

6. Então, disse eu: Ah, Senhor Jeová, eis que não sei falar porque sou uma criança.

7. Mas o Senhor me disse: Não digas: eu sou uma criança; porque onde quer que eu te envie, irás; e tudo quanto te mandar, dirás.

8. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor.

9. E estendeu o Senhor a sua mão e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: eis que ponho as minhas palavras na tua boca.

10. Olha, ponho-te neste dia sobre as nações e sobre

os reinos para arrancares e destruíres, para arruinares e dissipares, para edificares e semeares”
(Jer.I,4-10)

Esta passagem do profeta Jeremias é particularmente interessante. Inicialmente, Deus lhe diz que o conheceu antes que se formasse no ventre de sua mãe, e antes que ele nascesse o havia santificado. A afirmação é demasiadamente franca, a insinceridade é um defeito que não se pode imputar à Bíblia. Assim, fica bastante claro, sem sofismas, que Jeremias, antes de nascer, já era um espírito constituído do qual o Senhor conhecia as virtudes e que, por isso, o escolheu para realizar na Terra a missão espinhosa da mediunidade. A tarefa proposta pelo Senhor é enunciada por meio de seis verbos, que podem ser agrupados em dois blocos: (*arrancar + destruir + arruinar + dissipar*) e (*edificar + semear*). Os dois blocos estão colocados em ordem, de modo que a obra do profeta deverá ter dois momentos distintos: primeiro é preciso destruir, dissipar, limpar o terreno das ervas daninhas, para depois plantar a semente do Senhor e edificar seu reino no coração do homem. Assim, em muitas ocasiões, a tarefa dos espíritos empenhados nos trabalhos de reconstrução é, antes de qualquer coisa, a de enfrentar o mal sem ser mau, resistir à violência sem se deixar levar por ela, enfrentar os corruptos sem se corromper. É fundamental que os trabalhadores da grande seara tenham, antes de qualquer coisa, a energia moral que os fará fortes para lutar contra as forças da negatividade sem esmorecimento. Como o agricultor cuidadoso, que limpa o seu campo das ervas daninhas e dos animais nocivos antes de semear a sua semente; assim também os espíritos do Senhor têm que erradicar os escolhos, ceifar o joio para que o trigo cresça. Para levar a bom termo uma obra desta natureza, é mister ter qualidades espirituais solidificadas. Deus não tem a menor dúvida de que Jeremias tem essas qualidades. Como se sabe, através da Doutrina Espírita, as qualidades espirituais são conseguidas pelo processo reencarnatório. Os espíritos ensinam que todos nós, em nossa origem, nascemos simples e ignorantes. (*O Livro dos Espíritos*, questão 115). Assim, se Jeremias possui todas essas qualidades, como as conseguiu? A resposta nos parece demasiadamente óbvia. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

89

No tempo de Jeremias, o povo de Israel vivia mergulhado nas grosseiras idolatrias, em corrupção permanente, convivendo com a mentira e com a hipocrisia, arrastado por suas paixões. Nomeio, o pequeno Jeremias tem que dissipar as trevas e fazer passar a luz. Ele tem que cumprir a sua missão mesmo que, às vezes, esta lhe pareça árdua e penosa:

”10. Ai de mim, minha mãe! Por que me geraste para ser um homem de rixa e de contenda por toda terra?”
(Jer.XV, 10)

Nos momentos mais agudos, de dores mais lancinantes e

angústias mais violentas, Jeremias rebela-se e explode contra o Senhor num desabafo franco, mas o Senhor o junte às suas cadeias e arrasta-o como as águas caudalosas de um rio arrastam a folha pequenina que caiu da árvore durante a tempestade:

"7. Tu me seduziste, Senhor, e eu fui seduzido; foste mais forte do que eu, pudeste mais; tornei-me objeto de escárnio, todo dia todos me insultam.

8. Porque há tempo que falo gritando contra a iniquidade e anunciando com repetidos clamores a ruína; e a palavra do Senhor tornou-se-me em opróbrio e em ludibrio em todo o dia.

9. Então, disse eu: não me lembrarei mais dele, nem falarei mais em seu nome, porém, ateou-se no meu coração um como fogo abrasador, concentrado nos meus ossos, e desfaleci, não podendo suportar"

(Jer.XX,7-9)

O profeta sofre. A força divina o abala até aos ossos, revolve-lhe o sangue, aquece-lhe o coração e ele, então, recorda-se do pacto feito com Deus e termina o seu canto de revolta com palavras de louvação: "Cantai ao Senhor, louvai ao Senhor porque livrou a alma do pobre das mãos dos malvados" (*Jer. XX, 1-3*)

Assim, Jeremias continuou o seu caminho servindo ao Senhor e convivendo com a angústia e a violência. Quando menos espera, o Senhor o toma e fala por ele, reprochando os

90

comportamentos desviantes, acusando os imorais; mas ele sabe que o Senhor ama seu povo mesmo quando põe na boca do profeta palavras duras. O Senhor ama Israel e reserva para ele um caminho luminoso. Entretanto, o povo desconhece este caminho:

"7- Até a cegonha no céu conhece os seus tempos determinados; e a rola e o grou e a andorinha observam o tempo de sua arribação, mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor" (*Jer.XV, 10*)

Há muito de ternura e de carinho nesta oração, a mesma ternura e o mesmo carinho que Jesus usará com respeito a Jerusalém ao se comparar com a galinha que, cuidadosa, abre as suas asas para agasalhar os seus pintinhos no momento de perigo. Examinemos, a seguir, um caso de necromancia típico.

Encontramo-lo no *Livro de Samuel*, 1-25. Antes, porém, de entrarmos na passagem em questão, consideramos oportuno dar informações mínimas sobre Saul, personagem central deste pequeno drama. O leitor deve estar lembrado de que o povo pediu a Samuel um rei. Samuel aconselhou-se com Deus e o Senhor lhe disse que lhe mandaria o rei no momento oportuno. Naquele tempo havia um homem da terra de Benjamim que se chamava Quis. Quis tinha um filho por nome Saul. Certo dia, tendo se extraviado as mulas de Quis, Saul e mais alguns rapazes foram incumbidos de procurá-las. Os rapazes saíram e, por mais que procurassem,

não encontravam os animais. Saul, preocupado com o tempo que estava fora de casa, resolveu voltar. Um dos rapazes, entretanto, disse-lhe que, ali perto, morava um vidente, homem de grandes poderes, a quem Deus distinguia sobremodo; talvez ele lhes desse alguma indicação sobre o destino das mulas. Este vidente era Samuel. Dois dias antes, porém, o Senhor havia dito ao seu profeta:

"16. Amanhã a estas horas te enviarei um homem da terra de Benjamim, o qual ungirás por capitão sobre o povo de Israel e ele livrará meu povo das mãos dos filisteus, porque tenho olhado pelo meu povo, pois o seu clamor chegou a mim."

(I Sam. IX, 16)

91

Assim, quando, naquela tarde, Samuel viu Saul, que viera à sua procura para ter uma informação sobre os animais perdidos, entendeu que aquele era o rei enviado por Jeová. Naquele mesmo dia, Saul permaneceu em companhia de Samuel e mais tarde foi ungido rei, conforme a vontade do Senhor. Saul, espírito ainda imaturo, governava com dificuldades, sendo, por isso, assessorado por Samuel. Médiun inseguro, costumava ter problemas com os espíritos obsessores; de uma certa feita (*Sam. XVI, 14*) foi atormentado por um espírito que o deixou quase louco. Este caso tem uma particularidade: Saul, quando atormentado pelo espírito, só conseguia alívio com os sons da harpa de Davi:

"23. E sucedia que, quando o espírito mau da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a sua harpa e tocava. Então Saul sentia alívio e o espírito mau saía dele" (*I Sam. XVIII, 23*)

Tempos depois, morreu Samuel e foi enterrado em Rama, sua terra natal. Os filisteus, então, juntaram um grande exército e acamparam em Sunem, prontos para atacar Israel. Saul, sabendo das forças filistéias, teve medo e, incapaz de liderar a defesa, decidiu consultar o Senhor sobre o que fazer naquela grave emergência.

"5. E, vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu e estremeceu muito o seu coração.

6. Consultou, então, o Senhor, que não lhe respondeu nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas.

7. Saul disse aos servos: buscai-me uma mulher necromante e eu irei ter com ela e a consultarei. Os seus servos disseram-lhe: em Endor há uma necromante"

(I Sam. XXVIII, 5-7)

Examinemos cuidadosamente esta passagem: Samuel, amedrontado pela iminência do ataque dos filisteus, decide pedir a ajuda do Senhor para si e para o povo. O texto nos fala de três modos de entrarem contato com os espíritos superiores: os sonhos, o Urim e os profetas. Dos três, o menos conhecido é o Urim. Este elemento aparece na tradição hebraica associado a um outro,

chamado Thumim. O texto de *Samuel* IXXIV, 41) na *Septuaginta*, que nos fala a respeito da transgressão de Jônatas, apresenta-nos o Urim e o Thumim como alguma coisa que se usava para tirar a sorte. O texto hebraico, ao contrário da *Septuaginta*, diz que, no trecho citado, houve o sorteio, mas não se faz referência ao Urim e ao Thumim como os instrumentos pelos quais o sorteio foi realizado. Mas, o que era de fato o Urim e o Thumim? Esta é uma das questões mais obscuras e misteriosas de toda a Bíblia. No texto hebraico, só existem cinco referências a esses objetos: *Êxodo* XXVIII, 29-30; *Levítico* VIII, 8; *Números* XXVII, 21; *Deuteronômio* XXXIII, 8; e *Samuel* XXVIII, 6. A única referência pós-exílica encontra-se em *Esdras* II, 63 e *Neemias* VII, 65. Em todas essas passagens não aparece qualquer detalhe esclarecedor sobre a forma desses objetos e o modo de utilizá-los.

Conforme o professor Francis Davidson (*O Novo Comentário da Bíblia*, p. 319-320), as principais teorias que pretendem explicar esses objetos são as seguintes:

- a) O Urim e o Thumim eram semelhantes às pedras nas quais estavam escritos os nomes das tribos de Israel, e as mensagens eram obtidas por meio da iluminação das letras que formavam as respostas.
- b) O Urim e o Thumim eram dados de diamantes, com os quais se lançava a sorte.
- c) O Urim era uma pedra transparente e o Thumim uma pedra opaca. O objetivo delas era mostrar a luz ou o julgamento. Quando caía o Urim, a resposta era favorável, e quando caía o Thumim, desfavorável.
- d) Para outros, o Urim era uma pedra brilhante que trazia gravada o nome de Jeová e ficava dentro do efodé. O sumo sacerdote, de pé, em frente ao propiciatório ou ao véu do Tabernáculo, olhava a pedra e, caindo em transe, profetizava.

Embora essas opiniões nada nos revelem de concreto sobre esses objetos, sendo simples especulações com base em dados indiretos, uma coisa nos parece clara: o Urim e o Thumim eram objetos utilizados pelos sacerdotes para entrarem em contato com

93

os espíritos do Senhor nos momentos em que o povo se encontrava em crise. Deixemos, entretanto, o Urim e o Thumim adormecidos na sombra do mistério e voltemos ao estudo do texto. Como vimos, Saul, que havia tentado as três formas legais (sonhos, Urim e os profetas) para entrar em contato com os espíritos, não obteve qualquer resposta. Deste modo, sentindo-se abandonado por Deus, resolveu consultar uma necromante. A

palavra necromante é grega. Um invocador de espíritos em hebraico se diz ôb ou baal ôb. A etimologia de ôb é incerta. Há, entretanto, quem a derive de um verbo árabe aba, que significa voltar; assim, ôb teria o sentido de um espírito que volta ou, ainda, um espírito que fala por meio de um médium (nabi) ou, por fim, pessoa que invoca um espírito.

O local onde morava a pitonisa, Endor, era uma localidade que ficava a uns 14 km ao norte de Guilboa, próximo do pequeno Hermon. Saul, sabendo que a consulta a uma necromante era ilegal, pois ele mesmo colocara os necromantes na ilegalidade, disfarçou-se e, durante a noite, foi visitar a mulher. Para chegar a Endor, Saul deve ter feito uma boa caminhada (cerca de quatro horas), pois teria que evitar as tropas filistéias que estavam acampadas em Sunem.

”8. Saul, pois, disfarçou-se, tomou outros vestidos e partiu com dois homens. Chegaram à noite na casa da mulher e Saul lhe disse: adivinha-me pelo espírito de necromante e faze aparecer quem eu disser.

9. A mulher respondeu-lhe: tu bem sabes tudo o que fez Saul, como expulsou do país os magos e os adivinhos; por que me armas, pois, ciladas, para que me matem?

10. Então, Saul jurou pelo Senhor, dizendo: tão certo como vive o Senhor, que disto não te virá mal algum”.

(I *Sam.* XXVIII, 8-10)

O quadro é impressionante. Na sala pequena e escura, iluminada ao mínimo por uma velha lâmpada de azeite, Saul está sentado frente à mulher. O coração bate-lhe descompassado, um
94

suor frio lhe escorre pelo pescoço. Querendo iniciar a sessão, ele pede à mulher que lhe faça aparecer um espírito. Ela, que não ignora a ilegalidade daquele pedido, pergunta ao consulente se ele não tem escrúpulos em colocar a vida dela em perigo. Saul está nervoso, angustiado e, por isso, apressa-se em dar garantias ao médium.

”11. E a mulher disse: quem queres tu que eu faça subir? E disse ele: faz subir Samuel.

12. Tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito e disse a Saul: por que tu me enganaste? Tu és Saul.

13. E o rei lhe disse: não temas; porém dize-me o que vês. Então a mulher disse a Saul: vejo deuses que sobem da terra”
(I *Sam.* XXVIII, 11-13)

Saul, que parece não ter visto o espírito, pede à mulher que o descreva, e ela o faz com poucas palavras. Saul, porém, quase que imediatamente sente que se tratava de Samuel e, reverenciando-o, prostra-se com o rosto no chão.

”15. Mas Samuel disse a Saul: por que me inquietaste

fazendo-me vir cá? Saul respondeu-lhe: eu me acho no último aperto, porque os filisteus fazem-me guerra e Deus retirou-se de mim e não me quis ouvir nem por profetas nem por sonhos; por esta razão te chamei, para que me indiques o que devo fazer.

16. Samuel disse: para que me interrogas quando Deus se afastou de ti e passou para o teu rival?

17. Porque o Senhor te tratará como eu te disse de sua parte, arrancará o teu reino de tua mão e o dará a Davi, teu parente.

18. Porque tu não obedeceste a lei do Senhor, nem executaste os decretos de sua ira contra os amalecitas; por isso, te fez hoje o Senhor aquilo que padeces.

19. O Senhor entregará contigo Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus estareis comigo e o Senhor entregará também nas mãos dos filisteus o acampamento de Israel.

95

20. Imediatamente Saul caiu estendido por terra, porque se espantou com as palavras de Samuel e estava sem forças, porque não tinha comido coisa alguma em todo aquele dia”.

(I Sam. XXVIII, 15-20)

O diálogo se inicia com Samuel fazendo uma pergunta a Saul: "Por que me inquietaste, mandando-me chamar?"

"14. Saul disse-lhe: como é a sua figura? E disse ela:

vem subindo um homem ancião e está envolto em uma capa.

Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou”.

(ISam. XXVIII, 14-15)

Tranqüilizada pela atitude do estranho, a mulher prepara-se para fazer o seu trabalho. Pergunta, então, sobre quem ele quer que ela faça subir. Por que subir? As noções que possuímos sobre o mundo espiritual são de que se trata de uma região que fica situada por cima. Mesmo a nossa noção de inferno é a de um local que fica fora da Terra. Daí, expressões como abaixar espíritos ou fazê-los subir quando estão perturbando alguém. Entre os judeus, o mundo das sombras chama-se Sheol e fica, como o Hades grego, por baixo da Terra; deste modo, a expressão "fazer subir um espírito", no sentido de trazê-lo ao nosso convívio justifica-se plenamente. Quando o espírito começa a se manifestar, a mulher dá um grito, pois compreende que o misterioso consulente que viera naquela noite procurá-la era o próprio Saul. Como a mulher soube disto? Em nenhum momento Saul dá-se a conhecer e até este momento ela parece de nada desconfiar. Tem-se, então, duas possibilidades: ou a escolha do espírito que deveria ser invocado faz a mulher entender que deveria ser o rei, ou o próprio Samuel a teria avisado. A sessão corre o risco de ser interrompida. O médium está assustado; e não era para menos: ali estava Saul, o rei de Israel, aquele mesmo que expulsara os médiuns e adivinhos do seio de Israel... Saul, todavia, sente que não pode parar a

comunicação e procura acalmar a mulher. Pede que ela lhe diga o que vê. Ela diz: vejo um eloim subindo da terra. A palavra eloim, 96

plural de Eloá, traduz-se por deuses. O texto, entretanto, nos assegura que se tratava de apenas uma entidade; por isso, o melhor sentido da expressão dita pelo médium seria: "vejo um ser sobrenatural subindo da terra". A pergunta de Samuel parece indicar que ele desconhece ou, pelo menos, não dá importância à situação de Saul e do povo. Entretanto, a verdade é bem outra, pois ele acompanha os fatos com tristeza e demonstra conhecer os planos que o Senhor tem para Saul e o seu povo. A sua pergunta quer dizer outra coisa, portanto Samuel interroga Saul para despertá-lo quanto a uma realidade: a lei de causa e efeito. A culpa do que se passa com Saul é a resultante de seu próprio comportamento inconseqüente; assim, quando ele julga que Deus o abandonou, não percebe que o que aconteceu foi justamente o inverso. Saul não pode, por conseguinte, esperar o auxílio divino, já que ele não se colocou de forma adequada a receber esta ajuda. Uma outra questão que desconhecemos com frequência é que a ajuda divina às vezes nos vem de tal modo que, em nossa ótica centralizadora e egoística, nos parece desajuda ou até mesmo castigo. Isto Saul é incapaz de perceber, de compreender que o espírito cresce no sofrimento e que uma derrota humilhante pode nos trazer muito mais lições do que a vitória consagrada. Uma outra questão diz respeito ao tipo de fenômeno que se deu em Endor, naquela noite terrível para Saul e seus homens. Neste caso, existem duas possibilidades: a materialização do espírito de Samuel ou a incorporação. Ambas podem ter acontecido (não ao mesmo tempo, naturalmente). O fato de Saul, em nenhum momento, demonstrar estar vendo o espírito reforça bastante a tese da incorporação, mas a tese da materialização não deve ser descartada completamente.

"21. Então veio a mulher a Saul e, vendo-o perturbado, disse-lhe: eis que deu ouvidos a tua criada à tua voz e pus a minha vida na tua mão, e ouvi as palavras que disseste.
22. Agora, pois, ouve também as palavras da tua serva e porei um bocado de pão diante de ti e come para que tenhas forças para te pões em caminho.
97

23. Porém ele recusou e disse: Não comerei. Porém os seus criados e a mulher o constrangeram; e deu ouvidos à sua voz e levantou-se do chão e se assentou sobre uma cama.
24. Tinha a mulher em casa uma bezerra cevada e se apressou e a degolou, tomou farinha e a amassou e a cozeu em bolos ázimos.
25. E os trouxe diante de Saul e de seus criados, que comeram. Depois se levantaram e foram naquela mesma noite".
ISam. XXVIII, 21 -25.

Esta é a primeira grande lição que Saul recebeu depois do seu encontro com Samuel. Samuel voltara para o plano espiritual e Saul encontra-se caído no chão em profundo sofrimento. Possivelmente tivesse os olhos mergulhados em lágrimas. A sala está em silêncio, ouve-se apenas a respiração dos personagens. Lá fora geme o vento, como se entoasse um réquiem pelo rei. Neste momento de extrema solidão e angústia indefinível quem vai ajudá-lo é a necromante, que fora banida de Israel por ele próprio algum tempo antes. A mulher denota uma notável grandeza de espírito. Não escarnece daquele homem outrora poderoso que agora, ali, deitado no chão de sua sala, parece uma árvore que, batida pelo vento, está prestes a desabar. Não encara o fato como uma vingança pessoal, antes compreende toda a tragicidade da situação, toda a força humana daquele momento. Mata o seu bezerro, coze pães ázimos e dá de comer a Saul e seus homens. Eles partem e ela fica olhando as sombras que deslizam lá fora. Tudo está acabado.

8.1.4. Esaú e Jacó

Esaú e Jacó eram dois gêmeos, filhos de Isaac e de Rebeca. Conforme a narrativa do *Gênese* (XXVI, 21), Rebeca era estéril e, tendo Isaac orado ao Senhor por causa da esterilidade de sua mulher, esta concebeu. Estamos, assim, frente a um dos temas mais caros às narrativas bíblicas: o tema da mulher estéril. Este tema relaciona-se sempre com o nascimento de um varão prodigioso, um espírito

98

missionário com uma tarefa bastante específica. Estando, pois, Rebeca grávida, notou que algo estranho estava acontecendo com a sua gravidez: havia em seu ventre mais de uma criança, e elas pareciam brigar. Preocupada com aquele acontecimento inusitado, Rebeca consulta o Senhor, que lhe dá a seguinte explicação:

”23. Duas nações há no teu ventre e dois povos se dividirão das tuas entranhas e um povo será mais forte do que o outro e o maior servirá o menor”
(Gên.XXV,23)

No dia do parto, nasceram dois meninos. O que nasceu primeiro era ruivo e peludo, chamou-se Esaú. O segundo, que viera agarrado ao calcanhar do irmão, teve por nome Jacó. Embora fossem gêmeos, o fato de Esaú ter nascido na frente de seu irmão deu-lhe o direito à primogenitura, que lhe seria passada por meio de uma bênção ritual que Isaac lhe daria antes de morrer. A medida que os meninos cresciam, iam revelando personalidades completamente opostas. Esaú gostava do campo, da vida ao ar livre, dos perigos das caçadas e da solidão selvagem das montanhas. Era um espírito rude, violento, apaixonado. Jacó, ao contrário, era tímido e reflexivo. Gostava da vida tranqüila no interior das tendas, ao lado de sua mãe. Em virtude destas oposições, Isaac afeiçoou-se a Esaú e Rebeca a Jacó.

Um dia, Esaú chegou cansado das caçadas, despiu o arco, tirou o suor do rosto nas águas e sentiu um gostoso odor de guisado que vinha da barraca de seu irmão. Estando faminto, pediu a Jacó que lhe servisse um pouco do guisado. Jacó propôs ao irmão que trocasse o guisado pela primogenitura. Esaú, impulsivo e irrefletido, aceitou a proposta de seu irmão sem pensar muito.

Aconteceu que Isaac ficou velho e uma grande noite desceu sobre os seus olhos. Sentindo aproximar-se a morte, e tendo que abençoar Esaú por causa da primogenitura, Isaac chamou seu filho e lhe disse que fosse caçar e, depois, fizesse um guisado saboroso do modo como ele gostava e, por fim, lhe trouxesse. Feito isto, ele lhe daria a sua bênção. Rebeca, que ouvira toda a

99

conversa entre Isaac e seu filho, chamou Jacó e lhe disse que fosse ao rebanho e tomasse dois bons cabritos, que ela ia prepará-los ao gosto de Isaac. Preparados os cabritos o guisado seria levado por Jacó ao seu pai que, estando cego, tomaria um filho pelo outro e daria a bênção de Esaú a ele. O rapaz argumentou que lhe seria difícil enganar o pai porque Esaú era peludo e ele tinha o corpo sem pelos. Rebeca diz-lhe que não se importe com aquele detalhe e que apenas se limite a fazer o que ela dizia. Rebeca, então, vestiu Jacó com as roupas de Esaú. Com peles de cabra cobriu-lhe os braços e o pescoço. A seguir, mandou que o filho fosse onde estava Isaac e levasse a ele o guisado. Assim, através deste recurso, Jacó recebeu a bênção que era devida a Esaú. Este truque com que Rebeca e Jacó usurparam o direito de Esaú à primogenitura vai gerar um ódio profundo entre os dois irmãos:

"41. E aborreceu Esaú a Jacó por causa daquela bênção com que o seu pai o havia abençoado; e Esaú disse no seu coração: chegar-se-ão os dias de luto de meu pai; e matarei Jacó, meu irmão"

(Gén. XXVII, 41)

Que lições se pode tirar desta velha história? Por certo a de que a vida continua e que a reencarnação é a mola propulsora do progresso dos espíritos. Iniciemos por um fato explícito que o texto evidencia: as duas crianças brigam no ventre materno. A situação é tão estranha que a mãe vai procurar o Senhor em busca de uma explicação para o que está acontecendo. A resposta do Senhor não é menos insólita: ele diz que no ventre dela há duas nações que lutarão entre si e que o mais fraco dominará o mais forte.

Se aceitarmos a teoria tradicional de que os espíritos são criados por Deus no momento da fecundação, esta passagem fica sem sentido. De onde viria a animosidade entre Esaú e Jacó, mesmo antes de nascerem? Quando Deus fala em duas nações que lutam no ventre de Rebeca, faz referência aos dois meninos

100

que irão liderar na Terra partidos diferentes. Estamos aqui em uma situação análoga a do texto de Jeremias, pois o Senhor, para fazer uma afirmação deste tipo, deveria conhecer estes espíritos e eles deveriam ter, antes da encarnação na tenda de Isaac, uma completa estrutura de caráter. Depois que os meninos cresceram, desenvolveram personalidades opostas. A psicologia clássica costuma explicar a personalidade como resultante de dois aspectos básicos: a hereditariedade e o meio. A hereditariedade de ambos não oferece nenhuma dificuldade e o meio era o mesmo para os dois. Uma outra questão interessante é a da afinidade entre Esaú e Isaac e Jacó e Rebeca. Em verdade, não se pode explicar todas essas questões sem nos valermos da teoria reencarnatória. Esaú e Jacó são espíritos opostos que possuem diferenças específicas entre si, espíritos diferentes que, naquela encarnação, nasciam em uma mesma família para uma tarefa em conjunto. Deus os conhecia há muito e sabia que poderia contar com eles. Quanto à relação entre Esaú e Isaac e Jacó e Rebeca, explica-se pela lei das afinidades espirituais. Rebeca não escolheu Jacó porque ele era mais fraco, ou Isaac a Esaú por este ser mais forte, mas por que havia entre eles forte afinidade, um sentimento amoroso que se origina das relações entre os espíritos e que se solidifica nas muitas encarnações por que passam.

Com estas considerações terminamos as nossas reflexões sobre o *Antigo Testamento*, onde tentamos mostrar entre os antigos hebreus a existência dos fenômenos e das crenças espíritas. Em continuidade, estudaremos o *Novo Testamento*, onde a figura de Jesus domina todo o cenário como uma estrela de primeira grandeza.

101

PARTE 9 O NOVO TESTAMENTO

9.1. Os Rituais Funerários de Israel no Tempo de Jesus

Os judeus vêem a morte com profundo respeito. Era o momento fixado por Deus, desde toda a eternidade, do qual o homem não se podia furtar. Após a morte do corpo físico (bachar), o corpo desce à terra-mãe de onde foi tirado e a sua sombra desce para o Sheol. Conforme os antigos israelitas, era um crime sem nome deixar um cadáver insepulto. Mesmo assassinos e os criminosos tinham direito ao sepultamento. Não há visão mais cruel do que a de um corpo morto abandonado, atirado à sua própria sorte, servindo de pasto aos animais necrófagos que se banqueteam na carcaça

Nota: O bom Pastor, uma das mais antigas representações de Cristo. Catacumba de São Calista, Roma.

102

apodrecida. O corpo do homem, diz o Texto Sagrado, é a imagem e semelhança da divindade; deixá-lo, portanto, num estado de

tal desamparo seria o mesmo que ofender ao Senhor. Não basta, entretanto, enterrar o corpo. É necessário ainda fazer-se um cerimonial, de conformidade com a tradição. Assim que a morte se dava, dever-se-ia fechar os olhos do defunto, beijá-lo, lavá-lo e perfumá-lo com essências aromáticas. Sobre este ritual, fala-nos Rops:

"O tratado do Sabbat permitia fazer, no dia de repouso, tudo o que é requerido para os mortos, lavá-los e ungi-los com perfumes. Não se trata de um embalsamamento propriamente dito, à moda egípcia, mas de uma espécie de homenagem análoga à que é prestada aos vivos numa refeição de cerimônia, quando se lhe coloca óleo odorífero na cabeça. O nardo é o perfume mais usual; é o que Maria Madalena espalhou sobre Jesus, gesto que ele comentou nestes termos: "fez isto para a minha sepultura". Mas também utilizam a mirra e o aloés, que não é extraído desta liliácea nauseabunda usada em farmácia, mas da "madeira de aloés", "agalocoum actual" ou o agalocoum importado da Índia, de odor requintado. Se tomarmos à letra o texto de S. João, parece que se envolve o corpo numa quantidade enorme desses aromas. O evangelista avalia em cem libras o peso da mirra e do aloés trazido por Nicodemos para sepultar Jesus; mas, sem dúvida, trata-se de aromas depositos no túmulo, ao lado do corpo".

(Rops, Daniel. *A vida Quotidiana na Palestina no Tempo de Jesus*. Livros do Brasil, Lisboa, sd)

Entre os judeus antigos era uso comum enterrar-se o morto acompanhado de elementos simbólicos indicadores de suas funções na Terra. Assim, o rei era colocado no sepulcro com um diadema, o soldado levava a sua espada e o profeta o seu manto. No texto de *Samuel (I Sam. XXVIII)* vimos a pitonisa de Endor descrever o profeta surgir vestido com uma capa. No tempo de Jesus, porém, esses costumes não eram mais observados. Segundo o *Evangelho de João (Jo. XI, 1-45)*, no relato sobre a ressurreição de Lázaro, o morto era apenas envolvido em uma

103

mortalha e no rosto colocavam-lhe um sudário. As mãos e os pés eram atados com ligaduras. Antes de enterrá-lo, entretanto, levavam-no para um aposento onde os parentes, vizinhos e amigos vinham vê-lo pela última vez.

O tempo de duração entre a morte e o sepultamento é, em média, oito horas. Muito raramente se usa o ataúde. O morto é levado em uma espécie de padiola aberta, de modo que as pessoas que passam podem vê-lo sem qualquer dificuldade. Parentes e amigos seguem levando a padiola. No caso de o morto ser uma criança pequena, será levada no colo. No *Evangelho segundo Lucas (Luc. VII, 1-17)* encontramos referência a um desses enterros. Nesta passagem, conta-se que Jesus, indo a Naim, ao chegar à porta da cidade, viu o enterro de um menino, filho único de uma viúva. Tocado pela dor da mãe, Jesus fez parar o cortejo

fúnebre e, tocando na padiola, mandou que o menino se levantasse, o que, de fato, aconteceu.

Na cabeça do cortejo fúnebre iam as mulheres porque, segundo a tradição, foi uma mulher, Eva, que fez o homem perder a imortalidade. Durante o trajeto, os participantes davam grandes gritos e demonstravam de todos os modos possíveis o seu sofrimento. Contratavam-se carpideiras, que executavam as suas funções com grande alarido. A estes enterros também não faltava música. Os enterros, mesmo os mais pobres, deviam levar pelo menos uma carpideira e um flautista que, consciente da gravidade de sua função, procurava tirar do seu instrumento as notas mais tristes e pungentes.

Os israelitas não incineravam os seus mortos, por causa da crença na ressurreição da carne. Não havia, porém, cemitérios regulares. Conforme o uso, costumava-se enterrar os mortos a uma certa distância da cidade. A medida considerada legal era de 50 covados das aglomerações; por isso é que se encontra no vale de Josafá, em Jerusalém, um grande número de túmulos. Depois que o morto é colocado no túmulo, põe-se sobre este um monte de pedras e, em alguns casos, um monumento. A construção de monumentos sobre os túmulos não era comum aos

104

judeus ortodoxos, por ser de influência romana. Tudo terminado, reúne-se a família para uma refeição fúnebre. Os profetas Oséias e Ezequiel falam dessas refeições sob a denominação de "pão do luto." Neste repasto também se bebem copos de vinho ritualisticamente. O número de copos que poderiam ser bebidos não era fixado; entretanto, desde que, durante o enterro de um rabino, houve grande embriaguez entre os participantes, o Sinédrio passou a determinar o número de copos que poderia ser bebido. Nessa ocasião, a família é visitada pelos amigos, principalmente aqueles que não puderam ir ao enterro. O luto, muito rigoroso, durará trinta dias. Nos primeiros dias, o enlutado não executará nenhuma tarefa e, se acontecer de encontrar algum conhecido que o saúde na rua, não deverá responder ao cumprimento. Os mais exaltados deixam de tomar banho e vestem roupas sujas durante largos espaços de tempo.

Durante o ano, em datas fixas, vão visitar o túmulo, notadamente no mês de Adar, último mês do ano litúrgico dos judeus. Há também o cuidado de cair as pedras, lajes ou monumentos que ficam sobre os túmulos, o que se faz passando sobre o sepulcro uma aguada de cal. Esta prática mantém sempre os túmulos com boa aparência externa; daí Jesus chamar os fariseus de sepulcros caiados por fora mas sujos por dentro. Para os judeus, a morte significava a extinção completa do homem? Acreditavam os judeus em uma outra vida depois desta e na imortalidade da alma? Na Bíblia, a palavra alma aparece expressa de cinco modos diferentes, cujo sentido não é coincidente:

1. *Nefesh*. Neste caso, a alma é entendida como vitalidade

e, outras vezes, como personalidade. No *Deuteronômio* (XII, 23) ela se refere ao sangue como o princípio da vida:

"23. Somente esforça-te para que não comas sangue, pois o sangue é a vida; pelo que não comerás a vida com a carne"
(*Deut. XII, 23*)

2. *Ruach*. Esta palavra é traduzida como espírito ou vento. Refere-se ao elemento que possibilita ao homem estar consciente

de Deus e comungar com ele. O *Ruach* é uma espécie de alma transcendente, portadora do que há de divino no ser humano, daí a sua relação com o *Ruach Hakoesh* (Espírito Santo). É este elemento que torna o homem vivo espiritualmente.

3. *Nishamá*. Esta palavra pode ser traduzida como respiração, tendo uma certa analogia com a palavra grega *pneuma*. Por este termo se designa o elemento que torna o homem vivo do ponto de vista psicológico.

4. *Yechida*. Este termo, em hebraico, significa "uno, singular". Deste modo de ver, a alma é aquilo que torna o homem um indivíduo, um ser único entre todos os outros.

5. *Chaya*. Esta palavra quer dizer "vivente" ou "o que sobrevive". Neste contexto, a alma é a parte que sobrevive depois da morte física.

Por fim, resta-nos ainda examinarmos o conceito de *repha* ou sombra. Conforme o texto do *Livro de Samuel*, os *rephain* (sombras dos mortos) são duplos do corpo de carne, e no *Sheol*, mundo das sombras, conservam a sua individualidade. Depois da morte, quando o corpo é enterrado, os *rephain* descem para viver no *Sheol*. Este lugar é descrito de um modo muito pouco poético e colorido. No *Sheol* as sombras dos mortos não podem fazer coisa alguma. Ali habita o silêncio, diz o paciente Jó, e o salmista afirma que o *Sheol* fica tão longe que nem mesmo a ira de Jeová chega àquelas paragens.

9.2. Jesus e os Espíritos

9.2.1. A Visita a Isabel

"39. Naqueles dias, levantando-se, Maria foi apressada às montanhas em uma cidade de Judá.

40. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.

41. E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criança saltou no seu ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.

106

42. Exclamou com grande voz e disse: Bendita és tu entre as mulheres e Bendito o fruto do teu ventre.
43. Como é que me vem visitar a mim a mãe de meu Senhor?
44. Pois eis que ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criança saltou de alegria no meu ventre.
45. Bem Aventurada a que acreditou, pois há de cumprir-se as coisas que, da parte do Senhor, lhe foram ditas".
(Lucas, I, 36-45)

Maria, estando grávida, faz uma visita a sua prima Isabel. O texto evangélico não revela em que cidade morava Isabel, mas uma tradição do século V diz tratar-se de Al`N-Karim, um lugarejo que ficava a cerca de sete quilômetros de Jerusalém. Quando Maria chega à casa de Zacarias e faz a saudação a Isabel, esta, que está grávida de João Batista, sente a criança pular-lhe no ventre. A seguir, diz o texto que ela ficou cheia do Espírito Santo. Conforme o professor Torres Pastorino (*Sabedoria do Evangelho*, vol. I, p. 42), a palavra espírito no texto grego não possui artigo. Na língua grega não havia artigo indefinido. Quando o substantivo está determinado, usam-se os artigos definidos: ho, he, to. Quando o nome era indeterminado, a prática era não se usar artigo. Assim, nas traduções, nos casos da palavra estar usada sem artigo, pode-se antepor a ela um artigo indefinido. Deste modo, a expressão "cheia do Espírito Santo" poderia ser traduzida por cheia de um espírito santo ou em termos espíritas: incorporada por um bom espírito.

No processo de incorporação ela eleva a voz, isto é, fala em tom diferente do que lhe é natural, e diz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre". Naturalmente que Isabel, não tendo qualquer conhecimento do que se passava com sua prima, não poderia ser a autora da frase. Neste caso, quem a teria formulado? A hipótese mais plausível é a de que o espírito de Elias, que se preparava para reencarnar como João Batista, teria tomado Isabel. Elias, espírito elevado, sabia do que se passava com Maria e do plano da salvação no qual ele próprio teria uma

parte importante. É notável a alegria de Elias ao surpreender no ventre de Maria o espírito do Messias: "como é que me vem visitar a mãe do meu Senhor!" Elias sente-se feliz porque certifica-se de que os planos divinos estão em pleno andamento. A ele caberá o papel de arauto do espírito do Messias que vem para salvar o seu povo e, com enorme contentamento, constata que o grande evento já se deu: o seu Senhor está ali para deflagrar a maior revolução espiritual que o mundo conheceu.

9.3. Os Demônios

Durante a vida pública de Jesus Cristo, há diversas passagens nas quais ele entra em contato com espíritos que são chamados demônios e que foram encarados pelo Cristianismo tradicional como seres eternamente voltados para o mal, opositores de Jesus num sentido muito próximo da relação entre Angra1

Manyu e Ahura-Mazda na teologia do Masdeísmo. Antes de entrarmos no exame dessas passagens, achamos oportuno fazer algumas considerações sobre o demônio e os outros nomes pelos quais ficou conhecido.

9.2.1. Satã ou Satanás

Esta palavra se diz em hebraico Satan, e em aramaico Sitiná. O seu sentido é o de adversário, opositor, pessoa que vai contra os projetos de outra. Em grego, o termo foi transliterado para Satanás. Na confissão de Pedro (*Manos VIII, 27-33; Mateus XVI, 13-23*), Jesus, conversando com os apóstolos, diz-lhes que seria necessário que o Filho do Homem padecesse muito, fosse rejeitado pelos poderosos e, por fim, morto. Pedro, escandalizado com o que ouvira, adianta-se e repreende Jesus por falar daquele modo:

"33. Mas ele, virando-se e olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro dizendo: retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens".

(*Marc. VIII, 33*).

108

Neste trecho, a palavra satanás foi usada por Jesus com o sentido de que falamos há pouco. Pedro, por ignorância dos projetos divinos, tenta impedir que Jesus cumpra a sua missão; está, portanto, se opondo às pretensões do Mestre, daí o termo satanás aplicado pelo Cristo.

9.3.2. Diabo

Esta palavra está relacionada com três palavras gregas:

1°) O verbo diaballo, formado pelo prefixo dia, que significa "separação em duas ou mais direções" e bailo, cujo sentido é o de "jogar, arremessar, atirar, lançar". 2°) O substantivo diabolé, es, que tem o sentido de "desunião, calúnia". É por esta razão que o diabo na tradição ocidental é chamado de O Caluniador, O Intrigante, O Pai-da-Mentira, etc. 3°) O adjetivo diabalo, os, on, cujo sentido é de "provocador, aquele que produz ou provoca divisões".

9.3.3. Lúcifer

Este nome, com o qual costumamos designar o espírito do mal, deriva do adjetivo latino lúcifer, fera, ferum e significa: luminoso, o que tem luminosidade, o que traz a luz, o que porta archote. Lúcifer, eri, em latim, era o nome que os antigos romanos aplicavam ao planeta Vênus, pelo fato dele aparecer de madrugada, como se trouxesse a luz do dia.

9.3.4. Demônio

Esta é uma palavra que não pode ser confundida com as anteriores. Quando os gregos usavam o substantivo daimon, onos, queriam falar apenas de um espírito desencarnado. Um daimon poderia ser um espírito guia, um espírito familiar ou um espírito obsessivo. Os verbos gregos daimonizomai e daimono expressam a ação de receber um espírito ou ser possuído por um

desencarnado. Há, entretanto, outros usos do termo. Platão, no Crátilo, usa *daimonios* associado a *sophia*, com a idéia de sabedoria

109

divina. Heródoto (*História* 4.126 e 7.48) usa o termo como determinante da palavra homem, indicando pessoa excelente. Como vimos, em nenhuma dessas palavras encontramos a idéia de um ser horrendo, repelente, de formas caprinas, vivendo embaixo da terra, onde impera absoluto. Nenhuma dessas palavras nos lembra também o mito do anjo rebelde que ousou contestar o poder divino e foi por isso condenado às trevas inferiores. Nenhuma dessas palavras, finalmente, nos passa a idéia do diabo conforme as religiões tradicionais a descreveram.

Feitas essas rápidas considerações, acreditamos poder iniciar o exame das passagens em que Jesus entrou em contato com espíritos perturbadores. O primeiro desses relatos é o caso do obsidiado de Gerasa, que se encontra nos sinópticos: *Mat.* VIII, 28-35; *Marc.* V, 1-20 e *Luc.* VIII, 26-39. Neste trabalho nos valem do texto de Lucas:

"26. E navegaram para a terra dos gerasenos, que se encontra frente à Galiléia.

27. E, quando desceu para a terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios e não andava vestido nem habitava qualquer casa, mas nos sepulcros.

28. E quando viu Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes.

29. Pois tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso em grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos.

30. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: qual é o seu nome? Ele disse legião, porque tinham entrado nele muitos demônios.

31. Rogavam-lhe que não os mandasse para o abismo.

32. E andava ali, pastando no monte, uma vara de porcos e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles e ele o permitiu.

110

33. Tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago e afogou-se.

34. E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.

35. E saíram a ver o que tinha acontecido e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem de quem haviam saído os demônios, vestido e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.

36. E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoniado.

37. E toda a multidão da terra dos gerasenos ao redor lhe rogou que se retirasse deles; porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.
38. E aquele homem de quem haviam saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo:
39. Torna para tua casa e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito”.
(*Luc. VIII, 26-39*)

Os sinópticos não explicam o que Jesus e seus apóstolos foram fazer em Gerasa. É possível que tenham ido em uma das muitas viagens de pregação que Jesus costumava fazer. Logo ao descer à terra, vem o obsidiado ao seu encontro. A descrição do homem é pequena, mas muito viva e objetiva: estava nu e morava nos sepulcros. Mais à frente, diz o evangelista que o homem era preso em grilhões e cadeias, mas que costumava romper as amarras e fugir para o deserto. O fato de o homem morar nos sepulcros é a indicação segura do tipo de espíritos que o atormentava; espíritos que ainda se compraziam nos miasmas deletérios daqueles lugares.

Allan Kardec, com seu rigoroso espírito metódico, classificou a obsessão em três espécies ou categorias: a obsessão simples, a

111
subjugação e a fascinação. No primeiro caso, temos perturbações mentais e alterações de comportamento de pouca ou nenhuma gravidade. Nessa situação, a pessoa sente uma espécie de angústia difusa, aparentemente sem motivo, um leve mal-estar que produz irritações ligeiras. No segundo caso, o obsessivo tem uma atuação mais direta, produzindo às vezes certos tiques nervosos e comportamentos inadequados. No terceiro caso, o algoz consegue domínio completo sobre sua vítima, deformando-lhe a personalidade a ponto de apresentar um quadro sintomático muito próximo da loucura. O Dr. Isaías Paim descreve um caso de esquizofrenia que se enquadraria perfeitamente num estado obsessivo:

”João Cândido, quando adoeceu, apresentava rica sintomatologia esquizofrênica, de onde se destacavam alucinações visuais extremamente complexas, combinadas com alucinações auditivas. Deitado em seu quarto, percebia visões: eram muitos homens e muitas mulheres. As pessoas vistas, alucinatoriamente, se dirigiam a ele rogando para que não fosse à macumba, porque lá elas não podiam comparecer. : Em outras ocasiões as pessoas desenterravam dinheiro e pedras preciosas e mostravam as mãos para ele cheias de diamantes e de moedas de prata e de ouro. Era muito dinheiro, muito ouro e diamantes. Eles perguntavam: Você quer dinheiro, você quer diamantes? João Cândido respondia: Quero que vocês me deixem em paz. Algumas vezes aparecia a imagem de uma mulher, a quem ele perguntava: Onde está o dinheiro que você tem para mim? A mulher respondia: O

dinheiro está no Banco do Brasil. Certa noite, já internado na Casa de Repouso, a mulher apareceu e disse: Agora eu vou embora. De onde não se espera é que sai. Desse momento em diante as vozes e as visões desapareceram". (Paim, Isaías. *Esquizofrenia*. Ed. Grijalbo, SP, 1973)

Dentro do discurso psiquiátrico ortodoxo, o caso João Cândido deve ser classificado como esquizofrenia. Nada impede, entretanto, que o discurso espírita o entenda como obsessão. Onde os psiquiatras falam em alucinação auditiva e visual, os espíritas falam em mediunidade auditiva e de vidência. No caso

112

de Gerasa que estamos focalizando, temos um obsidiado em terceiro grau dominado por uma falange de obsessores, que fazem com ele o que desejam.

Voltemos, porém, ao texto objeto. O obsidiado, ao ver Jesus, prostrou-se e exclamou: "que tenho eu contigo, Jesus, filho do Altíssimo?" Este é o primeiro fenômeno que o texto evidencia. Um homem que nunca havia visto Jesus o reconhece logo assim que entra em contato com ele. Além disto, faz uma outra declaração importante: diz que Jesus é filho do Altíssimo, o que equivale a chamá-lo de Messias. O espírito obsessor principal, líder da falange obsessora, mostra não só reconhecer Jesus como ter conhecimento de sua missão. Jesus não recebe bem a declaração do espírito, uma vez que sempre fez questão de tratar o seu messianato com extrema discrição.

Sem dizer nada, Jesus dá início ao processo de desobsessão. Chama, então, o obsessor de *pneuma akhatarton*, termo grego que tem o sentido de "espírito impuro, não depurado, involuído". Sua técnica é extremamente simples. Não usa fórmulas mágicas, não toca no homem, não se vale de amuletos. Seu método baseia-se apenas na autoridade moral que os espíritos superiores têm sobre os inferiores. Não pede, não argumenta, apenas manda que o espírito impuro abandone o corpo do homem.

Os espíritos, sabendo que não poderão mais continuar a torturar sua vítima, pedem a Jesus que lhes permita, quando deixarem o homem, penetrar numa vara de porcos que pastava sobre um monte das proximidades. Tais espíritos estão a tal ponto materializados que não podem passar sem sugar as energias de um ser vivo. Jesus permite que eles entrem nos porcos; mas, quando se aproximam dos animais, estes, sentindo os fluidos pesados por eles emanados, tomados de terror, correm apavorados e caem no precipício.

O obsidiado está agora livre da carga imensa de que era portador; sorri feliz. Não parece mais aquele homem que causava pena e terror a quem o visse. Chegam, então, os naturais da terra

113

que, vendo o ex-obsidiado tranqüilo, sentado, olhando agradecido para o estrangeiro, sentem um misto de medo e raiva por aquele

homem que sabia lidar com demônios e que lhes matara os porcos. Pedem então a Jesus que se vá. Não o querem ali. O antigo obsidiado, maravilhado, pede para acompanhar o seu salvador, mas Jesus pede a ele que fique e que dê testemunho a todos do que lhe aconteceu. Depois, Jesus entra no barco que desliza suave, impelido pelo sopro da brisa. No ar, gaivotas voam serenas e de vez em quando mergulham os longos bicos nas águas azuis e retiram um peixe de prata. O barco de Jesus é agora um pequeno ponto sobre as águas.

Um segundo caso de obsessão encontra-se em *Mat. XII*, 22-30; *Marc. III*, 20-30; *Luc. XI*, 14-23. Novamente nos valemos do texto de Lucas:

”14. Estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. Aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou e maravilhou-se a multidão.
15. Mas alguns deles diziam: ele expulsa por Beelzebu, príncipe dos demônios.
16. E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.
17. Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: todo reino dividido contra si mesmo será assolado; e a casa dividida contra si mesma cairá.
18. E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso demônios por Beelzebu.
19. E se eu expulso demônios por Beelzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Eles, pois, serão os vossos, juizes.
20. Mas se eu expulso demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus”.
(*Luc. XI*, 14-20)

Neste caso, o endemoniado é trazido a Jesus. Na versão de Mateus e de Marcos, o obsessivo provocava no homem mudez e cegueira. Nenhum dos sinóticos entra em detalhes sobre o

modo como Jesus agiu neste caso; entretanto, é possível que o método tenha sido o mesmo usado no episódio de Gerasa. A libertação foi rápida e o obsidiado passou a falar imediatamente. Todos ficaram admirados porque jamais haviam visto expulsar demônios (espíritos atrasados) nem nenhum comportamento mágico, sem preces, jejuns ou qualquer rito exorcístico. Esta indignação que os intelectuais da época manifestavam contra Jesus é, até certo ponto, explicável. Jesus curava os doentes com extrema simplicidade, ao passo que os médicos e sacerdotes judeus se valiam das mais esdrúxulas fórmulas para lidar com os estados doentios. Daniel Rops (*A Vida Quotidiana na Palestina no Tempo de Jesus*, p. 362), anota algumas dessas fórmulas insólitas: no Talmud lê-se que contra uma febre terça (febre cujos acessos duram dois dias) deve o terapeuta agir do seguinte modo:

tomar sete espinhos de sete palmeiras, sete aparas de sete traves, sete pregos de sete portas, sete cinzas de sete fornos e sete pelos de sete cães velhos. Junta-se todo esse material e coloca-se na concavidade do peito do doente, atado por um cordel branco. No caso de calo no pé, é suficiente colocar-se uma moeda sobre ele que ela "comprará" a dor. Para curar as mulheres hemorroíssas, é aconselhável sentar-se a mulher na bifurcação de uma rua com um copo na mão; enquanto isso, os terapeutas fazem grandes alaridos, gritando nas costas dela. Para esses casos, prescrevia-se também à mulher que ingerisse um grão de cevada que tivesse sido encontrado nos excrementos de um macho branco.

Ora, Jesus não se valia de tais recursos e, o que era mais grave para os judeus, não participava da comunidade de médicos e sacerdotes e, por conseguinte, não havia aprendido com ninguém a sua ciência. De onde vinha então aquele saber que ele demonstrava possuir? A resposta era pronta: de Beelzebu, o príncipe dos demônios. O argumento é demasiado frívolo e Jesus o esmaga com grande facilidade e lógica rigorosa: se eu expulso demônios em nome do chefe deles, o próprio demônio estaria obrando contra os seus próprios interesses.

115

É oportuno lembrar que argumentos semelhantes foram (e ainda são) usados com muita frequência pelos inimigos do Espiritismo. Para esses que pretendem implantar o medo nas mentes frágeis, os fenômenos espíritas existem (contra fatos não há argumentos), mas são causados pelo demônio e seus comparsas. Repetindo-se o argumento de Jesus, queremos lembrar que um demônio que pratica o bem, que fala de amor, que consola a viúva, que enxuga o pranto dos pais que perderam seus filhos, que agasalha o desabrigado e alimenta o faminto, que, enfim, pede aos seus seguidores que sigam o Evangelho de Jesus... é ao mesmo tempo um paradoxo e um absurdo.

Nesse mesmo capítulo, Jesus faz algumas considerações a respeito dos espíritos obsessores:

"24. Quando o espírito imundo tem saído do homem; perambula por lugares áridos, buscando repouso e não acha. Então diz: voltarei para a minha casa de onde saí.

25. E, ao chegar, encontra-a desocupada, varrida e arrumada.

26. Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali e a condição posterior deste homem torna-se pior do que a anterior".

(Luc. XI, 24-26)

Sobre esta passagem leiamos o substancial comentário do professor Torres Pastorino (op. cit., v. II, p. 42):

"Ocorre que, quando, por ação externa, é ele (espírito obsessor) desligado de sua vítima, se vê coagido a permanecer pervagueando no plano astral que, mutável como é, apresenta

a cada entidade o aspecto condizente com a sua evolução. Em se tratando, pois, de entidades não evoluídas, a ambiência astral se manifesta como a exteriorização da imaginação de cada um: região ainda inóspita, árida (sem água = *anhydrôn*), cansativa, porque sem postos fixos de referência, já que é instável, onde o espírito não encontra repouso porque a sua desorganização mental faz que aí os sítios se modifiquem a cada alteração do pensamento. O repouso (ou paz) só poderá

116

provir do próprio âmago de seu coração, e justamente aí reside a insatisfação frustrada, a rebeldia inconformada que se projetam no intelecto, o qual, ao pensar, plasma ambientes pavorosos ao seu redor. Quando, porém, se vê desligado da vítima, e aliviado das pressões fluídicas que o expulsaram : daquele posto avançado da luta em que vivia empenhado, sente-se descontrolado e confuso e tenta voltar. Ao voltar, novamente atraído por sintonias vibratórias - alguns exobsidiados registram sensações desagradáveis pela ausência do peso do perseguidor a que estavam habituados, e este vazio faz que, subconscientemente, de novo o atraiam para perto de si - percebe que há dificuldade em influenciar a antiga vítima: a casa está desocupada, varrida e arrumada. Significa isso que a personagem visada já se corrigiu de alguns defeitos, colocou em ordem as suas emoções, reequilibrando a sua aura e se libertou das falsas imagens sugeridas pelo perseguidor espiritual. Talvez até tente injetar novos quadros astrais inferiores sem encontrar ressonância: perdeu a antiga ascendência. Regressa, então, desacorçoado, mas não desanima de seus objetivos. Consegue, nas rodas de entidades semelhantes a si, outros sete piores do que ele. A decepção com a evolução de quem ele considera seu inimigo faz nele crescer proporcionalmente a raiva e o desejo insano de derrubá-lo do ponto atingido e não aceita obstáculos ao seu ódio implacável. Ao lado de sete novos amigos e já a eles subjugado, porque devedor de um obséquio - que será cobrado até o último centavo e mais os juros, embora eles só aceitem a empreitada quando vêem a possibilidade de auferir boas vantagens de baixo teor- o ataque é renovado e torna-se pior que o anterior.”
”Assim, Jesus antecipa-se não só a Kardec como aos espíritos que trataram da obsessão, como é o caso de André Luiz e Bezerra de Menezes, entre outros. Jesus, falando para pessoas que estavam longe de entender o processo obsessivo na sua integralidade e múltiplas interpretações, lança algumas luzes sobre o problema. Ainda fala por metáforas e parábolas, mas as verdades
17

são as mesmas que os espíritos nos trazem hoje, o que parece reforçar a tese do poeta latino *”natura non facit saltus”* (a natureza não dá saltos) e isto se aplica, principalmente, ao campo

da moral, terreno onde incidem com frequência os obsessores. Uma outra passagem das mais esclarecedoras sobre as práticas de Jesus com os espíritos atrasados encontra-se em *Mateus IX, 14-18; Marcos IX, 14-27 e Lucas IX, 37-43*. Desta vez nos valeremos do texto de *Marcos*, por nos parecer ser o mais rico em detalhes.

”14. E chegando para os discípulos, viu grande multidão em redor deles e escribas discutindo com eles.

15. Imediatamente toda a multidão, vendo-o, surpreendeu-se e, acorrendo, saudava-o.

16. Ele lhes perguntou: que estais discutindo com eles?

17. Respondendo-lhe um dentro da multidão, disse:

Mestre, eu te trouxe o meu filho que tem um espírito mudo,

18. e este, onde quer que o apanhe convulsiona-o; e ele espuma e range os dentes e vai definhando; roguei a teus discípulos que o expulsassem, e eles não tiveram força.

19. Respondendo-lhe, disse: Ó geração sem fé, até quando estarei convosco? Até quando vos tolerarei?

Trazei-me o menino.

20. E eles o trouxeram. E vendo-o (a Jesus) logo o espírito o convulsionou e, caindo no chão, contorcia-se, espumando.

21. Perguntou ao pai dele: Há quanto tempo acontece-lhe isso? Respondeu o pai: Desde a infância.

22. Muitas vezes o lançou no fogo, ora na água para destruí-lo; mas, se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos.

23. Disse-lhe Jesus: Se podes? Tudo é possível ao que crê.

24. Imediatamente o pai do menino exclamou: Creio! Ajuda-me na minha incredulidade.

25. E vendo Jesus que uma multidão afluía, repreendeu o espírito, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e nunca mais nele entres.

118

26. Gritando e convulsionando muito, caiu e saiu; e o menino ficou como morto, de modo que a maior parte do povo dizia: morreu.

27. Mas Jesus, tomando-o pela mão, despertou-o e ele levantou-se”.

(*Marcos, IX, 14-27*)

Esse episódio se deu pouco depois da transfiguração, quando Jesus, acompanhado de Pedro, Tiago e João subiu a um alto monte, onde se transfigurou diante deles. Embaixo ficaram os outros nove apóstolos. Quando Jesus desceu, encontrou os apóstolos envolvidos em uma discussão. Quando o povo viu Jesus, correu para ele saudando-o como se estivesse feliz por vê-lo chegar. Jesus se aproxima e pergunta aos presentes sobre os motivos da discussão.

Alguém do povo adianta-se e explica que tem um filho doente e que este filho fora trazido para ser ajudado pelos apóstolos e estes nada conseguiram. Jesus, agora, entende a vergonha e a confusão que envolvia os apóstolos. Tinham tentado curar uma pessoa e fracassaram. Julgavam-se senhores da técnica usada por Jesus e, tomados pela vaidade, fizeram a tentativa, mas o espírito reagiu e perderam a fé em si mesmos e o sentimento de autoconfiança de que estavam tomados. Confusos, agora, não sabiam o que fazer. Os escribas e fariseus presentes aproveitaram-se da oportunidade infeliz para desacreditar Jesus e seus apóstolos perante o populacho.

O pai explica a Jesus a situação do filho. Diz que ele é um lunático, embora, de fato, fosse epilético. O termo lunático aplicado a um doente de epilepsia deve-se ao fato de os ataques epiléticos coincidirem com a lua nova. O Evangelista descreve todos os sintomas: convulsão violenta, sons inarticulados, espumas na boca, ranger de dentes e prostração com palidez cadavérica.

Jesus mostra-se muito triste com tudo aquilo e magoado com a falta de fé daquelas pessoas. Ele sabe que a sua partida está próxima, que não vai continuar com aquele povo por mais tempo e sofre por ter de deixá-los órfãos de sua assistência espiritual. Jesus sabe o quanto aqueles espíritos são frágeis,
119

dominados pelo egoísmo, minados pelo orgulho, combalidos pela falta de fé. Manda, então, que lhe tragam o menino.

Um silêncio enorme se fez. Os recém-chegados procuravam um lugar melhor para assistir à atuação de Jesus. O menino é trazido. O espírito, ao ver Jesus, abalado, possivelmente, pelos fluidos que dele emanavam, atira o rapaz ao chão. O pobre doente rola pela terra, espuma e range os dentes. Uma grossa baba escorre-lhe da boca entreaberta. Jesus, entretanto, permanece calmo e, antes de qualquer coisa, quer saber os antecedentes do caso. O pai, angustiado, desce a detalhes e acaba por fazer a Jesus um apelo patético para que o ajude e ao filho: "se podes", reforça, como se quisesse lembrar a atuação frustrante dos apóstolos. Jesus comenta, com algumas gotas de ironia: "Se podes? Mas tudo é possível àquele que crê." Aquele que acredita concentra em si as energias positivas que o auxiliam na consecução dos seus objetivos, aquele que acredita se coloca de forma adequada para receber o auxílio do alto. Humildemente, o pai do menino admite que tem fé em Jesus, mas, por outro lado, sente-se fraco em sua fé e pede a Jesus que o ajude, que lhe reforce a fé vacilante. Jesus, com a sua autoridade costumeira, manda que o espírito atrasado deixe a sua vítima. O espírito, incapaz de reagir à ordem que lhe foi dada, deixa o menino que, sofrendo um impacto, cai para trás como morto. O povo, incrédulo, cochicha: "Morreu", mas Jesus o faz levantar e o entrega ao pai, curado.

Há outros casos ainda em que Jesus entrou em contato com os espíritos impuros que demonstram à sociedade o quanto

o fenômeno mediúnico era comum entre os antigos judeus. Os casos que escolhemos foram aqueles que consideramos exemplares e, por isso, sugerimos aos nossos leitores que examinem cuidadosamente os Evangelhos, onde encontrarão outros relatos que os ajudarão a formar uma idéia bem mais completa sobre o assunto.

120

9.4. A Reencarnação nos Evangelhos

Nascer, crescer, amadurecer, reproduzir, envelhecer, morrer e renascer é um dos postulados fundamentais da Doutrina Espírita. Embora seja uma teoria muito antiga e extremamente lógica, a reencarnação é a barreira principal que separa o Espiritismo das religiões cristãs tradicionais. Neste capítulo de nosso trabalho, procuraremos responder à seguinte questão: Os judeus do tempo de Jesus acreditavam na reencarnação? Pode o cristão aceitar tal crença como parte da mensagem do Cristo? Responderemos a esta questão de um modo geral, para depois nos determos nos casos particulares.

Philon, um judeu neoplatônico de Alexandria, escreveu:

"A companhia das almas desencarnadas distribui-se por várias ordens. A lei de algumas delas é a de entrar em corpos mortais e, após períodos certos e prescritos, serem novamente libertadas; mas as que possuem uma estrutura mais divina são absolvidas de todas as ligações com a Terra, algumas almas escolhem o confinamento em corpos mortais porque são terrenas e corporalmente inclinadas".

(in Santesson, *Tudo sobre a Reencarnação*. ed.

Record, 1969)

Flavio Josepho, um historiador judeu que viveu entre 37 e 100 de nossa era, falando aos soldados judeus que se mostravam dispostos a se suicidarem para não serem capturados pelos romanos, explica:

"Os corpos dos homens são realmente mortais e criados de material corruptível; a alma, porém, é para sempre imortal e parte da divindade que habita nossos corpos... Não vos lembrais, por acaso, de que todos os espíritos puros, ao partirem desta vida, ganham um lugar sagrado no céu, de onde, nas revoluções das idades, são novamente enviados para corpos puros, enquanto as almas dos que cometeram autodestruição são condenadas à região das trevas no Hades?"

(op. cit.,p. 122)

121

Clemente de Alexandria, em sua *Exortação aos Pagãos*, diz que nós existimos muito antes da criação do mundo. Existimos ante os olhos de Deus, ensina o filósofo, porque o nosso destino é viver Nele. Partindo do *Evangelho Segundo S. João*, diz Clemente que existimos desde o início, pois no início havia o verbo

e o verbo é a razão. Citando o pitagórico Philolao, explica que as almas, como castigo por suas transgressões, foram lançadas na Terra, onde expiam as suas faltas.

Lactâncio, a quem S. Jerônimo chama de "o Cícero cristão", afirmava que, para ele, só seria possível a imortalidade e a sobrevivência da alma no caso desta ter existido antes do corpo.

S. Gregório, bispo de Nissa, contemporâneo de Lactâncio, diz que a purificação da alma é um imperativo e se realiza durante uma vida ou em vidas sucessivas. Santo Agostinho, nas Confissões, pergunta angustiado a Deus sobre as suas vidas passadas.

Orígenes, o grande doutor da igreja, homem de vastíssima erudição, nos seus *Principios*, teorizava que as almas chegam a este mundo fortalecidas ou debilitadas pelas vitórias ou fracassos de suas vidas passadas. O seu lugar no mundo, diz Orígenes, é determinado pelo mérito ou demérito que possua. O seu trabalho nesta vida, o seu comportamento, determinará o seu lugar na próxima existência.

Orígenes escreveu um tratado em oito livros chamado *Katá Kelson* (Contra Celso). Trata-se, este trabalho, de uma refutação ao *Alethes Logos* (Discurso Verdídico) que o filósofo pagão Celso dirigiu contra os cristãos no ano 178 de nossa era. No *Contra Celso*, comenta Orígenes:

"Não está mais de conformidade com a razão que todas as almas, por alguma razão misteriosa (falo agora de acordo com as opiniões de Pitágoras, Platão e Empédocles, que Celso freqüentemente menciona), sejam introduzidas em um corpo de acordo com os seus méritos e antigos atos? Não é racional que as almas que usaram seus corpos para fazer o maior bem possível tenham direito a corpos dotados de qualidades superiores aos corpos dos demais?"

122

A alma, cuja natureza é imaterial e invisível, não existe em local material sem ter um corpo apropriado à natureza do lugar, conseqüentemente, deixa um corpo que lhe era necessário antes, mas que não é mais adequado ao seu status modificado e troca-o por outro".

Depois dessas ligeiras observações, achamos que poderemos tratar dos textos especificamente evangélicos que foram por nós selecionados. O primeiro texto que examinaremos poder-se-ia chamar *A Conversa de Nicodemos com Jesus* e se encontra no *Evangelho de João*, cap. III, versículos de 1 a 15:

"1. Havia um homem dentre os fariseus chamado Nicodemos, chefe dos judeus.

2. Este veio ter com Jesus à noite e disse-lhe: Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus, pois ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes se Deus não for com ele.

3. Jesus respondeu-lhe: Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

4. Disse-lhe Nicodemos: como pode um homem

nascer, sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe e nascer?

5. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo : que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

6. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito.

7. Não te maravilhes de ter dito: necessário vos é nascer de novo.

8. O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

9. Nicodemos respondeu e disse-lhe: Como pode ser isso?

10. Respondeu-lhe Jesus: Tu és mestre em Israel e desconheces estas coisas?

11. Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho.

12. Se vos falei das coisas terrestres e não crestes, como crereis se vos falar das celestiais?

123

13. Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, a saber, o Filho do homem.

14. Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado.

15. Para que todo aquele que nele creia tenha vida eterna".
(Jo. III, 1-15)

Conforme o relato de João, um fariseu por nome Nicodemos vai à procura de Jesus. Não se trata, porém, de um judeu qualquer, mas de um doutor da lei, de um líder judeu, pertencente, portanto, ao Sinédrio. O seu nome (Nicodemos = vencedor do povo), sugestivamente simbólico, é grego ou greicizado. Estava em uso na época, em virtude do poderoso influxo do Helenismo, colocarem-se nomes gregos em pessoas de alta posição e mesmo entre os membros do povo. Jesus tem dois apóstolos com nomes helênicos, André e Filipe. O texto não nos informa o local onde estava Jesus; talvez uma estalagem, talvez a casa de um amigo. Diz-nos, entretanto, que foi durante a noite. Embora não fossem raros os colóquios intelectuais entre rabinos em horário noturno, as razões de Nicodemos devem ter sido as de não se expor, tendo um encontro com Jesus de dia e em público. Os judeus de alto coturno não entenderiam que um príncipe do Sinédrio tivesse alguma coisa que conversar com um galileu, um mago, um agitador vulgar que ia de cidade a cidade obrando maravilhas com o auxílio de Beelzebu ou por meio de truques de prestidigitação. Imaginemos, por instantes, o velho Nicodemos de longas barbas brancas, com os olhos cansados pelas muitas caminhadas nos textos sagrados, assentado aos pés de Jesus. Lá fora passam o silêncio e o mistério. As estrelas faíscam como pedras preciosas bordadas no manto azul do céu. A guarda da cidade passa com

passos pesados, batendo no chão com o coto da lança. Nicodemos toma a iniciativa da conversa: "Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus..."

Nicodemos demonstra ser um espírito de relativa evolução. A humildade com que fala a Jesus, chamando-o mestre, mesmo sabendo que ele não tinha qualquer formação

124

acadêmica e nenhum título público, e o fato de ser o único entre os fariseus capaz de compreender a missão de Jesus, denunciam a sua estrutura espiritual.

A fala de Jesus (vers. 3) parece-nos estranha, pois ele respondeu a uma pergunta que não lhe foi feita. Ruperto ensinava que Jesus respondeu não o que Nicodemos perguntava, mas o que ele sabia que o sábio judeu desejava saber, ou seja: qual a condição para se entrar no Reino dos Céus? Ammonio acredita que o Cristo não respondeu a pergunta alguma, mas à idéia que motivou o encontro entre os dois. Voltemos, todavia, ao estudo do texto, O que Jesus diz é bastante claro: "é necessário nascer de novo para entrar no Reino dos Céus". O termo usado por Jesus, em grego, é *anóthen*. Esta palavra tem dupla interpretação: pode ser entendida como de novo ou como de cima. Ambas as interpretações servem para o texto sem causar-lhe qualquer prejuízo. Esta questão tem sido muito discutida pelos estudiosos das Escrituras. Para a teologia tradicional, este *gennethê anóthen* (novo nascimento) refere-se ao renascimento por meio do ritual do batismo. A resposta que Nicodemos dá a Jesus indica que ele entendeu *anóthen* como nascer de novo, tornar a nascer, voltar ao ventre materno. Jesus não retira o ensinamento, por mais absurdo que ele possa parecer ao velho doutor da lei, antes reforça-o dizendo que "é preciso nascer da água e do espírito". Esta referência à água, para a Igreja Católico-Romana, reforça a tese do batismo; os espíritas, entretanto, pensam de modo diferente: quando o espírito se prepara para enfrentar a vida, passa um longo período em uma bolsa de água (líquido amniótico); daí nascer da água, por meio da água; acresce-se a isto o fato de que, no esoterismo antigo, a água era o símbolo da matéria do mesmo modo que o fogo o era do espírito. Assim, nascer da água equivaleria a nascer em um corpo material. Nascer do espírito diz respeito ao ato reencarnatório, pois o espírito reencarnante é produto de suas experiências passadas, num sentido semelhante ao da frase "o menino é o pai do homem".

125

Jesus prossegue dizendo: "o que é carne é carne, e o que é espírito, é espírito". Faz ele aqui referência a dois tipos de hereditariedade: a do corpo e a do espírito. O corpo nasce de outro corpo e apresenta características herdadas de seus pais, enquanto o espírito retira o seu caráter último não do corpo mas do conjunto de suas vidas passadas. Assim, um homem é louro ou tem olhos azuis porque possui ancestrais com essas características,

mas não é bom ou mau, tolo ou gênio pelo mesmo motivo. Sobre esta passagem, leiamos uma vez mais o professor Pastorino:

"Paulo interpreta assim esse ensinamento de Jesus:

Mas quando apareceu a bondade de Deus, Nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia, nos salvou pelo "lavatório da reencarnação" e pelo "renascimento de um espírito santo" (Tit. 3:4-5). As palavras utilizadas são bastante claras e insofismáveis: lavatório com água "loutron" da reencarnação: "palingenesia", que é o termo técnico da reencarnação entre os gregos; pelo renascimento (anaxinoseos), isto é, um novo nascimento. Paulo diz que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por sua misericórdia, servindo-se da palingenesia (isto é, da reencarnação), a qual é um lavatório de água e um renascimento do espírito".

(Pastorino, op. cit., vol. II, p. 10).

Deste modo, vê-se muito claramente a importância que Jesus dá ao processo reencarnatório. Ele considera a reencarnação como sendo o grande veículo do progresso das almas, sem o qual os espíritos não avançam quer do ponto de vista moral, quer do ponto de vista intelectual. É esta a lição que Jesus, naquela noite, dá a Nicodemos, lamentando sincera e profundamente que ele, um doutor da Lei, um mestre em Israel, desconhecesse essas coisas.

O segundo texto que vamos estudar trata da reencarnação do profeta Elias como João Batista. A passagem se encontra em *Mateus*, XI, 2-19 e *Lucas* VII, 19-35:

126

"2. E João, ouvindo do cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois de seus discípulos,

3. A dizer-lhe: És tu aquele que haveria de vir ou esperamos outro?

4. E Jesus, respondendo-lhes, disse-lhes: Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes:

5. Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciado o Evangelho.

6. Bem-aventurado aquele que não se escandalizar em mim.

7. E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas, a respeito de João: que foste ver no deserto? Uma cana agitada pelo vento?

8. Sim, que foste ver? Um homem ricamente vestido?

Os que trajam ricamente estão em casas de reis.

9. Mas, então, que foste ver? Um profeta? Sim, vos digo eu, muito mais que um profeta

10. Porque é este de quem está escrito: Eis que diante de tua face envio o meu mensageiro que preparará, diante de ti, o teu caminho.

11. Em verdade vos digo que entre os nascidos de

mulher, não apareceu alguém maior do que João Batista, mas aquele que é menor no reino dos céus é maior do que ele.

12. E de João Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus e pela força se apoderam dele.

13. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.

14. E se quereis dar crédito, este é o Elias que havia de vir.

15. Quem tem ouvidos de ouvir, ouça”.

(Mat. XI, 2-15)

Herodes, incitado por sua esposa Herodíades, havia mandado prender João, o Batista, nos subterrâneos da fortaleza de Maqueronte. Ali, como um animal enjaulado, o profeta hirsuto olha através das grades o céu azul e sem nuvens por onde os abutres desenham notáveis arabescos. No fundo de sua alma, no mais íntimo de seu ser, João está preocupado; mais do que

127

preocupado, angustiado. Ele tinha plena consciência de sua tarefa na Terra, confiava em Deus; mas, como o piloto que examina o seu navio nos menores detalhes antes de partir, para se certificar de que tudo está em ordem, ele quer saber, agora que o fim se aproxima, se tudo vai bem. Ele quer saber se o seu primo Jesus é de fato o Messias. Mesmo na prisão muito tem ouvido falar sobre ele. Manda, então, que dois de seus discípulos procurem o Cristo com a missão de interrogá-lo sobre a questão messiânica.

Os homens de Batista, ao encontrarem Jesus, fizeram a pergunta que seu mestre lhe pedira que fizessem. Jesus não se furta a respondê-la, pois ele sabe que o Batista tem direito àquela resposta. E responde a indagação citando várias passagens do profeta Isaías, passagens que João deveria conhecer muito bem. A seguir, Jesus diz aos mensageiros do Batista que felizes são aqueles que não se escandalizam dele. O verbo escandalizar, em grego, se diz skandalisthei e tem o sentido, neste contexto, de não aceitar ou não compreender a missão de Jesus.

Os discípulos de João partiram para levar ao seu mestre a mensagem que haviam recebido. Jesus, temendo que a atitude do profeta fosse mal interpretada pelos presentes, que poderiam julgar o seu comportamento como o de um homem tomado pela dúvida, decide revelar, com toda a franqueza, quem era João. Começa por comparar João Batista a uma cana batida pelo vento. A cana se move ao toque do vento, se torce e se curva, sem resistência. Não, João não é assim, é firme nas suas posições, sincero nos atos e nas palavras, mais assemelha-se ao sólido carvalho do que à cana do deserto. Depois, Jesus o compara com os potentados da Terra, homens de palavras duplas que, em virtude dos próprios interesses, vivem a fazer concessões aos poderosos; não, João é muito diferente, João é profeta, é o arauto que anuncia a chegada dos novos tempos, aquele que aplaina os caminhos do Senhor. João é muito mais do que tudo isso; dentre os homens nascidos de mulher, ele é o maior.

Entre os homens nascidos de mulher... Que significam essas

palavras de Jesus? A filosofia gnóstica fazia diferenças entre os
128

homens nascidos de mulher ou os filhos de mulher e os filhos dos homens. No primeiro caso, estavam os espíritos ainda submetidos aos imperativos das encarnações cármicas, aqueles que ainda não se haviam libertado do Kiklos Ananké ou "roda das necessidades" conforme se expressavam os gregos. Os nascidos de mulher somos todos nós que ainda precisamos vir à Terra muitas vezes para purgarmos as nossas imperfeições. Batista, embora fosse um grande espírito, ainda estava preso ao kiklos fatal. Na encarnação passada, como Elias, havia mandado matar, junto à torrente plácida do Kishon, cerca de quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal.

Os filhos do homem são aqueles que, através do esforço próprio, de sua luta para domar as más inclinações, libertaram-se das reencarnações. São os espíritos puros de que nos fala Kardec (*O Livro dos Espíritos*; Questões 112 e 113), os quais, não mais reencarnando em provas e expiações, só vêm à Terra em missões messiânicas, como foi o caso de Jesus.

Jesus termina este versículo dizendo que, embora o Batista seja um espírito de escol, o menor no reino dos céus é maior do que ele. Com isto, Jesus coloca uma questão interessante: o Reino dos Céus não é uma região que, como o Hades grego, fizesse parte de uma geografia mítica, mas uma conquista do espírito. O Reino dos Céus é o momento em que o espírito se encontra com Deus e participa do inefável prazer resultante desta união. Jesus faz referência a este estado ao dizer: "eu e meu pai somos um." Aquele que alcançou o Reino dos Céus pode ser chamado Filho do Homem, pois não mais carece das reencarnações corretoras. Por fim, Jesus faz uma afirmação clara, insofismável, que não padece a menor dúvida quanto ao seu sentido: "Se queres dar crédito, este (o Batista) é o Elias que há de vir."

Com esta afirmação Jesus diz tacitamente, sem metáforas ou símbolos, que o Tisbita Elias e João Batista são o mesmo espírito. As palavras de Jesus ganham maior relevo quando cotejamos, ainda que superficialmente, as personalidades de Elias e Batista:
129

1. **Elias** vivia nos desertos às margens do rio Querite.
2. **Elias** era profeta (médium).
3. Alimentava-se *parcamente*, com o que lhe trazia um corvo.
4. Era de *temperamento impulsivo*.
5. *Hostilizou a rainha* Jezabel.
6. *Reprochou frontalmente o comportamento* do rei Acabe.

1. **João** vivia nos desertos às margens do rio Jordão.
2. **Batista** era profeta (médium).
3. Alimentava-se de *gafanhotos* e mel silvestre.
4. Possuía *temperamento exaltado*.
5. *Hostilizou a rainha* Herodíades.

6. Condenou publicamente o comportamento adúltero de Herodes.

Aceita a tese reencarnatória, fica plenamente justificado o tipo de morte a que João Batista foi submetido (a decapitação). Quando Herodiades, através de Salomé, pede a Herodes a cabeça do Batista e a consegue, estamos frente à execução da lei de causa e efeito. A mácula causada pela morte dos profetas de Baal na história cármica de Elias, tinha que ser retirada para que ele continuasse o seu caminho na direção da Grande Luz. A passagem que acabamos de estudar é amplamente confirmada por uma outra que se encontra em *Mateus XVII*, 10-13 e *Marcos IX*, 10-13. Neste trecho, Jesus se encontra conversando com os apóstolos e os discípulos. Lhe perguntam sobre a encarnação de Elias como precursor do Messias, tese tradicional defendida pelos textos sagrados e pelos escribas, intérpretes desses textos. Jesus mostrou concordar com a tradição, mas faz um adendo interessantíssimo:

"12. Mas eu vos digo que Elias já veio e não o conheceram, antes fizeram com ele tudo o que quiseram; assim também o Filho do Homem há de padecer por parte deles." O evangelista encerra a passagem dizendo: "então os discípulos entenderam que ele lhes falara a respeito de João Batista"

130

Os apóstolos entenderam perfeitamente que Jesus, ao falar de Elias, falava, em verdade, do Batista. Elias, entretanto, havia desaparecido muitos anos antes de João, o Batista, surgir nas margens do Jordão e, sendo assim, como entender esta passagem sem a tese reencarnatória? O estranho, porém, são as ginásticas mentais, as acrobacias intelectuais que os opositores da reencarnação fazem para abafar a claridade deste texto; mas tudo é inútil, tão inútil como tentar ofuscar a luz do sol, calar a voz do vento, deter o ímpeto das ondas do mar.

Uma outra lição sobre a pluralidade das existências encontra-se nos Sinópticos: *Mateus XVIII*, 6-10; *Marcos IX*, 42-47 e *Lucas XVII*, 1-2. Neste caso, usaremos o texto de *Marcos*:

"42. E qualquer que escandalizar um destes que acreditam em mim, melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona e que fosse lançado ao mar.
43. E se tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado do que, tendo as duas mãos, ires para o geena de fogo inextinguível.
45. E se teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é para ti entrares coxo na vida do que, tendo os dois pés, seres lançado ao geena de fogo que nunca se apaga.
47. E se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares na vida com um só olho do que, com os dois olhos, seres lançado ao fogo da geena".
(*Marc. IX*, 42-47)

Estas palavras de Jesus são bastante estranhas à primeira

vista. Diz ele que, quando um órgão for objeto de tropeço, veículo de queda moral (servir de escândalo), melhor será que se arranque este órgão do que perder-se com ele. Mas que pessoa acharia sensato arrancar um olho, perna ou braço para conseguir o Reino dos Céus? Que pessoa estaria disposta a se mutilar tão cruelmente pela possibilidade de progresso espiritual? Neste caso, novamente, a única alternativa possível é a da reencarnação. Se ficarmos atentos a esta passagem, veremos que ela explica, perfeitamente, o nascimento de crianças cegas, aleijadas, etc. Tais espíritos,

131

conforme esses ensinamentos, teriam planejado as suas reencarnações expiatórias e, usando o seu livre-arbítrio, abriram mão de órgãos que lhes facilitavam os erros e lhes impediam o progresso. Não se trata, portanto, de mutilações impostas ao corpo como as que foram feitas pelos antigos ascetas no seu desejo de evolução espiritual. Os espíritos que escolheram tais encarnações e as suportam com paciência, mas sem acomodação, possuem, normalmente, grande coragem moral. Assemelham-se àqueles que, tendo de pagar uma dívida, sacrificam-se ao máximo para saudar o compromisso contraído. Este é, por certo, o sentido destas enigmáticas palavras de Jesus. Ouça-as quem tem ouvidos de ouvir.

Ao terminarmos as nossas considerações sobre a cultura judaica, esperamos ter mostrado que os espíritos não estão, como muitos pensam, exilados da Bíblia. Tentamos mostrar com um bom número de exemplos que tanto as idéias como os fenômenos espíritos estavam presentes no cotidiano do povo de Israel. Neste capítulo, esforçamo-nos em provar que a trajetória das revelações não vai do Sinai a Jerusalém, mas do Sinai a Paris.

132

PARTE 10

A GRÉCIA

O território grego lembra, curiosamente, uma grande mão descarnada, que se espalma sobre o Mar Mediterrâneo. Quando se estuda este território, costuma-se dividi-lo em três porções bastante distintas: Grécia Continental, que se situa ao norte do Istmo de Corinto; Grécia Peninsular, que fica ao sul deste mesmo istmo; e Grécia Insular, formada por um grande número de ilhas que se espalham principalmente pelo Mar Egeu. características geográficas notáveis: a presença ubíqua do mar e a força acachapante das montanhas. Na Grécia existem numerosas cadeias de montanhas que dominam cerca de 80% do total de seu território. Entre as montanhas, como oásis verdes, vêem-se férteis planícies, lugares excelentes para o desenvolvimento de aglomerados humanos.

Nota: Zeus, escultura grega do século IV a. C.

O mar tudo invade, tudo envolve, tudo abarca. Às vezes, parece avançar para tomar num abraço as terras bêbadas de sol e, ao recuar, deixa um litoral bastante recortado, semeado de portos muito próximos uns dos outros. É o salso mar de que nos falou Homero, mar que levou Ulisses para muitas aventuras, mar que fascinava e atraía os gregos como uma espécie de vocação irresistível.

O clima da Grécia não é uma eterna primavera como, às vezes, os poetas nos fazem pensar. Em janeiro tem início o aborrecido inverno. O vento do sul traz sombrios furacões, acompanhados de chuvas torrenciais. O vento do norte, passando pelos cimos nevados das altas montanhas, sopra no vale um frio glacial. A vida pára. As famílias se recolhem mais cedo e, com as portas e janelas fechadas, conversam ao pé das lareiras. Pelos meados de junho chega o calor. O sol reina sobre todas as coisas e a sua luz cobre as florestas, os montes mais altos e vai se misturar às águas do mar verde e sem fim. O céu se torna azul, sem uma nuvem, como o céu pintado por um artista clássico. Da terra ressecada sobe um vapor quase invisível. As fontes começam a secar, o nível dos rios baixa sensivelmente e a vegetação fica amarelada e emurchecida. Toda a natureza, abafada, parece sofrer à espera das chuvas do inverno, que lhe trarão nova vida e novas cores.

Esta é a terra onde se desenvolveu a cultura dos gregos, povo de origem indo-européia que ali se fixou muito antes que Fídias encantasse o mundo com a sua arte e Sócrates descobrisse o homem como objeto da Filosofia. Começemos, porém, o nosso estudo.

10. A Religião Grega no Tempo de Homero

Homero é tido tradicionalmente como o autor de dois poemas fundamentais para a história literária do Ocidente: a *Ilíada*, que trata de um capítulo da guerra de Tróia, e a *Odisséia*, onde se encontra a narrativa sobre o retorno de Ulisses, de Tróia para Ítaca, depois que a guerra acabou e Ílion foi saqueada.

134

O caráter principal da religião de Homero é o Antropomorfismo (*anthropos* = homem + *morphê* = forma + ismo = doutrina), ou seja, concepção religiosa que atribui aos deuses forma humana. Assim, os deuses homéricos, do ponto de vista físico, reproduzem por completo os mortais. Zeus é representado como um homem branco, alto, meia idade, porte atlético, barba espessa; Apolo é um rapazinho louro, quase imberbe, com um buço despontando tímido; Afrodite, a deusa do amor, é uma mulher sensual que seduz os homens e os deuses.

A comunidade divina vive em um monte da Tessália, chamado Olimpo, liderada por Zeus, o deus principal. Costumam participar de banquetes nos quais são consumidas grandes quantidades de ambrosia e néctar. Não deixam, entretanto, de apreciar o alimento humano. Em muitos mitos vemos os deuses

participando de banquetes oferecidos pelos mortais.

Do mesmo modo que os seres humanos, os deuses sentem fome, sede, cansaço e sono. Crescem, amadurecem, envelhecem, mas não morrem. É na imortalidade que está a única diferença entre os deuses e os homens. As deusas engravidam como as mulheres mortais e passam os 270 dias normais com os filhos no ventre. O parto é exatamente igual ao de qualquer mulher comum. A fisiologia dos deuses é a tal ponto análoga a dos mortais que eles podem ter relações sexuais com seres humanos. Destes contatos resultam filhos que são chamados heróis ou semideuses, como é o caso de Hércules, filho de Zeus e Alcmena, Perseu, filho de Zeus e Danae, Aquiles, filho de Peleu e Thetis, Enéias, filho de Anquises e Afrodite, e assim por diante.

Do ponto de vista moral, são também muito parecidos com os homens: mentem, enganam, falseiam. São hipócritas, violentos, extremados nas suas paixões. Podem, entretanto, ser amigos de seus amigos e protegem aqueles com quem simpatizam ou com quem têm algum tipo de relação. No começo da *Ilíada* (canto I), Apoio, para vingar Crisís, o seu sacerdote, manda contra os gregos que sitiavam Tróia uma peste terrível. Thetis sofre e, debilhada em

135

lágrimas, lamenta a morte prematura de seu filho, o herói Aquiles, morte que, embora ela seja uma deusa, não pode evitar.

As relações entre os deuses e os mortais são do tipo absolutistas. Eles têm poder sobre os homens porque são deuses, do mesmo modo que os reis têm direito total sobre seus súditos. Justo e bom é tudo aquilo que os deuses acham justo e bom e não compete aos homens criticá-los. Cada homem deve lembrar-se de que é homem e não deus; em outras palavras, deve conhecer o seu métron, isto é, os seus exatos limites. Esquecer-se da condição humana ou tentar superá-la é algo extremamente perigoso e destrutivo para o mortal.

O homem homérico vive em estreita dependência dos deuses. O homem nada vale (ou vale muito pouco) sem o auxílio dos deuses. Homero costuma misturar as ações humanas com as divinas porque as ações humanas só pelos deuses ganham sentido. Na *Ilíada*, Agamemnon diz que Aquiles só é poderoso porque os deuses estão ao seu lado (canto I). Como a *Híada* é um poema bélico, o auxílio dos deuses se faz quase sempre nas decisões militares. No momento em que Agamemnon, imprevidentemente, quase põe a guerra a perder (II) é Atena que inspira Ulisses a restabelecer a situação, colocando-a sob controle. Quando Pátroclo, com as armas de Aquiles, faz grandes estragos nas hostes troianas (XVI), é Apolo quem instiga Heitor a enfrentá-lo. É ainda Apolo quem aconselha a Heitor que permaneça na sua tenda e não enfrente o furioso Aquiles que, como um anjo da morte, caminha entre os cadáveres esfaumados por ele próprio (XX). Os deuses penetram nos sonhos dos homens e, por meio deste recurso, orientam a estes sobre o que devem fazer. Na *Híada*, canto II, Zeus manda a Agamemnon um sonho enganoso. Hermes,

num sonho de Príamo, rei de Tróia, aconselha-o a abandonar a tenda de Aquiles e retornar à cidade (XXIV). Assim, todo homem deve ser humilde perante os deuses, por saberem que a fragilidade da condição humana não pode prescindir do auxílio dos imortais. Em virtude desta relação com os deuses, os guerreiros da *Híada*, embora bravos e hábeis no manejo das armas, nunca agem

136

sozinhos nos combates. Os dardos cortam os ares, zunem pela violência do arremesso, mas são desviados pelos deuses ou conduzidos aos seus alvos conforme os interesses divinos. Quando, por exemplo, Antílico sofre os ataques rudes de Adamante, Poseidon, deus do mar, protege-o, fazendo com que os golpes do agressor não surtam efeito (XII).

Pairando acima dos homens e dos deuses está a figura da Moira ou destino cego. Esta é uma questão nada fácil de se resolver, principalmente porque os poemas de Homero não têm o caráter de um tratado didático de religião. Tomando-se os textos em conjunto, a Moira parece ser uma força transcendente e impessoal que determina o destino dos deuses e dos homens. No caso dos mortais, a Moira determina principalmente os três acontecimentos básicos na vida do homem: o nascimento, o casamento e a morte.

De início, poder-se-ia pensar que a Moira seria uma espécie de personificação da vontade de Zeus. Sustentam esta hipótese algumas passagens em que a Moira se encontra ligada à pessoa de Zeus ou de outras divindades, notadamente Apoio. Acresce-se a isto o fato de que Zeus é chamado algumas vezes de "Moiraketés", o que equívale dizer: o "Condutor da Moira". Em outras passagens, lemos:

"A fatídica Moira me pôs nas tuas mãos; sou odiado por Zeus-Pai que me entrega a ti" (II., XXI).

"A culpa não é de mais ninguém senão de Zeus, que odiou de morte o exército dos gregos belicosos e tachou o seu destino" (II., XI).

Esta teoria que aproxima Zeus da Moira é insuficiente, porém, para resolver o problema, pois se Zeus e a Moira formam uma unidade, como explicar que ele permita a morte de Heitor e Sarpédon, homens queridos do Crônida? Apolo, um deus que aparece também associado à Moira, não pode impedir que os troianos, povo que ele apoia durante a guerra, seja destruído pelos deuses. Uma tentativa de conciliar essas duas tendências seria

137

admitir a crença homérica em que a Moira seria uma espécie de lei cósmica e universal, um plano divino elaborado por Zeus que, uma vez estabelecido, nem o próprio Zeus poderia modificar. Examinaremos agora quais eram as crenças dos guerreiros de Homero numa vida além-túmulo. A morte é o momento mais triste e sombrio para os gregos homéricos. Tão terrível é a perda da vida que mesmo os heróis mais corajosos suplicam aos seus

vencedores que não os matem. Eles sabem que, se morrerem, irão para o Hades, uma região sombria onde continuarão existindo em corpos etéreos. Homero chama os mortos de cabeças sem forças, seres sem nervos, sombras. No Hades, entretanto, os mortos não podem esperar descanso, pois continuam com as mesmas preocupações que possuíam quando vivos. O amor e o ódio prosseguem com a mesma intensidade; em outras palavras: a morte não altera essencialmente a estrutura moral do indivíduo que continua a guardar, por completo, a sua individualidade. Na *Odisséia* temos dois cantos que podem nos dar uma idéia bastante clara do mundo dos mortos: o canto XI e o canto XIV.

Examinemos, em primeiro lugar, o canto XI. Neste canto, Ulisses, depois de ter estado no castelo da feiticeira Circe, parte para a terra dos Cimérios, onde existe uma entrada para o mundo dos mortos. Ulisses vai visitar o Hades com o objetivo de consultar o adivinho tebano Tirésias, que ali se encontra. O herói quer saber se a sua longa e acidentada viagem teria fim e se chegaria a Ítaca são e salvo.

Não se pode, entretanto, entrar em contato com os mortos sem o necessário ritual e os sacrifícios propiciatórios. Ulisses, então, cavou um fosso com um côvado de largura. Fez, a seguir, três libações para as almas dos mortos: a primeira, feita com leite misturado com mel; a segunda, com o saboroso vinho; e a terceira, com água. Por cima das libações derramou a alva farinha de cevada. Por fim, sacrificam-se os animais, cujo sangue é recolhido na cova. Atraídas pelo cheiro do sangue, surgem as almas dos mortos:

138

"Vindos do fundo do Erebo, juntaram-se as almas dos mortos: jovens desposadas, mancebos, anciões experimentados na vida, delicadas donzelas de coração alanceado por pena recente e guerreiros sem conta, feridos por lanças de bronze, vítimas de Ares, com suas armas ensangüentadas; acudiam em chusmas, de todos os lados da fossa, fazendo grande clamor, e eu me quedei pálido de terror".
(Od., XI)

Odisseu (Ulisses), que deseja entrevistar a alma de Tirésias, tira a sua espada de bronze e impede que os mortos bebam o sangue das vítimas. A primeira alma que se apresenta é a de Elpenor, companheiro de Ulisses, que havia morrido no castelo da Circe e não havia sido enterrado. Elpenor descreve a sua morte:

"Encontrando-me deitado no telhado do palácio da Circe, querendo descer, não pensei em tomar a alta escadaria, mas caminhei direto e precipitei-me ao solo, quebrei as vértebras do pescoço e minha alma baixou ao Hades".

(Od., XI)

O espírito, a seguir, pede a Ulisses que não se esqueça dele, que lhe faça uma sepultura e o enterre conforme os ritos. Solicita ainda ao companheiro que lhe coloque sobre o túmulo o

remo com o qual, em vida, remava entre os seus companheiros. A segunda alma a aparecer é Anticléia, a mãe de Ulisses. O herói, ao partir para a guerra, deixara em Ítaca a sua mãe viva e gozando saúde, de modo que, para ele, aquele encontro é surpreendente e doloroso. Entretanto, ele não permite que sua mãe beba o sangue ritual, pois ainda não falou com Tirésias, objetivo de sua viagem à terra das sombras.

A terceira alma é a de Tirésias. Ele se aproxima caminhando com gravidade. Reconhece Ulisses e pede-lhe que retire a espada que impede que ele beba o reconfortante sangue sacrificial. Ulisses atende-o. Tirésias dessedenta-se e, satisfeito, faz revelações sobre o destino do herói. Diz-lhe que chegará a Ítaca e encontrará a sua casa devastada pelos pretendentes, adianta o que deve fazer

139

para retirar a ira de Poseidon de sobre ele e, por fim, garante-lhe uma velhice feliz e opulenta. Dito isto, retira-se e penetra novamente no mundo umbroso do Hades. Antes, porém, que Tirésias parta, Ulisses, vendo sua mãe a um canto, estática, com o olhar parado, pergunta ao adivinho porque ela se encontra naquele estado, mergulhada em uma apatia tão grande a ponto de não reconhecer o próprio filho. Tirésias explica-lhe que, se ela beber o sangue, recuperará a chama da vida e então ele poderá falar com ela. Ulisses retira a espada de sobre o sangue e chama sua mãe para que se aproxime da fossa.

Anticléia, então, se achega e bebe o sangue, que parece lhe infundir novas energias e devolver-lhe a memória. Ela reconhece o filho e quer saber como ele conseguiu chegar àquelas regiões inóspitas. Pergunta-lhe se ele já esteve em Ítaca e se teve notícias da esposa e do que lhe acontece no palácio. Ele responde a ela que procurou o Hades para consultar a alma de Tirésias e que não pôs os pés ainda na rochosa Ítaca. Após isto pergunta à mãe:

”Que tipo de morte cruel te subjugou? Foi acaso uma longa enfermidade? Ou a Sagitária Artemis te feriu com suas flechas suaves? Fala-me de meu pai, do filho que deixei na pátria; mantêm eles o mesmo poderio ou este teria se passado para as mãos de estranhos? Dizem, porventura, que não mais regressarei? Revela-me os pensamentos de minha legítima mulher: continua ela junto a nosso filho e conserva intacta a minha fazenda, ou tomou por esposo algum nobre de entre os aqueus?”.
(Od., XI)

O espírito demonstra estar muito bem informado sobre a vida de seus familiares. Fala longamente de Penélope, esposa de Ulisses, de sua inabalável fidelidade e habilidade no comando político do reino. Conta como o velho Laertes (pai de Ulisses) envelheceu chorando à espera de que o filho regressasse. Finalmente, cheio de ternura, diz o espírito:

”(...) A certa Sagitária não me feriu com os seus dardos suaves, em meu palácio, nem sucumbi vítima de

enfermidade que me tivesse privado da vida em consequência do terrível definhamento do corpo; foram, sim, as saudades de ti, as preocupações a teu respeito, nobre Ulisses, a minha ternura para contigo que me tiraram a vida doce como o mel".
(*Od., XI*)

Ulisses, tocado pelas palavras carinhosas de Anticleia, é tomado da mais funda emoção, quer abraçar a mãe, mas ela lhe escapa como uma sombra. Novamente, o pranto inunda-lhe os olhos. Acusa, em desespero, a terrível Perséfone, deusa do mundo inferior, de que ela o iludia, enviando-lhe um fantasma em lugar de sua mãe. O espírito, contudo, demonstrando ter um conhecimento ponderável de sua situação, tenta esclarecer o filho: "Meu filho, Perséfone, a filha de Zeus, não pretende, de forma alguma, iludir-te. Esta é a lei dos mortos. Logo que morrem, os nervos não mais seguram a carne e os ossos e a força impetuosa do ardente fogo os destrói, logo que a vida abandona a branca ossatura e a alma se evola como um sonho. Apressa-te a regressar quanto antes à luz; guarda na memória todas essas coisas para que, em seguida, possas contá-las a tua esposa".
(*Od., XI*)

Anticleia retorna ao Hades e aparecem vários espíritos que animaram o espírito de mulheres famosas em toda a Grécia, muitas das quais pertencem à esfera do mito. São elas: Tiro, Antiope, Alcmena, Epicasta (a mesma Jocasta, mãe de Édipo), Cloris, Leda, Ifimédia, Fedra, Mera, Clímene e a odiosa Erifila. A nenhuma delas Ulisses permite que bebam o sangue das vítimas, a não ser que respondam as perguntas que ele lhes faz. Logo que as sombras femininas desaparecem, surge a alma de Agamemnon. Antes de prosseguirmos, é oportuno fazer algumas considerações introdutórias ao encontro entre Ulisses e o Atrida. Agamemnon era filho ou sobrinho de Atreu, filho de Pélops. Seu irmão chamava-se Menelau e era marido de Helena, a causadora da guerra de Tróia. Quando Paris raptou Helena e levou-a para a cidade de Tróia, na Ásia Menor, foi Agamemnon quem organizou
141

e liderou um grande exército, que tinha por objetivo recuperar a esposa de Menelau. Quando os navios se deslocavam rumo a Tróia, aconteceu que, em Aulis, Hécate, a diana subterrânea, retirou os ventos para punir uma atitude ousada de Menelau. Foi chamado o adivinho Chalchas que, entrando em comunicação com a deusa, ficou sabendo que esta só devolveria os ventos se Agamemnon entregasse a sua filha Ifigênia para ser sacrificada a ela. Agamemnon fez o que a deusa determinara, os ventos vieram e a expedição continuou a sua viagem. Clitemnestra, mulher de Agamemnon, magoada com a atitude do marido, uniu-se a Egisto, o pior inimigo de Agamemnon. Após dez anos de guerra,

Agamemnon volta vencedor e é assassinado por Clitemnestra e por seu amante Egisto.

Por isso Homero diz que, ao encontrar a alma de

Agamemnon no Hades, Ulisses nota que ele está confuso, pois ainda não conseguira assimilar bem nem a traição da esposa nem a morte inesperada. O rei de Argos, entretanto, reconhece Ulisses que, tomado de grande emoção, tenta abraçar o antigo companheiro de armas, mas, como no caso de Anticléia, suas mãos passam pelo corpo do amigo. Ulisses pergunta-lhe pelo tipo de morte que ele teve. Agamemnon se encontra extremamente revoltado. Nesta ocasião faz um discurso extremamente misógino:

"Portanto, nunca sejas manso nem mesmo com a tua mulher; não lhe confies os projetos que teu espírito haja concebido; comunica-lhe uns, oculta-lhe outros. Entretanto, Ulisses, se fores morto, não o serás por tua mulher, porque ela é a filha de Icário; a cordata Penélope é muito sensata e nutre justos propósitos em seu espírito. Deixamo-la recém-casada quando partimos para a guerra; amamentava um filho

pequenino, o qual agora, segundo penso, toma assento na assembleia dos varões. Feliz que ele é! Seu pai, de retorno à pátria, vê-lo-á; e ele, como é de justiça, abraçará seu genitor. Minha esposa não consentiu que meus olhos se deliciassem em contemplar meu filho; antes disso, atreveu-se a me tirar a vida. Quero agora dar-te um outro conselho, que deves gravar no espírito; faze que a tua nau aborde em segredo, e não às

142

claras, à terra de teus pais; porque ninguém pode confiar em mulheres. Mas fala-me, responde-me sem nada dissimular: ouviste acaso dizer que meu filho continua vivo em Orcómeno, na arenosa Pilos, ou junto de Menelau na espaçosa Esparta? Porque o ilustre Orestes ainda não morreu, mas continua na Terra".

(Od.,XI)

A fala de Agamemnon, espírito desencarnado, é a mesma de quando estava na Terra, em nada mudou. Mergulhado na ética patriarcal, ele nunca pensou que o seu comportamento autoritário e antifeminino, que culminou com o sacrifício da própria filha, não fosse um direito seu. Por isso, no plano espiritual, sente-se injustiçado, considerando-se uma vítima inocente da esposa e estendendo o seu ódio a todas as mulheres. Demonstra, entretanto, cuidado com seu filho Orestes e grande carinho para com seu amigo Ulisses. Nem uma palavra para a filha Electra, que tanto o ama e sofre com a sua ausência. A morte, de fato, como ensina a doutrina dos Espíritos, nada acrescenta nem tira ao espírito. Estão conversando Ulisses e Agamemnon quando aparece Aquiles, o herói central da *Ilíada*. Ao vê-lo Ulisses procura consolá-lo, dizendo-lhe que, quando ele era vivo, tinha o respeito de todos, que o adoravam como a um deus, e que agora, morto, reina sobre as sombras do Hades. Aquiles, entretanto, responde ao filho de

Laertes, com o coração transbordante de amargura:
"Ilustre Ulisses, não tenta consolar-me a respeito da morte; preferia trabalhar como servo da gleba, às ordens de outrem, de um homem sem patrimônio e de poucos recursos, do que reinar sobre mortos, que já nada são! Mas fala-me de meu ilustre filho: foi ele à guerra? Soube manter o seu lugar na frente de combate ou não? Fala-me também do irrepreensível Peleu, se alguma notícia tens dele: está ainda de posse de seu poder sobre os numerosos mirmidões ou é desdenhado na Hélade e em Ftia por causa da velhice lhe paralisar as mãos e os pés? Ah! Se para o socorrer eu estivesse ainda sob os raios do sol, tal como na vasta Troade, quando matava valentes guerreiros para a defesa dos argivos! Se me fosse dado voltar

143

nessas condições, embora por curto prazo de tempo, à casa de meu pai. como temeriam minha força e minhas mãos invencíveis todos aqueles que o ultrajam e o privam de suas honras!"
Ulisses, emocionado, diz a Aquiles que nada sabe sobre seu pai, o grande Peleu, marido de uma deusa, mas sobre Neptólemo ele pode dizer que ele se portou como um bravo em todas as situações e que voltara são e salvo ao seu lar. Aquiles, ouvindo aquelas informações, satisfaz-se e, mais tranqüilo, volta para o Hades. Muitos espíritos que participaram dos combates junto aos muros e sucumbiram, aparecem para ver Ulisses. Ajax, entretanto, se mantém distante, refratário, pois se encontra agastado com Ulisses por causa do julgamento das armas, quando Ulisses recebe as armas de Aquiles em lugar de Ajax, que se julgava com direito a elas. Ulisses procura falar-lhe, pede-lhe que reconsidere, que ponha fim àquele ressentimento, mas Ajax se mantém irredutível e não lhe dá a menor atenção; antes, mergulha silencioso com outras sombras para o fundo do Hades.
Por fim, Ulisses tem a visão dos condenados: vê Tício, filho da terra, Tântalo e Sísifo, cada qual sofrendo o resultado de suas condutas rebeldes à vontade dos deuses imortais. Encontra-se também com a sombra de Hércules, que se recorda com tristeza do tempo em que esteve cativo de Euristeu; mas o número de almas começa a crescer cada vez mais e Ulisses, apavorado, decide voltar para a luz e retomar o caminho de Ítaca.
No canto XXIV conta-se a chegada dos pretendentes ao Hades. Os pretendentes eram homens pertencentes à aristocracia de Ítaca que, na ausência de Ulisses, pretendiam casar-se com Penélope e tomarem para si a coroa de Ulisses. Tais homens, todavia, não se portavam apenas como pretendentes, o que lhes era perfeitamente justo, mas se tornaram ousados, violentos, cruéis e dilapidaram a fortuna de Ulisses enquanto este se encontrava em Tróia. Assim, quando o herói retorna, tem o direito de se vingar destes homens, o que ele faz, matando os principais deles.
No canto XXIV, os pretendentes são conduzidos por Hermes Psicopompo. Ao entrarem, encontram-se com

144

Agamemnon e Aquiles, que estão conversando. Agamemnon pergunta pelo modo como morreram e um deles conta como se deu a matança. Assim, consoante a estes exemplos, não ficam dúvidas de que, para os gregos, a morte não significava o fim da existência. A vida continua no Hades e o espírito não perde a sua individualidade com a morte. Prossegue amando os seus entes queridos, interessados nas suas vidas, alegrando-se com os seus sucessos e sofrendo com seus fracassos. Um trecho de Píndaro nos dá uma idéia bastante interessante sobre esta questão. Segundo este testemunho, Frixus fora obrigado a deixar a Grécia e fugir para a longínqua Cólquida. Neste país, morreu. Um dia, Frixus apareceu a um grego chamado Pelias e lhe pediu que fosse a Cólquida para buscar sua alma e traze-la para a Grécia. O espírito diz estar com saudades de sua pátria e do túmulo de sua família; entretanto, estando ligado aos seus restos mortais, não poderá abandonar a Cólquida deixando-os lá.

Foi, certamente, dessas crenças primitivas na imortalidade da alma e na existência do mundo subterrâneo para onde vão os espíritos que derivou a necessidade de se fazer um túmulo para os mortos. Conforme essas crenças, para que a alma possa gozar desta segunda vida no mundo das sombras, é necessário que o corpo esteja coberto de terra. A alma que não for enterrada conforme os ritos não tem direito a esta morada. Sem poder penetrar no Hades e gozar do repouso necessário, depois de uma vida atribulada, torna-se um espírito errante. Na forma de larva ou de fantasma, ela vaga sem destino, sem jamais receber oferendas ou alimentos. Neste caso, com o coração cheio de revolta, ele se transforma em um mau espírito. Nesta forma apavora os vivos, envia-lhes doenças e destrói-lhes as searas. De vez em quando aparecem aos vivos para lhes pedir sepultura. Deste modo, em toda a antigüidade era pacífico que o morto devesse ser enterrado para não se converter em uma alma penada, causa de males para os vivos e de infelicidades para elas próprias.

145

10.2. O Culto dos Mortos

Desde os tempos mais recuados e nas mais diferentes culturas, sempre houve a crença de que os mortos deviam ser alimentados e providos de bebidas pelos vivos. Destas crenças surgiu o culto dos mortos, com suas regras próprias e rituais específicos.

(Na Grécia, os mortos eram considerados sagrados. O povo tinha o cuidado de não ofendê-los e os tratavam por apelativos especiais como hierous (santos), krestoi (bons), makares (felizes).

Na maioria dos casos, para os antigos, o morto se convertia em um deus (daimonios). Na famosa tragédia de *Eurípides, Alcestes*, depois que a rainha morre e é enterrada, diz o dramaturgo: "junto a teu túmulo quem passar há de parar e dizer: aqui vive agora a divindade bem-aventurada. (Eurípides, *Alcestes*, 1015).

Todo grego tinha, portanto, a obrigação, mais do que isso, o dever sagrado de cuidar de seus mortos, alimentando-os e dando-lhes de beber para que

os seus antepassados não se tornem almas infortunadas, gemendo pelas solidões das estradas nas noites sem lua, quando Gorgo e Empusa deixam seus covis e vêm à superfície para apavorar os homens. Havia, na Grécia, certos lugares que eram considerados assombrados, onde não se aconselhava a que se passasse durante a noite. Heródoto (Livro I, 167) conta que os cartagineses e os tirrenos repartiram, por sorte, os fócios que haviam aprisionado, ficando os tirrenos com maior quantidade. Levaram então os prisioneiros para terra e os mataram a pedradas. Desta ocasião em diante, nem gado, nem animal de carga, nem mesmo seres humanos puderam passar pelo local onde os fócios foram mortos sem sofrerem um tipo qualquer de agressão misteriosa. Conforme o relato de Heródoto, houve pessoas que ficaram estropiadas, tiveram os membros deslocados ou se tornaram paráliticas. Os agilenses resolveram mandar os delegados ao oráculo de Delfos para expiarem seus crimes. A pitonisa aconselhou-os a fazerem suntuosas cerimônias fúnebres às suas vítimas e instituírem jogos atléticos e corridas de cavalos. Os delegados seguiram as instruções do oráculo e os fenômenos cessaram.

146

No começo do *Agamemnon* de Esquilo, Clitemnestra sonha com o espírito de Agamemnon e, imediatamente, manda que as Coephoras (jovens que fazem as libações) corram ao túmulo para alimentar o morto. Em *Alceste*, diz Eurípides que deveríamos tratar as almas dos mortos com todo o respeito para que elas nos sejam propícias. Foram estas crenças, na imortalidade da alma, na comunicação entre os dois planos e numa vida futura que formaram a base e o princípio de todos os sistemas religiosos que conhecemos.

10.3. O Culto do Fogo

"Toda casa de grego ou de romano possuía um altar, nesse altar, devia haver sempre restos de cinzas e brasas" (Coulange, *A Cidade Antiga*, p. 25). O dono da casa, sacerdote da religião doméstica, tinha por dever sagrado manter esse fogo aceso todo o tempo, não permitindo, em hipótese alguma, que ele se apagasse. À noite, quando todos iam dormir, o patriarca dirigia-se ao altar e cobria as brasas com cinzas com receio de que, durante a noite, os carvões se consumissem por completo e o fogo se apagasse. Pela manhã, bem cedo, quando acordava, antes de qualquer coisa, corria ao altar e soprava as cinzas, avivando o fogo, que voltava a brilhar. Esse fogo possuía um caráter ritual, por isso não era alimentado com qualquer tipo de madeira. Os sacerdotes deste culto sabiam distinguir entre as árvores que podiam ou não serem usadas como combustível. Além disso, o fogo deveria se manter puro e, desse modo, nenhum objeto sujo ou impuro poderia entrar em contato com ele; por extensão, perante o fogo não se podia cometer nenhuma ação indigna ou inescrupulosa. Esse fogo era como se fosse a alma da casa ou da família, porque a sua extinção implicava o término daquele grupo familiar. O fogo doméstico, naquelas famílias, funcionava como um

demônio (espírito), pois os membros do grupo lhe prestavam verdadeiro culto, praticamente o mesmo que se prestava ao espírito dos mortos. Ofertava-se ao fogo: flores, frutas, vinho e incenso. Nas horas mais aflitivas, quando se sentiam ameaçados, 147

pediam ao fogo a sua proteção. Segundo Virgílio (*Eneida*, II), durante a queda de Tróia, quando o palácio de Príamo foi invadido, Hécuba, arrastando pela mão o marido, vai procurar refúgio junto ao altar onde brilha o fogo. No momento em que Alceste resolve sacrificar-se pelo marido, Admeto, rei da Tessália, ela entrega os filhos à proteção do fogo. O fogo era também o responsável pelas boas coisas que acontecem na família. Quando Agamemnon, vencedor de Ilion, volta para Argos, coberto de glória e de saques, sua esposa Clitemnestra corre a agradecer ao fogo pelo seu retorno feliz.

O fogo é portanto um espírito protetor da família e, deste modo, o seu culto passa a ter uma estreita analogia com o culto dos mortos. O local da casa onde ficava a chama ritual era chamado Lar, e o espírito do fogo tinha também este nome. Os antigos também chamavam de lares ou heróis os espíritos dos mortos. Na Orestia, Orestes, filho de Agamemnon, manda que sua irmã Electra vá para o Lar de Pélops, ligando a idéia do fogo ao nome do seu antepassado.

Sérvio, famoso gramático romano, conta que era costume muito antigo enterrar os mortos no interior das casas, e por isso aquele lugar era chamado Lares ou Penates. Daí, Coulange deduzir: "É ilícito julgar-se, portanto, ter sido o lar doméstico na sua origem, considerado como expressão do culto dos mortos, e que sob a pedra do lar repousava um antepassado, sendo o fogo ali aceso para o honrar, parecendo esse fogo manter-lhe a vida ou representar a sua alma sempre vigilante". (Coulange, op. cit, p. 35)

Assim, o culto dos mortos e do fogo formavam a base da religião doméstica que durante muito tempo esteve ao lado da religião olímpica (religião de Homero), só perdendo prestígio à medida que o Cristianismo foi se impondo como religião de estado. Estas crenças, entretanto, não desapareceram; antes, continuaram metamorfoseadas e inclusas no Catolicismo, como práticas cristãs. 148

10.4. Oráculos e Videntes

10.4.1. Os Oráculos

Em todos os tempos e através dos mais variados meios procurou-se penetrar nos mistérios do futuro e nos segredos dos deuses; por isso, todos os povos tiveram sempre os seus oráculos, magos, adivinhos e feiticeiros. Os oráculos na Grécia eram instrumentos por meio dos quais se poderia consultar os deuses a respeito de acontecimentos futuros. Normalmente, agia-se do seguinte modo: o próprio consulente, ou pessoa por ele indicada, ia

ao oráculo com presentes aos deuses. Os sacerdotes recebiam os presentes e orientavam as pessoas quanto ao modo de fazer a consulta. A resposta, às vezes, era extremamente ambígua. Conta Heródoto (1,53) que quando Cresos, rei da Lídia, consultou o oráculo de Apolo em Delfos sobre se devia ou não fazer guerra aos persas, recebeu como resposta o seguinte: "Um grande reino vai cair". Ora, tanto o reino de Cresos como o de Ciro eram grandes reinos; deste modo, fosse qual fosse o resultado da luta, o oráculo estaria certo. O mesmo se deu com Pirro, rei do Épiro, quando sob a iminência de um ataque dos romanos. Em alguns casos parece que os oráculos eram manipulados politicamente. O oráculo de Delfos apoiou abertamente a política de Filipe da Macedônia a ponto de Demóstenes, principal opositor do partido antimacedônico, acusar o oráculo de filipiente. Alexandre, querendo impressionar o espírito de seus soldados, ofereceu ricos presentes ao oráculo de Amon para que esse o declarasse filho de Zeus. Esta, entretanto, não era uma atitude generalizada. Na história de Édipo, rei de Tebas, o oráculo não foi ambíguo e nem tentou comprar as boas graças de seus consulentes, Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas. Os gregos possuíam um grande número de oráculos. Os principais foram: os de Apolo em Claros, nas proximidades de Colofon, na Ásia Menor e na ilha de Delfos; os de Zeus em Dodona, no Épiro, e no Oásis de Amon, na Líbia, e os de Esculápio em Epidauro, na Argólia, ao norte do Peloponeso.

149

Quanto ao modo de resposta, o oráculo agia do seguinte modo: o deus respondia pela boca de uma sacerdotisa (médium), a pythia, como a chamavam. A mulher sentava-se em uma espécie de tripé coberto pela pele da serpente piton, morta pelo deus Apolo. A tripode ficava sobre uma fenda de onde emanava uma espécie de vapor, que provocava na sacerdotisa um estado de delírio durante o qual ela pronunciava palavras desconexas que eram interpretadas pelos sacerdotes. Os consulentes acreditavam que naqueles momentos a pythia estava sendo possuída por um deus (enthousiasmos) que falava por sua boca.

Os oráculos alcançaram no mundo antigo uma grande celebridade. No século I de nossa era começa a decadência desta instituição e no final do século IV são definitivamente suprimidos pelo imperador cristão Teodósio I. Os cristãos não negavam a autenticidade dos oráculos, mas atribuíam as respostas à presença de demônios.

10.4.2. Os Videntes

Os videntes eram pessoas capazes de entrar em contato com os deuses e, por meio deste recurso, prever o futuro. Os dois mais conhecidos adivinhos gregos foram Tirésias (adivinho civil) e Chalchas ou Chalchante (adivinho militar). Tirésias é o adivinho que aparece na famosa tragédia de Sófocles, Édipo-Rei, enquanto Chalchas é o adivinho que participou da expedição grega a Tróia e que, por isso, ocupa um grande espaço na Ilíada.

Uma outra adivinha notável foi Cassandra, princesa troiana, filha de Príamo e Hécuba. Conforme o mito, Cassandra conseguiu o dom da adivinhação do deus Apolo, em troca de sua virgindade. No momento, entretanto, em que o deus veio cobrar a sua parte no pacto, Cassandra se negou a atendê-lo. O deus, para se vingar, fez com que, embora as suas previsões fossem corretas, ninguém acreditasse nelas; em virtude disto, a moça enlouqueceu. Cassandra prevê a queda de Tróia, mas os principais da cidade não lhe dão a menor atenção. Quando a guerra acabou; ela se tornou presa de

150

Agamemnon, que a levou para o seu reino em Argos. Esquilo, no seu *Agamemnon*, mostra Cassandra e seu senhor chegando ao castelo. À frente da mansão, ela estaca, apavorada. Clitemnestra

manda que ela entre, mas ela nem se mexe. A rainha insiste. Inutilmente; a jovem troiana está estática; com os olhos desmesuradamente abertos ela olha para o castelo. A rainha pensa que, por ela ser bárbara (não grega), não entende a língua helênica. Cassandra permanece em êxtase. Vê na casa que está a sua frente os resíduos espirituais dos muitos crimes ali praticados.

Olhando para o castelo, ela diz:

"A casa dos Atridas; se não percebeste, é hora de saber; e não dirás que minto. Sim. Detestada pelos deuses! Cúmplice de numerosas decapitações, de fratricídios estarrecedores, ensangüentado matadouro de homens".

(*Agam.*, 1240-1245)

Cassandra revê todas as cenas bárbaras que ali se passaram; talvez os espíritos, vitimados pela mais cruel violência, ainda ali continuassem, presos às vibrações do lugar: "Ali está a evidência tétrica: crianças choram, os cutelos matam-nas e o próprio pai devora-lhes as carnes"(Agam., 1246-1247).

Ela continua descrevendo todas as cenas criminosas que ali aconteceram até que pressente a própria morte e a de Agamemnon e acusa publicamente Clitemnestra:

"Prevejo e digo-vos que um leão covarde está tramando insidioso em seu leito, lá dentro, a vingança contra o meu senhor que volta, (ai de mim, terei que suportar toda a vida o jugo da subserviência). O comandante de incontáveis naus guerreiras, destruidor de Ilion, não percebe ainda os golpes destruidores que a cadela odiosa sordidamente lhe prepara, bajulando-o com língua hipócrita e contentamento falso - flagelo traiçoeiro com desígnios torpes que o fado inelutável torna realidade. Audácia enorme! A fêmea mata o próprio macho..."

(*Agam.*, 1405-1414)

151

Mais à frente ela anuncia a própria morte e prevê a vingança **final** de Orestes:

"Apolo despoja-me hoje de meu profético aparato, agora inútil; vestida nessas mesmas roupas, humilhada,

escarnecida por amigos e inimigos unânimes, igual a charlatã sem rumo, sou maltratada qual mendiga maltrapilha! E quantas outras provações já suportei!... A morte é o desenlace que o deus-profeta destina à profetisa que antes inspirou. Em vez do altar de meu augusto pai, aguarda-me um cepo de patíbulo vermelho por sangue borbulhante de outros sacrifícios. Mas não há morte sem vingança de algum deus. Virá um dia outro vingador - o nosso - nascido para exterminar a própria mãe e castigar a morte ingloria de seu ...: pai. Um exilado errante, expulso desta terra, regressará para assentar a pedra última no edifício das inúmeras desgraças impostas a esta raça antigamente próspera”
(*Agam.*, 1458-1478)

Assim, Cassandra caminha resignadamente para a morte. Nada há que fazer: que se cumpra a vontade dos deuses imortais.

A FILOSOFIA

Neste capítulo estudaremos duas escolas de filosofia que, na Antiguidade, foram as principais representantes das idéias espíritas, principalmente as da teoria da reencarnação. Refiro-me ao Pitagorismo e ao Platonismo.

10.5.1. O Pitagorismo

A figura de Pitágoras, o fundador do Pitagorismo, chegou até nós de tal modo envolta no manto do mito que, neste caso, torna-se muito difícil separar a realidade da fantasia. A rigor, desde os primeiros tempos, de modo consciente e interessado, procurou-se fazer uma idealização da personalidade de Pitágoras. A fonte mais segura que se tem para conhecer algo de certo sobre o Pitagorismo primitivo e o seu fundador são as referências e alusões

152

feitas por seus contemporâneos. Xenofanes de Colofon ridiculariza as idéias pitagóricas sobre a transmigração das almas. Tanto Empédocles de Agrigento como Ion de Chios demonstraram ter bastante conhecimento sobre a doutrina pitagórica. Heródoto relaciona os pitagóricos com os órficos, aludindo à sua crença comum na reencarnação, o fato de não matarem animais e a abstinência de alimentação carnívora.

Assim, dos escassos documentos existentes, podemos dizer com relativa margem de segurança que Pitágoras era filho de Mnesarco e nasceu na colônia de Samos, uma cidade rival comercial de Mileto. Durante a tirania de Polícrates (538 a.C.), Pitágoras fugiu de Samos, estabelecendo-se em Crótona, na Magna Grécia, onde fundou uma associação de caráter filosófico-religioso que dali se espalhou por numerosas regiões do mundo grego como Tarento, Metaponto, Síbaris, Regium, Siracusa, entre outras. Em Crótona, os pitagóricos tiveram ampla participação

política. Por influência deles, Crótona atacou e destruiu Síbaris (511 a.C.). Tempos mais tarde, houve uma revolta contra o partido pitagórico, liderada por Cilon. Pitágoras, nesta ocasião, teria se refugiado no Metaponto, onde morreu. Os discípulos de Pitágoras continuaram no poder por muito tempo, até que houve uma rebelião, durante a qual mais de quarenta deles foram mortos, aprisionados na casa de Milon. Desta matança escaparam Lísias e Arquipos, que fugiram para Tebas. Pitágoras, como Sócrates, nada escreveu. Todo o seu ensino foi de natureza oral, e por isso começaram a correr vários escritos apócrifos atribuídos a ele, nos quais, não raro, desvirtuavam a doutrina primitiva para atender a interesses particulares.

No sistema pitagórico, o homem é formado por duas partes distintas: o corpo, de origem material, e a alma, de procedência divina. As almas procedem do Pneuma Divino. Se vivem bem, conseguem purificar-se e reintegram-se, depois da morte do corpo, no seu estado primitivo. Se, por outro lado, viveram negativamente, deverão reencarnar em corpos humanos ou de animais até que consigam a necessária purificação. Pitágoras

153

recordava-se de ter vivido sucessivamente como Aitalides, filho do deus Hermes e de uma mulher mortal; como o herói troiano Euforbo; na personalidade de Hermótimos; e como Pirro, um pescador da ilha de Delos.

A crença na palingenesia imprime ao Pitagorismo um acentuado caráter ético. É dever dos pitagóricos esforçar-se por conseguir a harmonia interior, condição fundamental para se elevar à contemplação do kosmos, mediante a qual se aproxima dos deuses. Através de uma vida voltada à contemplação, o pitagórico busca livrar-se das vidas sucessivas (ciclo tremendum) que prende o homem à matéria.

O processo de purificação deverá abarcar o homem por inteiro. O corpo, mediante uma dieta vegetariana e a abstenção de determinados alimentos. A alma, não só por meio do conhecimento da realidade exterior, como também da realidade íntima. A música, neste processo, ocupa um espaço considerável que se poderia chamar de função catártica, importante para acalmar as paixões e elevar o espírito. No caso da música, preferiam o som da citara e da lira ao da flauta, porque achavam que o som lânguido deste instrumento não era favorável à consecução da harmonia.

Esta atitude ética, esta consciência filosófica da necessidade de uma vida teórica que visava à purificação da alma através da música, da filosofia, da imortalidade da alma e da sua transmigração exerceu verdadeiro fascínio em Platão e influenciou profundamente o Platonismo.

10.5.2. Platão e o Platonismo

Nasceu Platão em Atenas no ano 429 a.C. Era originário de uma família de Eupátridas (classe dos aristocratas atenienses);

da parte de seu pai descendia de Codros, último rei de Atenas e da parte de sua mãe, Perictiona, tinha o sangue de Sólon, o grande legislador. Teve dois irmãos, um chamado Glauco e outro Adimante, que participam como personagens do grande diálogo platônico *A República*, e uma irmã por nome Potona, que foi

154

mãe de Espeusipo. Seu nome verdadeiro era Aristocles. Platão (platus, platos) foi um apelido que lhe pôs o seu professor de ginástica por causa de seus ombros largos.

Pouco antes do seu nascimento, iniciara-se a malfadada guerra do Peloponeso (431 a.C.), célebre conflito entre Esparta e Atenas que acabou com a derrota de Atenas e trouxe para a Grécia péssimas conseqüências. Platão participou desta guerra como soldado.

Como membro da aristocracia, Platão recebeu esmerada educação. Estudou matemática, música e poesia, matérias básicas dos currículos da época. No campo da filosofia, onde se destacou sobremodo, recebeu as primeiras lições de Crátilo, medíocre discípulo de Heráclito de Éfeso. O que, porém, o fez apaixonar-se pela filosofia, a ponto de jamais abandoná-la em toda a sua vida, foi o seu encontro com Sócrates. Este encontro se deu em cerca de 407 a.C., quando Platão estava com vinte e dois anos. Platão permanecerá com Sócrates até o fim da vida do mestre (399 a.C.), quando, condenado pelo tribunal de Atenas a beber cicuta, o filho de Sofronisco retornou ao plano espiritual.

Depois da morte de Sócrates, Platão, em virtude de um profundo desencanto causado pela morte do amigo, partiu para Megara com um grupo de companheiros. Não ficou muito tempo em Megara, partindo logo para uma viagem maior, quando esteve em Creta, Egito e Cirene. Regressou a Atenas mais ou menos em 396 a.C.

Os estudiosos do Platonismo colocam, entre esta data e a sua primeira viagem ao sul da Itália, onde ficava a Magna Grécia, a composição de seus grandes diálogos: *Apologia*, *Criton*, *Lakes*, *Hípias Menor*, *Mênon*, *Ion*, *Górgias*, *Alcebiades*, *Hípias Maior*, *Crátilo*, *Eutrifon* e *A República*. Em 390 a.C., quando foi à Magna Grécia, entrou em contato com importantes centros de estudos pitagóricos, o que marcará para sempre a sua filosofia. Na cidade de Tarento conheceu Árquitas, com quem, graças a diversas afinidades existentes, estabeleceu sólida e duradoura amizade.

155

Em 388 a.C. esteve na ilha da Sicília, onde se tornou amigo de Dion, cunhado de Dionísio I, o Velho, tirano de Siracusa. Com o objetivo de pôr em prática as suas idéias políticas, Platão, através de Dion, aproximou-se do Tirano. Dion, entretanto, rompeu com o cunhado, acarretando para o filósofo grandes dificuldades. Sem o apoio de Dion, Platão teve que deixar Siracusa. Dionísio permitiulhe a viagem, parecendo não lhe dar grande importância, mas,

secretamente, deu ordens a Polis, comandante da embaixada espartana que se encontrava em Siracusa e com o qual Platão viajaria, que o desembarcasse em Egina, então em guerra com Esparta, e o vendesse como escravo. Deste modo, Platão acabou em praça pública, em meio a outros cativos, exposto como mercadoria. Quiseram, porém, os fados que pelo mercado passasse um certo Aníceris, que conhecia o filósofo e, vendo-o naquele estado, comprou-o e deu-lhe a liberdade (387 a.C.).

Voltando a Atenas, abriu uma escola em um pequeno terreno a três quilômetros da cidade, perto do bairro de Colono. Em razão da escola ficar nas proximidades do templo do herói Academos, passou a chamar-se Academia. Platão permaneceu em Atenas durante 20 anos, ensinando filosofia e prossequindo a sua obra escrita (os diálogos). São deste período: *Protágoras*, *Lisis*, *Eutideino*, *Cármides*, *Clííofon*, *O Banquete*, *Fedon*, *A República* (livros II a X), *Menexeno*, *Fedro*, *Teeteto* e *Parmênides*.

Em 367 a.C. faleceu Dionísio I e, para o trono de Siracusa, subiu Dionísio II, o Jovem. Dion, acreditando ser aquela uma ótima oportunidade para Platão fazer nova tentativa de implantar a sua república em Siracusa, convidou-o a voltar a ilha, o que se deu na primavera de 366. Ainda não seria desta vez, entretanto, que o filósofo colocaria em prática as suas concepções políticas, pois houve um desgaste entre ele e o tirano que o fez (não sem dificuldades) voltar a Atenas. Por esta época escreveu dois diálogos: *O Sofista* e *O Político*.

Cinco anos mais tarde (361 a.C.), convidado pelo próprio Dionísio, Platão voltou à Sicília, desta vez acompanhado pelos membros da Academia. Não demorou muito, porém, para que o

ânimo do tirano se modificasse e a vida de Platão, de novo, corresse perigo. Desta vez só regressou a Atenas graças à enérgica intervenção de seu amigo Árquitas de Tarento, que enviou um navio equipado para resgatá-lo.

Platão, envelhecido, não mais deixou Atenas. Em 361 a.C. havia praticamente deixado a direção da Academia ao encargo de Heráclides do Ponto. Os últimos dias de sua vida, gastou-os escrevendo *O Filebo*, *O Tuneu*, *Critias* e *As Leis*. Platão, após longa e frutífera existência, voltou ao mundo dos espíritos, por coincidência no dia de seu nascimento. Seu corpo foi enterrado nos jardins da Academia. Corria o ano de 348 a.C.

10.5.3. A Filosofia como uma Meditação sobre a Morte

A Filosofia de Platão tem, quase sempre, um tom de ascetismo que se traduz num desprezo não disfarçado pelas coisas materiais, o que converte este filosofar em uma espécie de preparação para a morte (Fraile, *História da Filosofia*, Madrid, 1965). Conforme o Platonismo, a morte não é um mal, mas um bem, porque liberta o homem de todos os males. Assim, o

verdadeiro filósofo não deve temer a morte, antes dedicar-se todos os dias de sua vida à preparação do momento em que a alma deverá separar-se do corpo. No *Fedon* fica claro que, na opinião de Platão, o filósofo desdenha dos bens materiais e dos prazeres do corpo, que prendem o espírito à matéria, dificultando-lhe a libertação. Ao contrário da busca incessante do enganoso prazer, ele procura purificar sua alma para que possa, antecipadamente, contemplar as verdades eternas. Os amigos da sabedoria (Philosophos, Philomatus) distinguem-se, portanto, dos amigos do corpo (Philossomatoi), dos amigos das riquezas (Philocrematoi), dos amigos do poder (Philarkoi) e dos amigos das honradas (Philotimoi) (Fraile, op. cit., p. 321).

A Filosofia que se depreende do *Fedon*, por conseguinte, é um esforço para auxiliar a alma a se separar do corpo, considerado

157

como um impedimento para que o espírito encontre a verdade. Preso ao corpo (soma), a alma assemelha-se a um prisioneiro no fundo de uma caverna muito escura que nada visse da realidade exterior a não ser as imagens que passam do lado de fora e que se projetam na parede da caverna. Por não conhecer as verdades do mundo superior, o prisioneiro toma estas sombras por realidades e vive em sua caverna iludido pelas aparências.

No *Fedro* esta idéia encontra-se um pouco atenuada. Neste diálogo, lê-se que o filósofo tem dois caminhos para contemplar as verdades eternas: o caminho do ascetismo e o caminho do conhecimento. A segunda via baseia-se no fato de que as almas que se destinam a reencarnar como filósofos são diferentes das almas das pessoas comuns, pois elas têm a intuição do mundo superior e conservam leves reminiscências do que viram em sua existência anterior. Quando reencarnados, esquecem as experiências passadas, mas por meio da dialética podem, em parte, recuperar a memória espiritual.

10.5.4. A Teoria das Reminiscências

As reminiscências (anamneses) se distinguem da memória comum. A memória resulta das impressões sensoriais, enquanto a reminiscência é aquilo que desperta na alma as lembranças de conhecimentos que ela possuía antes de renascer. Quando a alma se une ao corpo, estes conhecimentos são como que amortecidos, mas não perdidos, e podem ser recuperados por meio das reminiscências. Assim, para Platão, a alma não é uma tabula rasa "*in quo nihil est scriptum*", mas um ser que, ao tomar corpo, possui uma soma considerável de conhecimentos adquiridos em vidas passadas. No *Menon*, Platão tenta mostrar como um escravo ignorante, por meio de perguntas graduadas (maiêutica), consegue deduzir o teorema de Pitágoras sobre os triângulos retângulos ($A^2 = B^2 + C^2$). Ao conseguir que o escravo deduza o teorema em questão, diz Sócrates a Menon, personagem do diálogo e dono do escravo argüido:

“Sócrates - Agora bem: se sempre o teve (refere-se ao saber do escravo), é porque sempre foi conhecedor, e se o aprendeu em um determinado momento, não foi, por certo, na presente vida. Teve ele, por acaso, algum professor de geometria? Por que ele é capaz de saber geometria ou outra qualquer ciência? Porventura alguém lhe ensinou tais coisas? Tenho a impressão de que você o sabe melhor do que nós, porque ele nasceu e se criou em sua casa.”

10.5.5. O Conceito de Alma em Platão.

Quando se fala em alma no Platonismo, seria muito mais coerente falar-se em Metapsicologia do que em Psicologia. Segundo Platão, a alma não é um produto do corpo nem uma função deste. Nas *Leis*, diálogo da velhice do filósofo, ele nos diz: “A alma é o que existe no ser humano de mais divino e particular” (*As Leis*, V).

Os filósofos anteriores, como Anaxágoras de Clazômenas, nunca deixaram de atribuir à alma uma certa dose de materialidade. No *Fedon* e na *República* (livro In), Platão se esforça para despir a alma desses resíduos materiais. Para defender a sua tese, vale-se de argumentos diversos, como: 1. A alma possui desde sempre a verdade; 2. A alma é de uma simplicidade extrema; 3. A alma escapa forçosamente da decomposição do corpo; 4. A alma é capaz de reminiscências, o que comprova a sua anterioridade em relação ao corpo; 5. A alma é o elemento que dá movimento ao corpo.

Do ponto de vista de Mueller (*História da Psicologia*, p. 46), a vida psíquica no sistema de Platão é independente da vida do corpo, o qual é por ela governado. A alma platônica não pertence a este mundo. Encontra-se aqui em um corpo material em virtude de ter cometido faltas que precisam ser depuradas por meio do processo reencarnatório. Seu destino é semelhante ao de um prisioneiro atirado ao fundo de um cárcere, que anseia ardentemente por sua liberdade. Esta opinião platônica está muito próxima da que nos dizem os espíritos:

159

”400. O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

- E como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere. O espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro quanto mais grosseiro é este”.
(*O Livro dos Espíritos*, p. 213)

Deste modo, sofre o espírito encarnado um conflito terrível: de um lado, precisa do corpo como veículo de sua purificação e, por outro, aspira a se libertar de seu invólucro material para voltar ao seu mundo de origem. A rigor, a alma prisioneira só pode escapar por meio do desencarne. Há, entretanto, uma forma parcial de libertação que funciona como se fosse uma válvula de escape: o sonho. Ouçamos, sobre isto, Platão:

”São os (...) que despertam por ocasião do sono, sempre que dorme a parte da alma cujo papel é raciocinar e comandar pela doçura a outra, enquanto a parte bestial e selvagem (alma apetitiva situada no baixo ventre), tendo-se fartado de alimento e bebida, se agita e, repelindo o sono, procura continuar e saciar o pendor próprio. Sabes muito bem que, em tal circunstância, não há audácia diante da qual recue, como que desligada, desembaraçada de toda a vergonha e de toda reflexão, nem, com efeito, diante da idéia de querer unir-se à própria mãe, ou a qualquer um, homem, divindade, animal; ou de se macular em qualquer assassínio; ou de não abster-se de alimento algum. Numa palavra, em coisa alguma lhe faltam desatino ou indiferença à vergonha”

(*A República*, IX.)

Ouçamos um comentário de Kardec sobre o mesmo assunto:

”(...) Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas

160

ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós...”.

(*O Livro dos Espíritos*, questão 402, p. 213)

Que acontece com a alma após o desencarne? Neste caso o pensamento de Platão se encontra bastante afinizado com o Pitagorismo. No final de *A República* há uma narrativa bastante longa sobre o destino da alma depois da morte. Esta narrativa é conhecida sob o nome *O Mito de Her, o armênio*.

10.5.6. O Relato de Her, o Armênio

Her é um soldado, natural da Panfilia, que, depois de uma batalha, foi encontrado com o corpo intato entre os seus companheiros mortos, cujos corpos encontravam-se em estado de decomposição. Levado para casa por seus parentes, a fim de proceder ao seu enterro, voltou à vida, para espanto geral. Contou, então, que, depois de se ter desligado do corpo, pôs-se a caminhar

em companhia de muitas almas em situação semelhante. Depois de muito caminharem, chegaram a um lugar maravilhoso. Neste lugar havia duas aberturas: uma à direita, voltada para o céu, e outra à esquerda, voltada para a Terra. Entre as duas aberturas ficavam juizes que decidiam sobre o destino das almas. As almas justas entravam pela abertura à direita e seguiam para o céu, e as impuras tomavam o caminho da esquerda e voltavam à Terra. Quando chegou a vez do soldado armênio, disseram-lhe que prestasse toda a atenção a tudo o que visse porque ele teria que relatar tais coisas aos vivos. Viu diversas almas, umas que chegavam da Terra e outras que desciam do céu. Todas pareciam bastante cansadas, como se houvessem feito uma longa viagem, e se dirigiam para uma planície como se ali esperassem uma grata união. As almas saudavam-se mutuamente, muitas eram velhas conhecidas e se interrogavam umas às outras: as do céu queriam

161

notícias da Terra e as da Terra choravam e lamentavam os sofrimentos por que haviam passado na experiência carnal. As almas permaneciam naquela planície durante sete dias, no fim dos quais reencetavam a viagem. Depois de quatro dias de jornada chegavam a uma região onde se poderia contemplar uma bela luminosidade, semelhante a do arco-íris, mas de cores muito mais vivas. Ali as almas se encontravam com as Parcas. As Parcas são divindades tradicionalmente relacionadas com o destino. São representadas por três mulheres velhas, que se chamam respectivamente: Lakesis, Átropo e Cloto. No relato de Platão, Lakesis relembra os acontecimentos passados, Cloto refere-se aos do presente e Átropo prevê os do futuro. ... As almas se aproximam do trono onde se encontra Lakesis. Um adivinho mostra às almas diversos tipos de vida para que elas escolham os que julgarem mais interessantes para si. No love das vidas havia, diz o armênio, vidas de poderosos tiranos, de homens pobres, mendigos, etc. Depois que cada alma escolhe a vida que mais lhe agradou, vai ao trono de Cloto para que ela confirme a escolha e, por fim, ao trono de Átropo, para que a escolha se torne irrevogável. Passada esta etapa, as almas seguem para o vale do esquecimento, onde, após marcharem sob um calor escaldante, devem beber das águas de um rio para que se esqueçam das experiências passadas. Por fim adormecem até chegar o momento de seus renascimentos. Her, que havia sido proibido de beber da água, de repente, sem saber nem como nem por que, viu-se de novo no corpo. O mito de Her, o armênio, é muito mais rico do que o resumo que oferecemos. Tentamos conservar o que nos pareceu mais importante para o nosso trabalho, como a descrição do processo reencarnatório que, nos seus pontos gerais, encontra-se de acordo com os ensinamentos do Kardecismo, o que demonstra, à saciedade, não só a universalidade, mas também a antiguidade de tais conhecimentos.

10.6. O Orfismo

10.6.1. O Mito de Orfeu

Antes de entrarmos em considerações mais diretas sobre o Orfismo, julgamos interessante fazer um resumo da lenda de Orfeu, o fundador mitológico desta filosofia religiosa ou religião filosófica. Orfeu era filho de Apolo e da musa Calíope. Quando ainda era menino, recebeu de seu pai uma lira (Phormigx), a qual passou a ser o seu instrumento favorito. Orfeu chegou a se tornar um músico tão formidável que nada resistia ao encanto de sua lira. Quando ele dedilhava as cordas de seu instrumento, os animais se amansavam, as feras saíam do fundo das escuras florestas e vinham tranqüilas ouvir-lhe os acordes. Mesmo os ventos mais furiosos acalmavam-se ao som de sua lira e, cedendo em sua violência, transformavam-se em ligeira e acariciadora brisa. Ante a música de Orfeu mesmo as mais duras rochas sensibilizavam-se. Orfeu era rei da Trácia e, casado com Eurídice, a mais bela das Hamadríades, vivia uma vida descuidada e feliz. Não muito longe de onde vivia o músico maravilhoso, no vale florido do Tempo, onde o rio Peneu corre sussurrando por entre as folhas e os caniços amarelos, vivia o pastor Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene. Aristeu, em um dia que vagava nas proximidades do Monte Ossa, viu Eurídice e por ela se apaixonou. Desde aquele dia não teve mais sossego. Noite e dia a figura da bela Hamadríade não saía de seus pensamentos. Certa vez, ao cair da tarde, com o carro de Apolo deslizando por detrás do monte Olimpo, viu Eurídice que, distraída, colhia flores nas margens do Peneu. Com o coração ardendo de desejo, correu ao encontro dela. A ninfa o viu aproximar-se e, medrosa, começou a correr, com Aristeu em sua perseguição. De repente, Eurídice solta um grito agudo e cai. Aristeu se aproxima a ponto de ver, escapando por entre a relva, uma serpente venenosíssima. Procurou ajudá-la, era tarde. A morte tinha lhe roubado as cores do rosto e o lento arfar dos seios morenos.

163

Quando Orfeu soube do que acontecera, caiu no mais profundo dos desesperos. Não mais quis comer ou beber, afastou-se de todo o convívio humano. Não suportando mais, porém, as dores que a morte da esposa lhe causara, resolveu descer ao Hades e tirar Eurídice do mundo sombrio dos mortos. Atravessou, então, toda a Grécia até chegar aos extremos da Lacônia, onde fica o Cabo Tenaro e no qual se encontra uma abertura para o mundo dos mortos. Ao som de sua lira, Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a porta do Hades, adormeceu e ele conseguiu passar e chegar até o trono de Plutão e Prosérpina. Ali, humilde, acompanhando as suas palavras com o som mavioso de sua lira, disse: "Divindades do Mundo Subterrâneo ante quem, um dia, todos os mortais terão que comparecer, eu sou Orfeu, o rei da

Trácia; escutai as minhas palavras, pois elas não são mentirosas: não vim aqui, ó deuses, para espionar com olhos profanos os segredos do Tártaro, nem para usar minha força contra o cão que guarda as vossas portas. Vim aqui por causa da minha Eurídice, que a maldade de uma víbora enviou antes do tempo para a Mansão dos Mortos. Quem me trouxe aqui foi o Amor de asas douradas, a criança de Afrodite que dizem reinar aqui também. Devolvi, eu vos suplico, a minha Eurídice, pois não suporto mais a solidão e a saudade. Fazei tornar às faces dela a cor das rosas e das tardes ensolaradas, eu vos imploro e vos suplico pelos deuses imortais.” Assim falou Orfeu, e até as sombras foram tomadas de emoção. Os olhos de Plutão e de Prosérpina estavam cheios d’água. Mandaram, então, buscar Eurídice entre as almas recém-chegadas. Orfeu foi tomado de indizível felicidade. Os deuses dos mortos entregaram-lhe a Hamadríade, mas fizeram-lhe uma recomendação: “Não poderás, por motivo algum, olhar para tua amada enquanto estiveres saindo deste lugar.” Iniciou-se então a viagem para o reino da luz. Orfeu ia à frente e a sombra da bela Eurídice caminhava logo atrás. No momento em que o caminho ficava mais difícil e as rochas negras cortavam as mãos e os pés, Orfeu quis saber se Eurídice ainda o acompanhava e, esquecido

164

da advertência de Prosérpina, olhou para trás. Foi o suficiente para que a Hamadríade se despencasse de novo no fundo do abismo tenebroso, soltando um grito lancinante. Mais uma vez sozinho, Orfeu rondava como um lobo pelas planícies iluminadas pela luz da lua. Em vão as mais belas donzelas da Trácia tentaram consolá-lo; de todas fugia, pois a sua dor não tinha limites. Certa noite em que caminhava solitário pela floresta encontrou um grupo de bacantes que, ao vê-lo, saltaram sobre ele e o despedaçaram. Atiraram seus membros pela campina e a cabeça ao rio Ebro. A cabeça, entretanto, foi flutuando, levada pelas águas até que se deteve na margem do Golfo da ilha de Lesbos. Os habitantes da região recolheram a cabeça do músico que, imediatamente, começou a produzir oráculos. As musas, piedosamente, recolheram os pedaços de Orfeu e o enterraram ao pé do Monte Olimpo. Quanto à lira que a tantos encantara, tomada pelos deuses, foi para o céu convertida em constelação, e a alma do poeta desceu ao Hades onde, por fim, reencontrou Eurídice.

10.6.2. O Mito de Dioniso Zagreu

Este outro mito tem uma profunda importância para o sistema órfico. Segundo esta narrativa, Zeus teve um filho com Perséfone chamado Dioniso Zagreu, que, pela vontade do pai, recebeu o governo do mundo. Hera, esposa de Zeus, tomada de ciúmes, incita contra Zagreu os terríveis titãs. O pequeno deus escapa de seus perseguidores por meio de diversas metamorfoses até que, na forma de um touro, foi apanhado e esfaqueado por seus inimigos, que, a seguir, devoraram-no. Palas Atená, entretanto,

consegue salvar o coração do deus; e deste coração nasce um novo Dioniso. Ao saber do que acontecera ao seu filho, Zeus, furioso, fulmina com seus raios os titãs. Das cinzas nasce o gênero humano, que possui, a um só tempo, o princípio do Mal, derivado dos titãs, e o do Bem, derivado de Dioniso. Assim, o homem tem a necessidade de se libertar do princípio do Mal (elemento titânico) para poder fazer prevalecer o Bem, simbolizado por Dioniso. Para vencer as más inclinações, é necessário ao homem viver muitas vidas, nascer

165

e renascer até que, um dia, possa ouvir de Perséfone: "Bem-aventurado e afortunado, serás deus e não mortal."

10.6.3. O Orfismo no contexto religioso

Conforme anotou Mircea Eliade (*História das Crenças e das Idéias Religiosas*, vol. I, tomo II, p. 201), o mito de Orfeu e Eurídice lembra estranhamente as práticas xamânicas. Como Orfeu, o xamã é um curandeiro músico, tem poderes capazes de domesticar os animais ferozes e é capaz de viajar pelo mundo dos mortos. Mesmo o detalhe da cabeça que dá oráculos, encontramos-lo entre os xamãs lucajires, como se pode ver em *Lê Chamanisme et lês Treclmiqites Archaiques de LExtase*, p. 307-308. As relações com o Xamanismo são suficientes para colocar Orfeu em época pré-homérica, o que, aliás, era afirmado pela tradição órfica. Qual era, porém, o sentido do Orfismo no contexto da religião grega? No século VI a.C., época em que o Orfismo esteve em evidência na Grécia, o pensamento religioso grego vivia o problema das relações entre o um e o múltiplo; ou, em outras palavras: as relações entre os homens e a divindade. A resposta dada pela religião de Homero, já nossa conhecida, era aquela que separava, por um abismo infranqueável, os homens dos deuses. A religião de Dioniso procurava resolver o problema do seguinte modo: através de técnicas especiais, os seguidores de Dioniso provocavam o êxtase (estar fora-de-si) e, em seguida, passava-se a um outro estado que se chamava Enthousiasmos, palavra que significa "ter um deus dentro de si". Deste modo, os seguidores de Dioniso acreditavam participar da divindade. Os órficos rejeitavam este tipo de participação por causa de seu caráter transitório, preferindo, em seu lugar, a Katharsis, purificação ou purgação ensinada por Apolo. O que faz, todavia, que o Orfismo seja diferente das outras manifestações que lhe eram concomitantes? O primeiro aspecto era o lugar ocupado pelo livro. No Orfismo dá-se uma importância muito grande aos textos escritos. Platão nos fala que, em sua época, havia uma grande quantidade de livros atribuídos a Orfeu e a um outro personagem chamado Museu, filho ou discípulo do

166

cantor da Trácia. O assunto da maioria desses livros era a vida depois da morte. Outros autores antigos, como Aristóteles e Eurípides, estavam também a par deste tipo de literatura.

Um segundo aspecto era o da iniciação. Ao lado dos autores de Teogonias e de outros livros doutrinários, estava um grupo de órficos a quem, mais tarde, Teofrastos chama de Orfeotelestais ou iniciados órficos. Estes homens se diziam possuidores de verdades metafísicas, as quais tinham o poder de passar, por meio de iniciação, a quem as desejasse. Os que fossem iniciados nesses mistérios teriam os conhecimentos necessários para torná-los melhores e mais felizes na Terra, além de lhes evitar os sofrimentos futuros. Platão, na *República*, nos fala desses homens, mas de um ponto de vista negativo. É possível que muitos deles fossem loucos, fanáticos, mistificadores, aproveitadores das crenças simples das pessoas; mas é possível também que houvesse homens sérios, que acreditavam sinceramente na Gnose Soterológica (conhecimento para a salvação) de que se diziam portadores. Um terceiro aspecto era a noção de imortalidade. Através de Platão pode-se ter uma idéia bastante clara das noções órficas sobre a imortalidade da alma e o seu destino post-mortem. Conforme o Orfismo, a alma se degradou em virtude de faltas cometidas e foi por isso encerrada em um corpo (Soma) que, para ela, é um verdadeiro túmulo (Sêma). Assim, em relação ao nosso discurso tradicional sobre a morte, passa a haver uma inversão, pois o nascimento (alma entra no corpo-túmulo) eqüivale à morte, enquanto a morte (alma sai do corpo-túmulo) eqüivale à vida. Empédocles de Agrigento, que seguia a doutrina órfica, costumava ensinar que a alma vive exilada na sua túnica de carne. Acreditava Empédocles na metempsicose (transmigração da alma para corpos de animais), por isso evitava comer carne por supor que, sem o saber, poderia estar comendo o veículo carnal de um amigo ou de um parente. A crença na Metempsicose, na antigüidade, foi bastante ridicularizada. Diógenes Laércio conta-nos que certa vez, Pitágoras foi visto muito atento olhando um cachorro que latia, porque julgava ouvir no latido a voz de um seu amigo.

167

A recusa em comer carne, entretanto, deveria ter razões mais sérias do que esta. Em verdade, ao recusar o alimento carnal, órficos e pitagóricos recusavam o sacrifício sangrento de animais característico do culto oficial. Com isto, não só se afastavam do culto oficial, como também de todo o culto grego que era baseado no sacrifício mítico de Prometeu. Os órficos e os pitagóricos pareciam acreditar que, em tempos imemoriais, quando os homens e os deuses viviam em comunhão, não havia sacrifício de sangue. Deste modo, recuperando este espaço perdido, os órficos imaginavam atingir mais rapidamente o estado de beatitude. Com isto terminamos esta pequena e incompleta vista dolhos nas crenças espíritas entre os gregos antigos. Acreditamos, porém, que, embora breves, estas considerações servem para mostrar o esforço do Plano Espiritual no sentido de conservar acesa, como um farol em meio ao negrume da noite, a chama do espírito. Lá na Grécia - entre as crenças pagãs, as orgias dionisiacas, os mistérios impenetráveis, a filosofia materialista estavam

presentes as idéias sobre a reencarnação e a imortalidade da alma, como um grito de advertência a cada grego: Lembraivos de que sois eternos e que vossa passagem pela Terra nada mais é do que um degrau na grande escada da evolução. Como Dioniso Zagreu, deveis sofrer inúmeras metamorfoses, ocupar muitos corpos até que possais ouvir as palavras de Perséfone: "Bem-aventurado e afortunado, serás deus e não mortal..."

168

PARTE XI

ROMA

O Lácio "*Latium*", lugar de origem da civilização romana, era uma pequena planície da Itália Central, limitada ao sul pelos Montes Albanos, a leste pelos Apeninos, ao norte pelo rio Tibre e a oeste pelo mar. Esta pequena região tem uma profunda destinação histórica, pois aí deverá se desenvolver uma cultura rica e interessantíssima que, juntamente com a civilização grega e a hebraica, fornecerá as bases para o que conhecemos como Mundo Ocidental Moderno.

11.1. A Religião Romana

11.1.1. Os Numinas

O que os romanos adoravam sob denominação de *Numina* eram poderes espirituais que, na maioria das vezes, não tinham sexo e nem mesmo forma definida. A rigor, o que interessava aos romanos era o que estas potências poderiam realizar e não o que elas eram. Um povo de espírito prático, como era o romano, não dava importância às especulações sobre os fenômenos, mas aos resultados

Nota: Escultura Romana representando o deus Baco.

169

que eles poderiam produzir. Por isso, os nomes *dosNumina* traduzem, de um certo modo, os momentos ou circunstâncias em que o homem se sente fraco perante forças que lhes são desconhecidas, *hostis* ou nas quais ele não poderia interferir diretamente.

As crianças, nos seus primeiros dias de vida, eram protegidas por quatro numina: *Cunina* (*cunoe* - berço) velava pela criança adormecida. Para que a criança se pusesse de pé e desse os primeiros passos, tinha a proteção de *Statano*. No caso da criança cair, *Lauana* a levantava. *Ossipaga* fortificava-lhe a ossatura para que crescesse forte.

O homem que tivesse dinheiro pedia a proteção de *Escules*, que guardava as moedas de bronze (*sés*) ou a de *Argentarius*, que velava pelas moedas de prata (*argentum*). O que fizesse uma grande viagem, a qual envolvesse algum tipo de perigo, pedia a proteção de *Iterduca*, o bondoso guia. Se alguém se perdesse, implorava o auxílio de *Domiduca*, que o reconduzia para casa

(domus). Para que a semente crescesse, pedia-se a ajuda de Nodatus, que presidia a tumefação da semente. Para que o invólucro da semente se formasse, apelava-se para Volutina, enquanto o seu desabrochar era dirigido por Patulena. Esses nomes, às vezes, são adjetivos que indicam modos de ação e não personalidades definidas. Em muitos casos, encontramos essas divindades agrupadas sob uma denominação comum, como o caso das Camenae, primitivamente deusas das fontes. Todos esses deuses ou potências sobrenaturais comprovam o quanto o homem sente-se fraco perante a vida e necessita de crenças que o apoiem e com ele se contatem numa relação de ajuda.

11.1.2. O Culto dos Mortos

Os romanos, como todos os povos de origem indo-européia, não aceitavam a morte como a aniquilação total do ser. O espírito do morto continua a viver no seu túmulo, embora seja esta uma vida mais pobre e apagada do que a que viveu na superfície.

170

Cícero (*Tusc.*, 1.16), diz que os mortos prosseguem vivendo embaixo da terra. Ao contrário do nosso modo de pensar, segundo o qual apenas o corpo desce à paz da sepultura, enquanto a alma, liberada, evola-se, os romanos, quando enterravam seus mortos, acreditavam estar também enterrando suas almas. Na *Eneida* (III, 67), Virgílio, descrevendo o enterro de Polidoro, termina por dizer: "Encerramos a alma no túmulo" "*Animanque sepulcro condimus*". Esta mesma idéia aparece em outros autores latinos, como Ovídio (*Pastos*, V.451) e Plínio, o Moço (*Ep.* VII, 27). Assim, era bastante comum a aparição de espíritos em Roma. Suetônio (*Vida dos doze Césares*, Caio Calígula, cap. 59) conta-nos que, ao morrer Calígula, o seu corpo foi incinerado numa pira improvisada no Jardim de Lâmia. Quando os seus irmãos voltaram do exílio, exumaram o seu corpo e sepultaram os seus restos conforme os ritos. Está bem comprovado, diz Suetônio, que no jardim onde estava enterrado Calígula eram comuns manifestações de espíritos que aterrorizavam quem se aventurasse por ali. Na casa em que viveu Calígula os espíritos causavam grande confusão, através de ruídos e aparições horrendas. Os fenômenos só cessaram quando a casa foi consumida por um incêndio. Um outro relato sobre aparição de espíritos encontra-se em Plutarco (*Vida dos Homens Ilustres*, Rômulo XLV). A narrativa, em linhas gerais, é a seguinte: Rômulo havia desaparecido durante uma tempestade, de modo que ninguém sabia de seu destino, havendo até os que acusavam os senadores de ter assassinado o rei. Estando as coisas nesta perturbação, aconteceu que um nobre patrício por nome Júlio Próculo, muito estimado como homem de bem e que havia sido amigo íntimo de Rômulo, tendo inclusive vindo com ele de Alba, reuniu todo o povo na praça e lhe contou que havia estado com Rômulo. Vindo para a

cidade, encontrou o soberano desaparecido. Ele estava mais belo do que de costume, vestia-se de branco e com armadura reluzente que brilhava como fogo. Embora assustado com aquela visão, Júlio Próculo perguntou ao amigo: "Por que nos deixaste expostos a falsas calúnias e imputações iníquas que nos tornaram suspeitos

171

por tua partida? Por que abandonaste a tua cidade órfã em luto infinito?" Às perguntas feitas por Próculo, Rômulo respondeu que aprovera aos deuses da parte de quem ele viera que ficasse entre os homens pelo tempo necessário para fundar uma cidade que seria, no futuro, a maior de todo o mundo e que, depois, voltasse a morar no céu. Em seguida, pediu a Próculo que não ficasse triste e que dissesse aos romanos para perseverarem, pois um dia atingiriam uma posição inigualável. Dizia também que, sob o nome de Quirino, ele seria o guia protetor da cidade. Próculo, segundo Plutarco, jurava pelos deuses maiores que tudo aquilo era verdade, pois não era homem de jurar pelos santos deuses em vão. No final do livro II da *Eneida* (En., II, 771), Enéias, o herói do poema, volta a Tróia, destruída e arrasada pelos deuses, a fim de ver se encontrava Creusa, sua esposa. Enéias anda entre os escombros da cidade, onde ainda fumegam restos de edifícios e se ouvem gemidos de sobreviventes. Dirige-se então para sua casa, pensando que talvez ela houvesse se homiziado ali. Os gregos, entretanto, haviam invadido a casa e ela era consumida por um gigantesco incêndio, que a tudo devorava com incrível violência. Assiste com tristeza o saque da cidade, os santuários incendiados, as mesas dos deuses atiradas ao chão, as taças de ouro maciço, as vestes de tecidos mais caros atiradas ao relento. No meio de toda aquela desgraça, chama a esposa por vezes repetidas. De repente, vê à sua frente Creusa. Está maior do que o seu normal e tem um aspecto aterrador. Os cabelos eriçam-lhe, o coração bate apressado e a voz se prende em sua garganta. Ela então lhe fala "Ó querido esposo, por que te agrada tanto entregar-te a uma dor inútil? Estas coisas não acontecem sem a vontade dos deuses." Em prosseguimento, ela diz a Enéias que não poderá acompanhá-lo e que ele deverá partir sem ela e que outra esposa o espera em terra distante:

"Ali coisas felizes e um reino e uma esposa real te estão reservados; afasta as lágrimas de tua querida Creusa. Eu, como descendente de Dárdano e nora da deusa Vênus, não verei mais as soberbas casas dos Mirmidões ou dos

172

Dólopes, ou irei servir às damas gregas; mas a grande mãe dos deuses me retém neste litoral. E agora adeus, e conserva o amor do nosso filho comum".

(*Eneida*, II, 771-189)

Em uma comédia de Flauto, *A Mustelaria*, um pai sai de viagem e deixa o filho cuidando da casa. O rapaz, entretanto, aproveitando-se da ausência do pai, portou-se muito mal,

promovendo orgias em sua casa. O pai volta repentinamente e o escravo da casa, por nome Tranion, tenta impedir que o velho entre e descubra as estroinices do filho:

Tranion - Aqui se cometeu um crime.

Teoprópides - Que crime? Eu não te compreendo.

Tranion - Um crime, te digo, cometido já há muito tempo.

Teoprópides - Muito tempo!

Tranion - Sim, mas só o soubemos há pouco.

Teoprópides - Mas que crime é este, quem o praticou?

Tranion - Um hospedeiro que matou traiçoeiramente o seu hóspede. O matador é o mesmo que te vendeu a casa.

Teoprópides - Matou-o?

Tranion - E roubou o ouro que possuía e o enterrou aqui mesmo nesta casa.

Teoprópides - E como descobriste tal coisa?

Tranion - Eu te direi. Escuta-me atento. Um dia seu filho foi jantar fora e, quando voltou, fomos deitar. Eu me havia esquecido de apagar a luz, levantei-me e comecei a ouvir vozes.

Teoprópides - Quem era? Talvez meu filho?

Tranion - Cala-te e contenta-te em escutar-me. Disse-me (o filho de Teoprópides) que um morto o havia visitado em sonho.

Teoprópides - Em sonho?

Tranion - Sim, e escuta. Disse-me que o morto lhe havia contado como fora a sua morte.

Teoprópides - Tudo isso em sonhos?

Tranion - E tu querias que ele contasse acordado, quando já fazia sessenta anos que havia sido morto! Às vezes falas-me como um idiota.

173

Teoprópides - Está bem. Não mais falarei.

Tranion - Eis aqui o que disse o morto. "Eu sou Diapontio, o hóspede que veio da outra parte do mar. Aqui habito. Esta é a morada que me designaram porque não me deixaram entrar no Aqueronte, por haver morrido antes do tempo. Me surpreenderam em minha boa íc. Meu hospedeiro me assassinou aqui e secretamente me enterrou nesta casa, privado das últimas honras enquanto o criminoso gozava o ouro que me roubou. Vai-te daqui que esta casa está maldita".
(Flauto, *A Mustelaria*, C. III)

Sem querermos aprofundar esta questão, apenas de passagem, gostaríamos de chamar a atenção para a analogia existente entre esta passagem do velho teatrólogo romano com os chamados fenômenos acontecidos em 1846, em Hydesville, pequena aldeia nos arredores de Nova York, que têm sido considerados como ponto de partida do Espiritismo moderno. Em outra comédia de Flauto, *A Auliilaria* (A comédia da panela), conta-se que um avarento, por ser demasiado somfítico, descuidou-se de tratar do espírito de seu antepassado, o qual ficaria à míngua de alimento se não fosse a filha do avarento zelar

modestamente por seu culto. Por isso, o espírito faz com que o avaro encontre uma panela de ouro enterrada no seu jardim. A intenção do espírito é ajudar a moça, pois, com aquela panela de ouro, o pai teria o dote necessário para casá-la.

Ao que parece eram muito comuns em Roma as casas mal-assombradas, o que inclusive era fator para abaixar os aluguéis. Nos *Pastos*, Ovídio nos dá uma receita para exorcizar espíritos que porventura se instalassem em uma casa:

"O homem piedoso,
Temente aos deuses, dedicado às crenças,
Aos ritos que dos pais herdou com o leite,
Levanta-se descalço, mudo; solta,
Com polegar e dedo médio unidos
Estalos que os fantasmas vão lhe arredem.
Vai à fonte, perlava as mãos três vezes;
174

Retrocede; as sabidas favas pretas
Meteu na boca; ao longo do caminho
Uma a uma atrás de si as vem lançando,
E ao lançá-las profere: - Isto que esparzo
Favas são, com que a mim, aos meus redimo.
Nove vezes repete a mesma loa,
Sem nunca se voltar; o espírito, crê-se
Em que vem aquelas favas apanhando,
E a segui-lo invisível. Novamente
Lava as mãos, faz soar o âneo vaso,
Implora à sombra que lhe largue a estância;
E tanto que a novena há dito,
-Pateros Manes! Fora! - volta o rosto
Já olha para trás e dá por certo
Haver cumprido à risca a cerimônia"
(Ovídio, *Os Pastos*, V)

Por tudo isso, é necessário cuidar do morto com extrema devoção, dar-lhe alimento e atenção. Por isso, certas épocas do ano são propícias para se levar alimento ao morto. Na Eneida, Virgílio nos fala dessas cerimônias:

*"Solemnes turn forte dapes et tristia dona
Libabat cineri Andromache manesque vocabat
Hectorem ad tumulum "*
(Eneida, m, 301-303)

(Por acaso Andrômaca oferecia às cinzas de Heitor solenes iguarias e tristes dádivas ? e invocava os manes junto ao túmulo de Heitor.)
Era costume também cercar-se o túmulo com grande grinalda de flores e de plantas e sobre esse túmulo derramava-se leite e vinho e, algumas vezes, sangue das vítimas. As almas lá em baixo sentem o cheiro das iguarias que os vivos lhes servem e bebem o vinho derramado sobre a sepultura. Sobre esses rituais e

as obrigações dos vivos em relação aos mortos, ouçamos mais uma vez Ovídio:

175

“Ouvi!... Ouvi!... Os túmulos nos chamam.
Almas de nossos pais, sede aplacadas,
Não pedem ricos dons as pobres cinzas:
Pouco lhes basta; não se negue pouco.
Aceitam por tesouro um brando afeto.
Cobiça é dos mortais; não é dos mortos;
Os deuses d além-túmulo a desconhecem.
Basta aos finados a singela telha,
Onde os seus vão lançar-lhe as flóreas croas
Uns grãos de farro esparso, uma pedrinha
De alvo sal, uma sopa em vinho puro,
Com seu punhado de violetas soltas;
Tudo isso no seu férculo de ferro.
Se deixe em meio da trilhada via,
Mas preciosos dons, não vos proíbo;
Mas já com estes aplacais as sombras,
Uma vez que acendendo-lhes seus lumes,
Lhes dais as orações e as frases próprias,
Ritos piedosos que o piedoso Enéias
Às terras de Latino transladou.”
(*Os Pastos, II*)

Para a maioria dos romanos, os mortos eram criaturas que tanto podiam ser bondosas quanto malévolas. Os espíritos maus e invejosos jamais ficam satisfeitos com as oferendas dos vivos, por isso costumam deixar o mundo das sombras e vir à luz para roubarem alimento ou beberem sangue humano para recuperar as energias da vida. Para afastar esses espíritos, os romanos costumavam nos dias 9, 11 e 13 de maio realizar festas chamadas Lemuria. Os gregos tinham uma festa semelhante, que se realizava na primavera e chamava-se Antesterias.

Esta concepção sobre o morto apavorante foi mais tarde substituída por uma outra que lhe era oposta. Surgem, então, os chamados “dies parentalis” ou semana dos mortos, entre os dias 13 e 21 de fevereiro. Por esta época, a família celebrava o aniversário de seus mortos. No início essas festas eram puramente domésticas e privadas; mais tarde, entretanto, tornaram-se públicas. À medida que a civilização romana progride, vai se

176

abandonando paulatinamente a concepção antiga do morto perigoso e passam a considerá-los como membros da família, habitando o túmulo familiar. Foi a partir de então que se estabeleceu o que se poderia chamar de *ius Manium* (direito dos mortos) e os deveres do culto se tornaram cada vez mais sagrados e sofisticados. No dia 22 de fevereiro, toda a família se reunia em casa e oferecia um grande banquete aos mortos. Neste dia, ninguém brigava e

mesmo as discussões, por mais ligeiras que fossem, eram evitadas. As mesas tinham lugares para os mortos, e mortos e vivos formavam uma só família, convivendo em grande regozijo.

11.2. O Canto Sexto da *Eneida*

A *Eneida* é o poema nacional dos romanos, do mesmo modo que *Os Lusíadas* é o dos portugueses. Foi escrito por Publio Virgílio Maro, o grande poeta épico do século de Augusto. Nasceu Virgílio em Andes, hoje Pistóia, nas proximidades de Mântua. Nasceu em 15 de outubro durante o consulado de C. Pompeu Magno e M. Licínio Crasso, 70 anos antes do nascimento de Jesus. Deixou a terra dos homens para voltar ao plano espiritual em 22 de setembro, no consulado de Cn. Pláncio e Q. Lucrecio, em Brindes, 19 anos antes de Cristo.

A *Eneida* é um poema épico artificial, isto é, não surgiu no seio da tradição, sendo elaborado pouco a pouco pelo trabalho de muitos aedos, mas foi criado por um poeta específico, determinado no tempo e no espaço e com objetivos muito bem definidos. A sua criação encontra-se ligada ao governo de Otaviano, cognominado o Augusto. Na época deste imperador houve um esforço para se concentrar nas mãos do estado a maior soma de poder possível, daí o processo de divinização do imperador. A *Eneida* entra neste contexto como uma espécie de "certidão de nascimento de Augusto", em outras palavras: A *Eneida* pretende provar que Augusto tem em suas veias o sangue dos deuses. A sua estrutura é tipicamente homérica. Nos seis primeiros cantos que tratam da viagem de Enéias de Tróia até ao litoral da Lavinia, Virgílio segue a *Odisséia*, e nos seis cantos finais, cujo

177

assunto é a fixação dos teucros na Itália e as lutas contra as populações locais, o modelo é a *Ilíada*.

O Canto VI é o relato da descida de Enéias ao Hades para consultar a alma de Anquises, seu pai. Encontra-se em perfeito paralelo com o canto XI da *Odisséia*, quando Ulisses desce ao Hades para consultar o famoso adivinho Tirésias.

No Canto VI, Enéias aporta em Cumas, na ilha de Eubéia.

Enquanto os marinheiros se entregam a tarefas imediatistas, como acender fogo, procurar água potável e caça na floresta "*Juvenum manus amicat ardens litus in Hesperium: quercus pars semina flammæ abstrusa in venis silicis; pars densa ferarum tecta rapit silvas inveniaque flumina monstrat*", Enéias afasta-se e subindo a uma elevação, encontra um templo de Apolo. As portas do templo são feitas de bronze e nelas se encontram esculpidos, com raros talentos, motivos mitológicos. Enéias está admirando todas aquelas maravilhas quando aparece a Sibila, que lhe ordena não perder tempo com coisas fúteis, antes deve sacrificar sete novilhas e sete ovelhas em honra da divindade. Repentinamente, porém, a Sibila sente a presença da divindade e grita: "O deus, eis

o deus" *"deus, ecce deus!"*. Quase que imediatamente, a Sibila é tomada pelo deus e com ela se passa toda uma transformação característica da incorporação mediúnica: o semblante muda-lhe por inteiro, a voz se transforma, parece aumentar de tamanho. Os cabelos desgrenhados caem-lhe sobre o rosto e o peito arfa como se o coração estivesse oprimido por um grande peso. *"Cui talia fanti ante fores súbito non vultus, non color unus, non comptae mansere comae; sed pectus anhelutn et rabia fera corda tument; maiorque videri, nec mortale sonans, afflata est numone quando jam propiore dei"*. O deus fala, então, através de seu médium. Os teucros companheiros de Enéias ficam apavorados com aquela manifestação: um frio horror corre-lhes pelos ossos *"Gelidus Teucris per dura cucurrit"*. Enéias, contrito, faz uma prece na qual implora a proteção do deus para a sua tarefa gigantesca. Apolo escuta a prece e promete a Enéias que a sua empresa terá um bom sucesso. Passará por muitas tribulações, mas, ao final, sairá vencedor.

178

O deus deixa a Sibila e Enéias faz-lhe o pedido para penetrar no Hades. Ele sabe que os vivos não podem cruzar as portas do mundo subterrâneo, mas o herói argumenta que a outros heróis tão dignos quanto ele foi permitida a descida. A Sibila acolhe com simpatia o pedido do herói e o instrui quanto ao que deve ser feito. Em primeiro lugar, deve ir a um bosque próximo, onde havia uma árvore que possuía um ramo de ouro, que ele deve colher para oferecer a Prosérpina (Persephone), rainha da região das sombras. Antes, entretanto, de partir para o bosque sagrado, deverá voltar à praia e proceder ao funeral de um seu companheiro que havia morrido.

Realizados os funerais de Miseno (este era o nome do troiano que havia morrido), Enéias segue para o bosque sagrado, recolhe o ramo de ouro e prepara-se para descer, acompanhado da Sibila. São feitos sacrifícios aos mortos e aos deuses de baixo. No interior do Hades tudo é sombrio e aterrorizante. Sombras pavorosas atacam o herói e este saca a sua espada, mas a Sibila o adverte: são sombras sem corpo, formas vazias, sutis, esvoaçantes, contra as quais de nada adianta o aço da espada *"corripit hic súbita trepidus formidine ferrum /Eneas strictamque adem venientibus offert; et ne docta comes ténues sine corpore vitas admoneat volitare cava sub imagine formae, irruat et frustra ferro diverberat uinbras"*.

Enéias continua a sua caminhada até que se encontra com o piloto Palinuro. O encontro de Enéias com Palinuro guarda exato paralelo ao encontro entre Ulisses e Elpenor, no canto XI da *Odisséia*. Ambos (Elpenor e Palinuro) tiveram morte acidental: Elpenor, caindo de cima do telhado do castelo da Circe; Palinuro, caindo de seu navio ao mar. Ambos explicam o gênero de morte que tiveram e ambos, por fim, se encontram insepultos e pedem aos seus amigos sepultura digna, conforme os ritos. Depois de rápido colóquio, Enéias deixa a sombra de Palinuro

e prossegue a viagem até chegar a uma região chamada Campo das Lágrimas "*Lugentes Campi*". Ali estão os que o amor matou com seu triste veneno, aqueles que o amor sufocou com laços de seda. O vale é rodeado por uma negra floresta, por onde vagueiam

espíritos. Neste lugar estão todas as mulheres a que o amor arrastou à morte, como Fedra, Pricris e Erifila. Entre essas mulheres, ainda com a ferida recente, encontra-se a fenícia Dido. Dido ou Elisa era uma rainha que teria fundado a colônia fenícia de Cartago. Virgílio, no Canto I da *Eneida*, faz com que Enéias aporte em Cartago. Vênus, mãe do herói, ordena a Cupido que faça Dido apaixonar-se por Enéias, a fim de favorecer os desígnios deste. Cupido realiza o desejo de sua mãe e a rainha perde-se de amor pelo belo troiano que aportara em seu reino. O tempo passa, mas Enéias tem que partir para cumprir a missão imposta pelos fados e assim, um dia, ela viu as troianas naus desaparecerem como pequenas gaivotas brancas na linha do horizonte. Sentindo-se abandonada, Dido suicida-se, deixando-se cair sobre a espada de Enéias.

No Hades, Enéias e Dido se encontram. Ela está no vale das lágrimas, encostada a uma árvore. Enéias se aproxima, lamentando-se por ter-lhe causado a morte, pede-lhe perdão, tenta explicar que não imaginara um só momento que a sua partida lhe causaria tão grande mal. Dido está em silêncio, tem os olhos cheios de lágrimas. Só o silêncio entre os dois: o silêncio acusatório de Dido e o silêncio pontilhado de remorsos de Enéias. Por fim, a rainha se afasta dignamente e de novo mergulha no seio escuro da floresta.

Enéias deixa o local onde encontrara Dido com o coração pesaroso e prossegue a sua viagem. Chega, então, a um lugar onde se encontram diversos espíritos que abandonaram o corpo físico nos duros embates de Marte. Saem-lhe ao encontro velhos amigos, agora desencarnados. Tideu, Partenope e outros heróis cercam o filho de Anquises e querem conversar, matar saudades. Passam também por ali os guerreiros gregos que, ao verem Enéias com suas armas reluzentes, tremem de medo. Dentre essas diversas aparições, a mais terrível é a de Deifobo, que ainda traz no perispírito as marcas dos ataques sofridos: "*Atque hic Priamiden laniatum corpore totó Deiphobum vidit, lacerum crudeliter ora, ora, manusque ambas, populataque tēmpora raptis auribus et trunca inhonesto vidnere nares. Vix adeo*

180

agnovit pavitantem et dirá tegentem suplicia et notis compellat vocibus ultro... " (E aqui viu Deifobo, filho de Príamo, despedaçado em todo corpo, cruelmente golpeado no rosto, tendo ambas as mãos e o nariz cortados com golpes terríveis, e as fontes da cabeça feridas, com as orelhas decepadas. Logo que Enéias o viu perturbado e cobrindo os cruéis castigos, então espontaneamente o chama com palavras conhecidas... p. 494-499).

Enéias, chocado com o estado do companheiro, pergunta-lhe sobre quem o havia deixado naquele estado. O irmão de Heitor conta a Enéias a traição de que fora vítima por parte de Helena, a rainha de Esparta, que, depois da morte de Paris, coubera a ele. Enéias quer continuar a conversa com o espírito do amigo, mas a Sibila diz-lhe que urge partir, pois muito há para se ver e fazer. O herói e seu guia, a Sibila, continuam a viagem. Passam pelo horrendo Tártaro, onde habitam na qualidade de prisioneiros os mais pavorosos monstros filhos da escuridão, até que chegam a um vale todo verde onde se encontra Anquises. Enéias, emocionado, cumprimenta o pai, tenta abraçá-lo, mas suas mãos passam pelo corpo do velho Anquises sem conseguir concretizar o gesto de afeto.

Enéias observa então uma grande quantidade de almas que se agrupam junto a um rio. Sem entender o que acontecia, Enéias pergunta ao pai sobre o que fazem ali aquelas almas. Anquises diz-lhe que aqueles espíritos bebem das águas do rio Letes, rio do esquecimento e que elas deverão reencarnar na Itália. Enéias fica admirado de que as almas possam voltar a viver na Terra em corpos materiais. Anquises, então, explica ao filho a teoria da palingenesia conforme a doutrina pitagórica. A seguir, vai indicando ao filho os espíritos que vão renascer nas terras da Itália e que participarão da edificação da nova cidade, da nova Tróia que renascerá tão longe. Mostra-lhe um espírito que se chama Sívio e que reencarnará como filho de Enéias e de Lavínia, princesa que ele conhecerá quando chegar à Itália. Vão, assim, desfilando os espíritos e Anquises vai indicando-lhes o nome e a função que irão exercer no reino novo. Nesta espécie de apresentação, inclui-se o próprio César Augusto que, pertencente à geração dos deuses, 181

há de trazer ao Latium séculos de ouro e dilatar o seu império para além do Garamante e do Indo. Prossegue Anquises revelando ao filho um futuro glorioso e mostrando-lhe os espíritos que colaborarão na fundação do Império Romano e na sua sustentação. Por fim, depois de se despedir do pai, Enéias parte do Hades, sempre acompanhado da Sibila. Leva, entretanto, no fundo de seu coração, a certeza de que seu projeto será atingido: os deuses protegerão a nova Tróia que renascerá na Europa, às margens do rio Tibre, com suas águias enormes e fortes estendendo as possantes asas sobre todos os lugares e povos.

Assim termina o canto VI, uma belíssima lição de imortalidade e de que a vida continua no plano espiritual e na Terra, através das vidas sucessivas. Nós também deixamos os romanos, admirados de como esse povo chegou tão perto de verdades que só muitos séculos depois seriam codificadas e entregues à humanidade. A natureza é vagarosa, mas firme nos seus processos e objetivos. Deus não tem pressa, pois o tempo é uma condição humana, profundamente humana.

182

CONCLUSÃO

Concluindo o nosso estudo, queremos deixar claro que tentamos esforçadamente mostrar que as verdades espíritas não foram criações de um cérebro superdotado, mas que existem desde que o homem caminha pela superfície da Terra. O trabalho de Allan Kardec, trabalho de Gênio, foi o de transformar, sob a orientação dos espíritos, todo este material difuso em um corpo doutrinário extremamente lógico e presidido pelo bom senso. Acreditamos que este tipo de trabalho possa ajudar os espíritas a perceber os esforços carinhosos que os espíritos superiores têm para com a humanidade, como são constantes nas tarefas de auxílio, como sofrem com os nossos erros e desvios, como reencarnam para nos auxiliar nos momentos difíceis por que passamos. Talvez se nós, os espíritas, compreendêssemos melhor o desejo de ajudar o nosso progresso que o Plano Espiritual tem demonstrado ao longo de nossa história, nos esforçaríamos mais para tornarmo-nos dignos de tais amigos zelosos e pacientes para com as nossas faltas. Se este texto conseguir acrescentar algo neste sentido, o seu autor fica feliz e agradece aos bons espíritos o fato de poder telo escrito.

183

Bibliografia

1. *A Bíblia Sagrada*. Trad. J. F. dos Santos. Ed. I.B.B., RJ, 1956.
2. *A Bíblia Sagrada*. Trad. Padre Soares, Ed. Gamma, 1980.
3. AUBRETON, ROBERT. *Introdução a Homero*. Dif. Europ. do Livro, SP
4. *Biógrafos e Panegiristas Latinos*. Ed. Aguilar, 1969.
5. BRUHL, LUCIEN-LEVI. *La Mentalité Primitive*. Ed. Librairie Fclix Alcan, Paris, 1929.
6. BUDGE, WALLIS. *Magia Egípcia*.
T.BvLL, M.CH. Inde Vesne.
8. CID, CARLOS ET ALII. *Historia de las religiones*. Ed. Ramon Só.
9. COULANGE, FUSTEL DE. *A Cidade Antiga*. Livr. Clássica, Lisboa, 1968.
10. DAVIDSON E COLABORADORES. *Novo comentário da Bíblia*. Edições Vida Nova, SP, 1972.
11. DELOBSON, DIN. *Lês Secrets dès Sorciers Noirs*. Ed. Librairie Emile Nourry, Paris, 1934.
12. DELPECH, A. *Histoire Populaire dès Religions*. Editions Rhea, Paris, 1925.
13. DEur.XVn: 10-16
14. DURKHEIN, EMILE. *Lês Formes Elementaires de la Vie Religieu.se: Lê Systeme Totemique in Australie*. Ed. Librairie Felix Alcan, Paris, 1925.
15. DURKHEIN. *Lês Formes Elementaires de la Vie Religieuse*.
16. ELIADE, MIRCEA. *Lí? Chamanisme*. Payotheque, Paris, 1974, p. 403.
17. ELIADE, MIRCEA. *Mito e Realidade*. Ed. Perspectiva, SP, 1972.
18. ELIADE, MIRCEA. *Tratado de História das Religiões*. M. Fontes, Lisboa, 1977.
19. ESQUILO. AGAMEMNON. Ed. Civ. Brás., 1964. Trad. M. G. Kury.
20. EVANS, PRITCHARD. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azandes*. Zahar Editores, RJ, 1978.
21. FORTUNE, R. S. *Os Feiticeiros de Dobu*. Bertrand, Lisboa, 1977.
22. FRAILE, GUILERMO. *História da Filosofia*. B.A.C., Madrid, 1965.

23. PRAZER, JAMES G. *Perigos da Alma*. Capítulo, Ramo de Ouro. ^ r
24. PRAZER, JAMES G. *The Fear of the Dead in Primitive Religions* 185
25. PRAZER, JAMES GEORGE. *L'homme, Dieu et L'immortalité*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris, 1928.
26. FROST E HOEBEL. *Antropologia Cultural e Social*. Ed. Cultrix, SP, 1981.
27. GIORDANI, MARIO CURTIS. *História da Grécia*, Ed. Vozes, RJ, 1967.
28. GIORDANI, MARIO CURTIS. *História de Roma*. Ed. Vozes, Rio, 1981.
29. HERMANN, BAUMHAUER ET ALII. *História universal*. Ed. Labor S/A, Madrid, 1960.
30. *História das Religiões*. Editorial Marin S/A, Barcelona, 1975.
31. *Os Guiseppe ria de Lãs Religiones*. Grau Biblioteca Marin. Espanha. 1975.
32. HOMERO. *A Odisséia*. Dif.Europ. do Livro, SR 1960.
33. HOMERO. *11 fada*. C.I, C. XXI -441
34. HOMERO. *7/iacia*. Dif.Europ. do Livro, SP, 1961.
35. HUBY, JOSÉ CHRITVS. *História das Religiões*. Ed. Saraiva, SP, 1956.
36. *Introdução à Leitura da Bíblia*. Orientação de J. Rinaldi. Livraria Tavares Martins, Porto, 1970.
37. KARDEC, ALLAN. *O Livro dos Espíritos*. Ed. FEB, 1958.
38. KELLER, WERNER. *E a Bíblia Tmlm Razão*. Ed. Melhoramentos, SP, 1969.
39. KONIG, FRANZ ET ALII. *Cristo y las Religiones de la Tierra*. BAC, Madrid, 1968.
40. *La Sagrada Escritura*. Texto y Comentarios por profesores de la Compañia de Jesus. B AC, Madrid, 1967.
41. LANGE, KURT. *Pirâmides, Esfinges e Faraós*. Ed. Itatiaia, BH, 1964.
42. LOMBROSO, CÉSAR. *Hipnotismo e Espiritismo*. LAKE, SP, 1976.
43. LOMBROSO, CÉSAR. *Hipnotismo e Mediunidade*. FEB, 1959.
44. M. LABOURET. *Lês Tribus de Rameau*. p. 481.
45. MALINOWSKI, BRONISLAU. *Vida Sexual dos Selvagens*. Liv. Francisco Alves, RJ, 1982.
46. MALINOWSKY, BRONISLAW. *Argonautas do Pacífico*.
47. MARSTON, S IR CHARLES. *A Bibliadissea Verdade*. Ed. Itatiaia, BH, 1963.
48. MAYR, Luci. *La Brujeria en los Pueblos Primitivos y Atuales*. E. Guadarrama S/A, Madrid, 1969.
49. MEYER, EDUARDO. *História do Egito*, in *História Universal*. Guilherme Onken, Ed. Aillaud e Bertrand. Paris.
50. MUELLER, FERNAND-LUCIEN. *História da Psicologia*. Ed. C. N. Sp. 1965
51. MURRAY, GILBERT. *The Literature of Ancient Greece*. Chicago, 1956.
52. NEUBERT, OTTO. *O Vale dos Reis*. Ed. Itatiaia, BH.
53. *O Livro dos Mortos*. Trad. EDITH DE CARVALHO NEGRÕES. Ed. Hemus, 186 RJ, 1972.
54. OVÍDIO. Os PASTOS. Clássicos Jackson, SP, 1948.
55. PAIM, ISAÍAS. Esquizofrenia. Editorial Grijalbo, SP, 1973.
56. PASTORINO, CARLOS TORRES. *A Sabedoria do Evangelho*. Grupo Espiritual Spiritvs, Rio de Janeiro, 1965.
57. PLATÃO. *Obras Completas*. Ed. Aguilar, 1979.
58. FLAUTO. *Obras Completas*. El Atheneo, Buenos Aires, 1937.
59. PLUTARCO. *Vida dos Homens Ilustres*. Ed. das Américas, SP, 1958.
60. *Proccedings of the Society for Psychal Research*, Part. XXXV.
61. RIBEIRO, DARCY. *Kadiweu*. Ed. Vozes, RJ, 1980.
62. RICCIOTTI. JOSÉ. *A Vida de Jesus*. Casa do Castelo, Coimbra, 1963.

63. RODRIGUES, JOSÉ CARLOS. *O Tabu da Morte*.
64. ROPS, DANIEL. *O Cotidiano na Vida de Israel*. Ed. Livros do Brasil, Lisboa, 1964.
65. SANTESSON, HANS STEFAN. *Tudo Sobre a Reencarnação*. Ed. Record, Rio-São Paulo, 1969.
66. SOUSA, OSWALDO RODRIGUES. *História geral*. Ed. Ática, SP, 1975.
67. SPALDING, TARSILO. *Dicionário de Mitologia Grega*. Editora Itatiaia Belo Horizonte, 1965.
68. *Textos Sagrados das Pirâmides*. Trad. G. Maspero e Kurt Sete. Ed. Livros do Mundo Inteiro, R I, 1981.
69. VESME, CÉSAR DE. *Histoire de Spiritualisme Experimental*.
70. VIRGÍLIO. *Eneida*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum Romanorum Mexicana, Universidade Autonome Nacional do México, 1953.
71. VIRGÍLIO. *Eneida*. Livraria Simões Lopes, Porto.
72. VIRGÍLIO. *Eneida*. Traduction Nouvelle avec une introduction et des notes par Maurice Rat. Classiques Garnier, Paris, 1947.
73. VIRGÍLIO. *Eneida*. Clássicos Jackson, SP, 1948.

187

Obras do mesmo autor.

A ARTE DE FALAR EM

PÚBLICO, escrita pelo erudito

Professor José Carlos Leal, é um fecundo manancial de normas e de conceitos destinados a quem deseje bom êxito oratório no falar a um auditório coletivo.

Nada tem ele de comum com aqueles velhos manuais práticos (...) bem ao contrário disso, é um trabalho de fôlego e de erudição em que o leitor, enriquecendo seu patrimônio cultural, encontrará um seguro guia para obter bom êxito quando falar em público a variados auditórios.

ELIASAR ROSA

Diretor do Dep. de Ciências Jurídicas da Univ. Gama Filho.

História da Idéias e dos Fenômenos Espíritas (Da Igreja Primitiva às Manifestações de Hydesville) Volume II

Formato 14x21 cm, 166 pp.

A Arte de Falar em Público

Formato 14x21 cm, 166 pp.

Miolo: Chambril Book, 90g, branco de alta qualidade.
Impressão em off-set na cor preto.

Tipos: Times New Roman bold, corpo 13 para os títulos e corpo 12 para sub títulos e Times New

Roman corpo 11 para os textos, corpo 10 para transcrições e corpo 9 para os rodapés.

Capa: Cartão Supremo, 250g, Impressão em off-set com quatro cores.

Composto pela I O P A

*Produzindo Livros com
Profissionalismo, Qualidade e Confiança.*

Caixa Postal 35.007 - Ramos - Rio de Janeiro-RJ
CEP 21062-970 - Tels.: (021) 888-7318 - 260-1239 - 573-4726

e-mail: leymarie@airnet.com.br
CGC: 00.269.049/0001-44-I.E. 85.796.909